



 quando TE encontrei

PAIS ALENCASTRO
LIVRO 3

THAIS OLIVEIRA



Quando TE Encontrei

PAIS ALENCASTRO
LIVRO 3

THAIS OLIVEIRA

Sumário

AGRADECIMENTOS

SOBRE A SÉRIE

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

[CAPÍTULO EXTRA](#)

[EPÍLOGO](#)

[PRÓXIMO LIVRO DA AUTORA](#)

[QUER RECEBER NOVIDADES EM PRIMEIRA MÃO?](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

Copyright © 2020 de Thais Oliveira

Todos os direitos reservados Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópias, gravações ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a previa autorização por escrito do editor, exceto em casos breves de citações em resenhas ou alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais. Este livro é um trabalho de ficção. Todos os nomes, personagens, locais e incidentes são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade, pessoas vivas ou mortas, é mera coincidência.

1º edição: 2020

Capa: TG Design.
Revisão: Andrea Moreira.
Diagramação: TG Design.

Oliveira, Thais, Quando te encontrei / Thais Oliveira

1. Romance | 2. Ficção brasileira

ALTAMIRA PARÁ



AGRADECIMENTOS

Ah, eu amo os agradecimentos.

É o lugar onde finalmente vejo que terminei mais um projeto e o quanto isso é insano. Primeiramente, agradecer a você leitor por dá uma chance a Theodoro e Sofia, espero que eles toquem seu coração da mesma maneira que fez com o meu.

A Sofia é uma mocinha sofrida. Escrevi ela em cima de pesquisas e espero ter retratado ao menos um por cento das dores dessas mulheres que passaram pelo que ela passou.

Theo é doce, é divertido, debochado, mas também sofre. Eu amo a força dele apesar de tudo.

Espero que essa história encantem vocês.

Muito obrigada as meninas do projeto pelo convite, foi um prazer trabalhar com vocês.



SOBRE A SÉRIE

A série Pais Alencastro surgiu com o convite da autora Jessica D. Santos em criar algo diferente para o dia dos pais. Cada livro conta a história de um Primo Alencastro e todos se passam simultaneamente. São livros independentes que não precisam ser lidos na ordem, mas os acontecimentos estão interligados.



prólogo

sofia

O corpinho pequeno pesa sobre meu peito, sorrio ao ver que ele ressona baixinho. Inspiro fundo, fechando os olhos e pousando a cabeça levemente no travesseiro. Meus olhos ardem conforme tento segurar as lágrimas, entretanto, quanto mais faço isso mais impossível se torna.

O trovão corta o céu e reflete na janela do quarto enquanto me encolho na velha cama de casal, apertando Noah em meus braços com medo de que ele comece a chorar e tudo novamente vire um caos.

— Eu sabia que não deveria ficar sozinha com um recém-nascido — murmuro, encarando todas as bolsas que mamãe trouxe da maternidade e deixou ali antes de ir. Eu queria muito uma ajuda, queria tanto que ela tivesse ficado ao meu lado, mas nunca pediria isso.

É minha responsabilidade.

Eu tenho que cuidar dele.

E mostrar fraqueza para minha mãe só irá piorar tudo.

Fungo e as lágrimas continuam a cair. Eu já estava nessa há um dia, levanto quando a necessidade pede, dou comida, banho e volto a me deitar novamente. É um limbo, parece que não tenho forças para ser eu novamente.

Não entendo meus pensamentos e sentimentos. Só sinto meu corpo afundando em uma tristeza descomunal, sabendo bem que preciso ser forte naquele momento.

Mais forte do que precisei ser a vida toda.



capítulo 1

theodoro

Mau humor matinal é comum sempre que eu tinha uma péssima noite de sono. E, desta vez, não é culpa da bebida, nem das mulheres, muito menos da minha mãe ou meus primos me ligando durante a madrugada. A culpa é exclusivamente da pessoa que havia acabado de se mudar para o apartamento ao lado e tem uma matraquinha que chora a noite inteira, sem pausa.

Inspiro fundo, despejando um pouco mais de pó na cafeteira para preparar um café mais forte. Caminho em direção ao quarto de Amanda e abro a porta, vendo-a toda esparramada de maneira inadequada e a boca aberta, babando. Sorrio, puxo as cobertas e a vejo reclamar.

— Me deixe dormir, papai — sussurra e torna a puxar o tecido.

Eu revido puxando de volta, mas ela não acorda. Coloco o dedo

levemente dentro de sua boca aberta e pincelo os dentes branquinhos, mas tiro com rapidez, pois ela faz o ato reflexo de mordida.

Já sabendo que Amanda não acordará de maneira nenhuma, decido pela única coisa que a tira da cama sem resmungar: música. Pego o meu celular e procuro por uma bem alegre e infantil, escolhendo a sua princesa preferida que sempre está rodando na minha televisão.

E assim que a melodia ecoa, ela coloca a mão na cabeça e se senta, de olhos fechados, cabelos loiros espalhados para todos os lados, prestes a começar a resmungar.

— Bom dia, princesa. Hora de acordar. — Pincelo seu nariz arrebitado.

Ela boceja alto.

— Está bem, papai — Amanda responde, se jogando para fora da cama de maneira dramática e deitando sobre o carpete grosso. Ela passou metade do tempo morando ali, depois do falecimento dos pais – ainda aos três anos de vida – ela começou a morar com a minha mãe, mas devido ao emprego dela, Amanda passava metade do tempo aqui em casa.

Hoje, quatro anos depois, ela já não se lembra mais tanto dos pais biológicos e, desde então, me chama de pai. Eu a trato como filha, mas deixamos sempre viva a memória de Thales, que merecia estar aqui, vivo, vendo a filha crescer.

— Sua avó já viajou. Eu tenho que levar você à escola. — Pegou o meu café e bebo um gole generoso quando a adorável gritaria começa ao lado, no outro apartamento. A nova família tinha se mudado há pouco tempo e, desde então, nunca mais tive uma noite de sono tranquila.

Como essas coisinhas adoráveis podem chorar tanto? Eu só me lembro das fases fofas de Amanda. Porém eu só acompanhei mamãe, ela que lidou com as fases difíceis da neta, mas eu sei que dona Neiva Alencastro ama aquela garota da mesma forma que eu. Ela é tudo que sobrou da memória de Thales e Aline.

— Bom dia. — Ela aparece na sala meia hora depois, segurando a mochila de maneira errada nos ombros, as duas marias-chiquinhas tortas e um pouco de creme dental na bochecha. — O senhor é péssimo me acordando.

Ela se senta em meu colo, beijando minha bochecha.

— Bom dia, criança. Eu estou de mau humor. Não dormi à noite.

— Por quê? De novo as namoradas do senhor?

Reviro os olhos. Mamãe sempre fica no meu pé com o tanto de mulheres que eu saio, diante disso, Amanda pegou todos os trejeitos dela.

— Não. Os vizinhos têm um pequeno terrorista que chora a noite toda.

— Tem um bebê no prédio?! — exclama, animada.

Sorrio e confirmo.

— Sim, mas não vamos fazer amizade. Ele é muito chorão.

— É um menino?

— Não faço ideia. É modo de falar. Mas pelo show na noite anterior, deve ser mulher.



Entro na oficina depois de deixar Amanda na escola e começo a organizar minha bancada de trabalho. Trabalho ali desde que retornei do exército, depois de cinco longos anos trabalhando naquele lugar.

Inspiro fundo algumas vezes, tenho uma dúzia de encomendas para entregar ainda hoje, e meu ajudante havia ligado dizendo que não chegaria antes do meio-dia.

Gosto da liberdade que um trabalho autônomo me dá, depois de anos seguindo regras e uma lista de restrições enorme, eu finalmente tenho livre-arbítrio para decidir as coisas em minha vida.

Eu entrei para o exército aos dezoito anos, como qualquer jovem, e fiquei por mais cinco depois dos doze meses obrigatórios. Gostava do serviço, porém, como mamãe sempre diz, minha alma é livre demais para aceitar amarras.

Paro em frente ao pequeno espelho da moto e observo minha imagem

refletida, meus cabelos loiros estão caindo levemente para o lado direito em uma bagunça charmosa, o sorriso de lado é a típica expressão que sempre adoto...

— Apreciando sua beleza, *bebê*? — A voz feminina me faz virar levemente, então vejo Daniele parada na porta, sorrindo de lado e cheia de insinuação.

Devolvo o sorriso, chamando-a para entrar. Encosto-me na minha moto e cruzo os braços, vendo-a se encaixar entre minhas pernas.

— Você me deve uma explicação pelo bolo que me deu ontem. — Ela passa o braço em volta do meu pescoço, trazendo o decote generoso bem próximo ao meu rosto.

Inspiro fundo, fazendo minha respiração bater contra sua pele.

— Eu fiquei com Amanda ontem. Mamãe viajou. — Deslizo a minha mão livre para a base da sua coluna, tocando o espaço de pele que a blusa vermelha deixa em suas costas.

— Ah, poderia ter me levado junto. Eu adoro a Amanda.

O problema é que Amanda não gosta nem um pouquinho de todas as namoradas que diz que eu tenho.

— Claro, marcamos outro dia.

Ela ri.

— Você sempre diz isso.

Realmente, eu sempre digo a mesma frase e não me arrependo nem um pouco. Todas as mulheres em minha vida sabem bem que eu não me apego, e se isso estiver bom para elas, ok, se não, eu parto. Assim evito grandes sofrimentos.



Amanda sai correndo na frente, apertando o botão no painel do elevador do nosso prédio de maneira agitada. As portas de ferro se abrem no mesmo instante que uma senhora de idade nos alcança, sorrindo em minha direção e segurando um bebê em seus braços.

O garotinho tem uma toquinha devido ao clima frio que faz em São José, as bochechas rosadas, o rostinho redondinho e adorável. Me lembro da primeira vez que vi Amanda e a peguei nos braços, recordando-me da emoção do meu irmão com o nascimento da filha.

Sorrio em sua direção e vejo quando Amanda se aproxima, pegando na mãozinha do garoto.

— Olha, papai, parece um boneco.

— Sua filha? — diz a mulher, rindo.

— Minha sobrinha.

— Ele é meu pai — retruca, brava, como sempre faz quando tentamos esclarecer às pessoas que não somos pai e filha.

— Sim, ela é minha filha.

— Filha do coração, entendo. — A senhora sorri novamente, compreendendo e tentando impedir que o garoto agarre os fios loiros de Amanda, que ri também. — Ele quer pegar tudo, arrancar todos os cabelos que ficam ao seu alcance.

— Qual é o nome dele? — minha menina sussurra, encantada.

— É Noah. Fala oi, querido. — Segura o rostinho do menino, levantando-o no ar.

— É seu filho? — Amanda indaga, curiosa.

— Não. Sou apenas a avó desta gostosura — fala, beijando a cabeça do menino.

O elevador para em meu andar, então saímos lado a lado, com Amanda conversando animadamente. Enfio a chave na porta e a mulher fez o mesmo na porta ao lado.

— Ah, somos vizinhos! — Amanda exclama, alegre. — Posso ir ver o Noah, papai?

— Acho melhor não. — Suspiro. — Ele é pequeninho, dá trabalho e, geralmente, criança assim dorme bastante.

— Pode vir quando quiser, Amanda. Vou ficar por alguns dias e Noah gosta muito de ficar acordado. — *Meu sono que o diga*, acrescento em pensamento. — Foi um prazer conhecê-los — fala, balançando a cabeça e

entrando.

Faço o mesmo e deixo que meu corpo caia cansado contra a almofada confortável. Amanda se senta na mesinha de centro e sorri de maneira que poderia ser considerada quase angelical.

— O que iremos comer? — indaga, animada. — Amanhã posso ver o Noah?

Suspiro. Eu não entendo a sua paixão por bebês, mas ela simplesmente os adora.

— Não, querida. O bebê é novinho, a mãe deve estar se adaptando a novas mudanças e a família toda deve estar uma loucura com isso tudo. — Pincelo seu nariz. — Podemos pedir pizza. O que acha?

— Pode ser de frango com catupiry?

Como pai, eu sou um zero à esquerda, tento ser melhor nisso conforme o tempo passa, mas cozinhar está fora do meu alcance. Entretanto não quero que Amanda me coloque no lugar de ser o homem idolatrado por ela, pois não me sinto digno o suficiente para isso.

— Claro. Metade calabresa. — Indico, pegando o telefone e discando o número da pizzeria. — Vá tomar banho que vou arrumar as coisas enquanto não chega.

Eu a vejo descartar os tênis na sala e a bolsa no sofá, correndo para dentro de casa. Sua rotina começa cedo e só acaba às seis. Ela vai para a aula,

depois para o balé e, por fim, para o reforço escolar que frequenta por conta da falta de tempo que temos para auxiliá-la.

Thales e Aline estavam há mais de cinco anos casados quando receberam a notícia de que iriam ter um filho. Foi uma alegria imensa, afinal, meu irmão foi quase considerado estéril. E pelos próximos meses, toda a família Alencastro ficou atenta a todos os detalhes para que tudo saísse perfeito.

Eu era o padrinho, da mesma maneira que aconteceu no casamento. Nunca vi pessoas que se amavam tanto como eles. Quando Amanda nasceu, era um pequeno pacotinho loiro idêntico a Aline. Foi ali que percebi que havia ganhado um novo pedaço do meu coração. Nem era minha filha, mas eu a amava como tal.

Os anos que passaram foram os melhores desde então, até que eles precisaram se locomover até a cidade vizinha e sofreram um acidente fatal, deixando conosco uma garotinha para cuidar.

Desvio os olhos para a imagem da família completa de Thales em um porta-retratos e inspiro fundo. *Ah, irmão, sentimos tanto a sua falta! Isso segue uma ferida aberta.*



capítulo 2

sofia

Abro os olhos enquanto sinto Noah sugando meu seio. Faço careta, inspirando fundo algumas vezes. Não quero nem dar voz aos meus pensamentos, eles me fazem sentir uma pessoa horrenda.

Mamãe mexe na cozinha enquanto eu continuo ali, olhando para o nada. Não me sinto grata por ela estar ali, e ao mesmo tempo eu sei que preciso de ajuda.

Noah se afasta do meu seio, me encarando com os olhinhos claros cheios de esperança. Observo o meu filho por cinco segundos e tenho que desviar o olhar, não aguento a maneira que dói em meu peito. Encosto a cabeça no estofado e inspiro fundo algumas vezes.

Noah é fruto de um amor adolescente. Nunca pensei que minha vida

daria um giro daquela forma! Eu amava Nathan, mas ele me quebrou de uma maneira que nunca pensei que iria fazer.

Vejo que o menino adormeceu e me levanto, colocando seu corpinho dentro do berço móvel no meio da sala. Ele tem exatos dois meses, esse é o total de dias que fez meu mundo virar de cabeça para baixo.

Sorrio saudosa ao me lembrar de quando nada disso existia. Eu era apenas uma professora da segunda série e minha vida era perfeita, pensava que quando tivesse um daqueles, eu estaria com alguém que amava. Só que nada saiu como o planejado.

— Sua sessão começa em uma hora, Sof. Acho melhor se aprontar.

Assinto, me afastando do berço em silêncio. Quase um mês indo de três em três dias ao psicólogo, tomando remédios e tentando fazer de mim uma pessoa melhor.

Paro na frente do espelho, inspirando profundamente. Meus cabelos escuros estão com uma aparência estranha, parecendo uma bucha. Meus olhos marcados com grandes bolsas embaixo. Movo a roupa folgada em meu corpo.

— Ah, Sofia... o que está acontecendo com você?

Eu duvido muito que a tal de depressão seja meu real problema. Tinha passado toda a minha gravidez muito bem, planejando o momento que estaria com Noah em meus braços, e sonhando com isso. Só que ele chegou. A carga

aumentou. Meus ombros não aguentaram o cansaço. A dor de estar sozinha com uma criança de poucos dias de vida foi demais para mim.

— Vamos lá — falo, levantando os braços e puxando a camisa para fora do meu corpo.

Preciso estar ao menos apresentável para me sentir bem em sair de casa. As únicas partes boas em ir constantemente para a terapia é que eu saio de casa e fico longe por algum tempo, mesmo que seja para falar sobre o quão péssima mãe eu sou.

Tomo um banho rápido, escolhendo um vestido leve de flores, prendendo meu cabelo curto em um rabo de cavalo minúsculo enquanto me pergunto se tenho ou não disposição para me maquiar. Inspiro fundo algumas vezes, chegando à conclusão que preciso ao menos de um batom.

Amamentar me deixa tão cansada que, na maior parte do tempo, não tenho disposição para nada.

Abro a porta de casa depois de me despedir de mamãe e coloco a bolsa no ombro. O corredor está vazio e eu nem mesmo havia tido coragem de explorar o prédio para o qual me mudei há algumas semanas.

A porta ao lado se abre e um homem passa por ela, empurrando a mulher pelo braço de maneira leve. Ela sorri para ele, passando o braço em volta do seu pescoço.

— Ei, bebê, pensei que poderíamos almoçar juntos.

— Já disse que não, Fabi. Não estou sozinho e minha mãe me mata se souber que trouxe mulher aqui.

Arqueio a sobrancelha, e antes que tenha chance de passar despercebida, ele me encara. O homem é lindo. Do tipo de tirar o fôlego.

Ele sorri e é puxado pela mulher, fazendo o olhar se afastar. Engulo em seco e caminho para longe, entrando no elevador e apertando o botão do térreo.

A cidade de São José não é muito grande, o que faz as pessoas sempre saberem da vida uma da outra. A maior parte é cercada por áreas rurais. Moro no centro e gosto daqui, a praticidade deixa a vida mais fácil.

Tento levar uma vida sem grandes escândalos, afinal, fofoca corre rápido, mas fofoca em cidade pequena corre ainda mais acelerado.

Trabalho na escola municipal da cidade. É um serviço bem-feito pelo governo, graças a Deus, não falta nada aos alunos daquele lugar. Estou com saudade de me sentir útil e inteligente com algo que faço.

Desde que tive Noah, nada tem feito muito sentido. Eu não consigo acalmar meu filho. Meus peitos doem tanto desde o primeiro momento que ele nasceu. O leite às vezes parece não sustentar. É um turbilhão de sentimentos que nem mesmo sei como agir.

Sei que mamãe veio me ajudar e sei que ela não fala, mas pensa que estraguei toda a minha vida por engravidar de Nathan. Ela tem certa razão,

afinal, não estou em um dos melhores momentos na vida.

A porta do elevador se abre e caminho para o meio-fio, vendo se o táxi de aplicativo que pedi já chegou. Penso em como tudo desmoronou, não sei se o que sinto é realmente uma depressão pós-parto, mas foram recomendados remédios e terapia. Porém não me sinto crescendo, não me vejo melhorar.

Na última semana, não consegui nem ao menos olhar para Noah. E ele é só uma criança pequena e indefesa. Essa insensibilidade crescente dentro de mim me deixa desesperada.

E se esse sentimento nunca for embora? E se eu passar a vida toda desejando que aquele menino não existisse? Eu sempre fui essa pessoa horrível? Por que amei por anos crianças que não eram minhas e quando tenho uma não sinto nada em meu peito?

Nathan me quebrou a ponto de não conseguir amar meu próprio filho?

Inspiro fundo assim que entro no veículo, desejando uma boa-tarde baixinho. Preciso entender o que está acontecendo comigo. Se realmente for consequência da depressão, irei superar. Se eu for essa pessoa ruim, preciso parar. Evoluir.



capítulo 3

theodoro

Encosto-me no carro enquanto aguardo Amanda sair da escola, deslizando o dedo pelo visor do celular, visualizando algumas mensagens de clientes e respondendo uma de mamãe, afirmando que *está tudo sob controle, que não há nada com o que se preocupar*.

A porta se abre e alguns alunos começam a passar por ela. Eu acabei de sair da oficina e estou cansado, meu corpo moído pela quantidade de trabalho pede um bom banho e comida quente.

Aproximo-me e vejo quando uma mulher distraída caminha em minha direção enquanto fala ao celular de cabeça baixa, gesticulando de maneira agitada. Eu não me movo, esperando que ela se dê conta para onde está indo.

Porém acredito que subestimei seu senso de proteção. A mulher bate

em meu peito e cambaleia para trás, deixando o celular cair no chão com o susto. Seguro a risada e alcanço o seu braço a tempo de segurar seu pulso, impedindo-a de cair completamente.

Seus olhos se focam em mim arregalados, a boca entreaberta e um susto evidente. Ela tem os cabelos escuros cortados antes dos ombros, os olhos castanhos, o rosto redondo e a boca vermelha pelo batom.

Ela é... simplesmente linda. Parece uma boneca de tão delicada!

— Desculpe... — sussurra fora de foco.

Afasto minhas mãos do seu pulso lentamente, tendo tempo suficiente para sentir a maciez da pele contra meus dedos. Encosto meu braço na beirada do portão de ferro e a encaro, abrindo um sorriso de canto enquanto sigo o passo a passo numa conquista.

É sempre um sorriso. Um toque. Uma piscada. E quem sabe, se for muito arriscado, algumas palav...

— Tia! — A voz infantil de Amanda me faz sair do transe.

A morena se abaixa a minha frente para pegar o celular no chão, o movimento faz meus olhos correrem pelas pernas torneadas e a bunda durinha dentro da calça jeans.

Ela é baixinha, mas com curvas nos lugares certos.

— Olha, fiz para a senhora. — Minha sobrinha estende em direção à mulher a folha de papel.

Arqueio a sobancelha, enquanto a observo sorrir e aceitar.

— Eu amei, Mandy, é lindo. — Aperta o desenho contra o peito, me impedindo de ver o que se trata.

Amanda finalmente me encara, sorrindo de orelha a orelha.

— Você conheceu meu papai, tia? — Ela se aproxima, enlaçando sua mão na minha.

— Não sabia que...

— Ele é meu tio. Mas é meu pai também. Eu tenho dois pais — explica como se aquilo fosse a coisa mais fácil de ser entendida. — Ela é minha professora, papai. A tia Sofia.

— Sério? — Arqueio a sobancelha. *Sofia*. Combina com ela. Fofa, delicada.

— É um prazer conhecê-lo, senhor... — fala, estendendo a mão em minha direção.

— Theo. — Aperto seus dedos finos entre os meus, sorrindo de lado. —Theodoro Alencastro.

Ela cora de maneira adorável. E eu nem sabia que tinha como uma mulher ser adorável, os únicos adjetivos que dava a elas eram sexys e gostosas, até agora.

— Bom, é muito bom revê-la, Amanda. Vemo-nos em breve. — Ela se abaixa brevemente para beijar a bochecha de Amanda, dando alguns

passos para o lado para se afastar. — Tenham uma boa tarde.

É quase seis da tarde e eu e Amanda ficamos ali, encarando Sofia ir embora.

— Estou com saudade dela. Não gosto da nova professora — minha menina sussurra, apertando minha mão.

— Ela é uma professora legal? — Começamos a caminhar para o carro, então abro a porta para que a garota entre. Encosto-me contra a lataria e observo Amanda brincar com a barra do uniforme, pensativa.

— É sim. Ela sempre tinha muita paciência.

Isso me faz rir. Sei bem como é ter que invocar a paciência quando se tem um desses pequenos lado a lado.

— Logo ela volta, acredito.

— Sim, logo ela volta.

Contorno o veículo e entro rapidamente, colocando-o na estrada em direção ao apartamento e pedindo comida durante o caminho, pois não tenho pique para preparar o jantar. Trabalho na oficina de segunda a sexta-feira. É uma boa ocupação, pois mantém meu corpo e mente ocupados, mas devido a nossa condição de vida, sei que não preciso.

Meu pai foi dono por muito tempo de uma fazenda local, e quando ele faleceu, ficou tudo para mamãe e os filhos, porém apenas Thales conseguia dar conta daquele tipo de trabalho. Sempre fui mais fã de ficar na minha, na

cidade, de preferência.

— Vamos jantar o que hoje? — Amanda indaga, curiosa.

— Pedi comida. Do Tio João — falo o nome do restaurante que ela adora e escuto um gritinho animado.

Em poucos minutos, estaciono o veículo na garagem do prédio. Gosto mais de usar minha moto, mas quando estou com Amanda, o carro é sempre mais viável.

Pego a bolsa de Amanda e a minha, com as compras que fiz durante o almoço para abastecer a geladeira. Com a garota em casa, sei que tenho que manter tudo funcionando como se isso fosse a normalidade.

Adoro ter Amanda por perto. Eu a amo como uma filha de verdade. Só que isso não diminui o fato de que não faço ideia de como lidar com Amanda, só que continuo tentando, afinal, tenho a chance de aprender, quando Thales nem pode ver a filha crescendo.

— Vem, pequena gafanhoto — brinco, chamando-a enquanto abro a porta. — Temos que fazer aquela atividade antes de adormecer. — A professora de reforço disse que precisávamos fazer uma atividade do Dia dos Pais, um conto sobre família. — Não está cedo para comemorar o Dia dos Pais?

— Não é comemoração, papai — ela diz, revirando os olhos enquanto anda ao meu lado. — A professora disse que quanto mais cedo fizermos,

melhor será.

Arqueio a sobancelha, eu sou do tipo que faz tudo em cima da hora e está tudo bem.

— Ok — é tudo que digo, entrando no elevador.

Os andares passam no painel enquanto Amanda conta como havia sido seu dia, crianças de sete anos têm um dom incrível de falarem por horas e nunca se cansarem. Não sei se é só uma especialidade da idade, ou se minha filha é apenas muito tagarela.

— Então eu disse que crianças não namoram! Não é, papai? — ela fala da amiguinha que havia dito que quer namorar um garoto na escola.

— Isso, querida. — Sorrio. — Crianças não namoram. — Enfio a chave na fechadura e a porta ao lado se abre enquanto eu faço o mesmo, revelando a mesma senhora que encontrei há alguns dias com um bebê no elevador.

— Mamãe, para onde a senhora vai? — A voz feminina e conhecida vem segundos depois, acompanhando-a porta afora. No instante que a figura aparece à minha frente, minha boca se abre. — A senhora disse que ficaria um pouco mais e eu preciso de você...

— Tia Sofia?! — A voz de Amanda expressa os meus pensamentos.

— Amanda? — Ela se vira rapidamente, arregalando os olhos em nossa direção. — O que faz aqui? — gagueja confusa, enquanto a menina

abraça suas pernas.

— Nós moramos aqui! A senhora também? Somos vizinhas? — tagarela, deixando a mulher com uma expressão confusa.

— Viu, querida? É um prédio bem amigável. Você tem que sair mais e conhecer seus vizinhos — a senhora fala, tocando os cabelos escuros, enquanto eu continuo observando a situação. — Você e Noah vão ficar bem. Prometo que a viagem até seu irmão não vai se estender.

Sofia não parece concordar, pois não fala nada nem a abraça de volta.

— Ah, menina, não veio brincar com Noah, hein? — ela fala, tocando o rostinho de Amanda, que sorri com isso.

— Papai não deixou. Disse que ele é pequeno demais...

Fico envergonhado diante daquela cena. A porta se bate e denuncia a volta da professora da minha filha para dentro do apartamento.

— Bom, não se importe com isso, se quiser fazer uma visita. Sofia adora crianças! — exclama antes de bagunçar os fios loiros da menina. — Agora eu preciso ir. Tenham uma boa noite.

A senhora se afasta e Amanda me encara pensativa.

— Será que a tia Sofia está bem? Ela parecia triste.

Começo a pensar em como responder isso, pois estou confuso. A mulher bonita da escola é professora de Amanda, que se chama Sofia e que mora ao lado da minha casa... E o que Noah é dela? Ele é o garoto que a

senhora segurava no outro dia, certo?

— Isso não é da nossa conta, que... — Não tenho tempo para falar, pois Amanda já bateu na porta, trocando os pés de maneira nervosa. — Amanda, deixe-a. Talvez queira...

A porta torna a abrir.

— Está tudo bem. — A voz meiga torna a aparecer. — Deseja algo, Amanda? — Encara minha filha com carinho, mas ela não obtém resposta, pois o choro alto e desenfreado vem do apartamento. — E agora? Como vou acalmá-lo?

Ela não parece estar falando com nenhum de nós. Apenas volta para dentro, deixando a porta aberta e um convite não dito para que Amanda invada sua privacidade.



capítulo 4

sofia

Entro novamente no apartamento ainda sem acreditar que mamãe foi embora e me deixou sozinha conhecendo bem a minha situação. Ser filha mais nova sempre permitiu que eu ficasse à margem dos problemas que Samuel encontrava no caminho, ele sempre era a prioridade.

Adentro no quarto e vejo Noah se debatendo no berço. Foco nas palavras da minha terapeuta enquanto me aproximo do meu filho, tentando engolir o nó que se forma em minha garganta. Eu me inclino e o pego nos braços, balançando de um lado para o outro de maneira constante.

Noah tem os olhos claros, como os de Nathan, os cabelos loirinhos. E não é a criança mais gordinha do mundo, para seus dois meses era para ele estar repleto de pequenas curvinhas.

— Eu não consigo nem mesmo sustentar você — resmungo comigo mesma. Sento-me na beirada da cama enquanto tiro o seio para fora e o indico para mamar. Noah o agarra com a boca e suga com força, a picada é um pouco mais incômoda que o normal.

Eu nem sei por que continua doendo, já deveria ter me acostumado, mas não consigo.

— Olha o bebê! — exclama Amanda, então percebo que deixei a porta aberta. Ela me observa amamentar o meu filho com curiosidade. Deixei de trabalhar no quinto mês por algumas complicações, minha gravidez acabou sendo de risco. Amanda não me viu com barriga de nove meses e eu nem tinha tanta barriga até o quinto mês. — É seu, né, tia?

— Sim, é meu bebê — sussurro, abobada com a maneira que a frase sai dos meus lábios. Nem mesmo conseguia admitir há semanas que ele era meu filho, que havia saído de mim.

Amanda toca os fios claros de Noah com carinho e sorri. Noah aperta o bico do meu seio entre os lábios e eu fecho os olhos, me recordando por que odeio tudo aquilo. É cansativo. Na noite anterior, ele acordou uma porção de vezes para mamar, e eu não tinha leite suficiente a maioria delas.

— Está dormindo... — Amanda sussurra.

Eu abro os olhos, vendo que Noah havia voltado a cochilar. Coloco-o no meio da cama e adiciono alguns travesseiros para impedir que ele caia no

chão.

— Cadê seu pai? — indago, juntando algumas fraldas sujas e colocando no cesto de roupas.

Amanda se aproxima de Noah, pousando os braços sobre a cama e observando-o dormir.

— Está lá fora — responde desapercivelmente.

Saio do quarto e vejo Theodoro parado no meio da minha sala, encarando-me com a sobrancelha arqueada.

— Você tem um filho? — É a primeira coisa que sai dos seus lábios. Claramente não reconhece minha versão maquiada da desleixada que viu há alguns dias na porta do apartamento. — Você é a mulher que topei há alguns dias?

— Sim. — Sorrio sem humor. — Duas versões de uma mesma pessoa.

— Mas você estava...

— Feia, eu sei — cansada, eu rebato e esfrego meu rosto. — Não faz muita diferença, sou a mesma dos dois modos. Só que no momento, maquiada e vestida de maneira decente.

— Eu não quis dizer feia. Estava diferente. — A risada escapa antes que consiga conter. Theodoro se senta no braço do sofá e me encara, analisando-me. Não gosto disso, Theodoro tem cara de homem sem-

vergonha, e claramente me observava de maneira descarada na escola.

Não quero nem mesmo prestar atenção nos fios loiros penteados em um topete estiloso. Os braços fortes estão cobertos por uma camisa xadrez, que está aberta, revelando o peitoral com uma camiseta branca.

— Como você acabou morando aqui? Minha outra vizinha era uma senhora.

— Eu tive que arrumar um local mais espaçoso para o bebê — falo, cansada. Mudei-me poucas semanas depois de ganhar bebê e ainda não havia me adaptado com as mudanças.

Observo a calça jeans apertando suas pernas de uma maneira um tanto provocativa, pois o homem tem as coxas mais grossas que as minhas.

Inspiro fundo, balançando a cabeça.

Não posso me sentir atraída por ninguém no momento, afinal, já tenho muitos problemas. Noah emite um choro alto, que me faz pular do sofá e correr novamente para o quarto. Chego lá e vejo que Amanda tenta acalmá-lo, cantando uma música baixinho.

Aproximo-me com cuidado, sem saber o que fazer. Ele já mamou, será que não foi o suficiente?

— Ele acordou sozinho, eu juro.

Sorrio com a voz amedrontada de Amanda. Pego Noah nos braços e tento acalmá-lo, mas nada surte efeito. Sinto Theodoro ao meu lado,

observando a situação com calma.

— Por que ele não para de chorar? — ele indaga, confuso.

Um riso nervoso escapa dos meus lábios enquanto balanço meu corpo de um lado para o outro, de maneira constante. Nem sei por que continuo deixando Amanda e Theodoro na minha casa, eu não conheço este homem! Mas talvez minha falta de noção se dê ao fato de que tenho medo de ficar sozinha com meu próprio filho.

— Posso tentar? — Ele dá um passo, quando passou tempo demais com Noah desesperado, recusando meu peito e não se acalmando nem sob tortura.

Encaro Theodoro com desconfiança.

— Eu ajudei a cuidar de Amanda, não sei muito, mas diante deste chororô todo, talvez tentar ajude.

E é aí que eu aceito. Não tenho mais mamãe para me ajudar a acalmá-lo, e isso me deixa sozinha numa luta que nem mesmo sei como vencer. Estendo o menino em sua direção. Ele tem dois meses e já está todo durinho, vira o pescoço para tudo ao seu redor.

Theodoro pega o meu bebê nos braços e o encara por alguns segundos, a cena parece a da coroação de Simba, em O Rei Leão, quando o macaco o estende no topo da savana.

Sorrio com a comparação, mas meu sorriso some quando o homem

aconchega o corpo pequeno de Noah contra o seu ombro, batendo levemente em suas costas e cantando baixinho para ele. O choro some. Lentamente. E eu finalmente posso ouvir o som dos carros novamente.

E o barulho do meu coração se quebrando, afinal, não consigo acalmar meu próprio filho. Isso é tão triste. Verdadeiramente triste.



capítulo 5

theodoro

O garoto em meus braços para de chorar lentamente enquanto eu repito a música do Mundo Bitá de maneira insistente. Essa é de praxe com as crianças, sempre funciona. Sofia, como uma professora, deveria saber. Ela se senta, uma expressão de derrota aparece ao ver que consegui acalmar o pequeno chorão.

— Papai é o “acalmador” de bebês! — Amanda exclama, sorrindo. Olho em sua direção, piscando. — Agora ele pode ser babá do Noah.

Só de pensar nisso, o arrepio sobe em minha espinha.

— Eu acho que seu pai tem mais o que fazer, querida. Como você fez isso? — Sofia abre um sorriso bobo ao ver o filho calmo em meus braços, mordendo as mãozinhas de maneira constante.

Noah é uma criança pequena, não deve ter mais que dois meses, e está

com seus enormes olhos azuis arregalados, enquanto morde os próprios dedinhos, descobrindo os primeiros toques.

— Eu acho que deve ser um dom. Funciona com as mulheres, dizem que crianças e...

Ela revira os olhos, claramente não caindo muito no meu papo. E isso me faz rir.

— Pode colocá-lo no berço, eu dou conta daqui. Obrigada pela ajuda.

Assinto e me inclino para colocar o menino no berço, mas quando me afasto, ele volta a chorar, desta vez mais desesperado.

— Ah, pronto, ele amou você.

— O que não é nenhuma novidade... — brinco, me aproximando novamente e me inclinando no berço. — Ei, garoto — falo, e os olhos azuis me encaram, arregalando ainda mais. — Sabia que você é o camarada mais lindão?

Ele esboça um sorriso.

— Sim. Olha que olhos. As garotas vão pirar em você, hein? — Brinco com os pezinhos que não param quietos segundos antes de o ver esboçar algumas reações contentes, continuo a falar enquanto se acalma, sem chorar. Noah só quer atenção.

— Ele só quer cuidado — falo, entre uma pausa e outra. — Você é professora, deve entender de crianças.

— Eu consigo entender qualquer criança no mundo, menos o que saiu de mim — ela sussurra em minhas costas e eu a encaro, vendo que Amanda não está no quarto. Sofia está sentada na cama, encarando o carpete branco no chão. — Não se sustenta com meu leite. Eu não sei se o quero em minha vida e nem ao menos consigo ficar uma hora com ele sem que chore por uma vida inteira e...

O soluço escapa dela. Eu me aproximo, abandonando o menino por alguns minutos enquanto a puxo para os meus braços. Nem conheço Sofia, nem sei o que estou fazendo em seu apartamento a essa altura do campeonato, mas enquanto ela chora contra meu peito, tento descobrir como tirar dela essas aflições.

— Ei. Calma. Calma. Vai ficar tudo bem. — Aliso suas costas e beijo o cabelo que tem cheiro de coco.

Sofia aperta minha camisa xadrez entre os dedos e soluça.

— Eles disseram que ia passar. Que os remédios iriam parar de fazer com que eu me sentisse assim — sussurra, devastada.

Então percebo que encontrei uma alma quebrada. Não sou uma pessoa sensível nem nada do tipo, mas sei identificar quando alguém sofre.

— Ele é meu filho, por que eu não o amo como sempre amei todas as crianças? — ela pergunta mais para si do que para qualquer outra pessoa.

— Ei. Fica calma. Ele é seu filho e você o ama, no fundo, sabe disso.

— Por que eu sinto que não? — Ela treme em meus braços.

— Por que a tia Sofia tá chorando? — Amanda reaparece na porta e Sofia se afasta rapidamente, limpando o rosto ainda de costas.

— Não estou chorando, meu amor — tenta mentir.

Amanda, muito perspicaz, coloca as mãos na cintura de maneira inquiridora.

— Então por que está toda vermelha? — Ela se aproxima, abraçando as pernas da mulher. — Não chora, tia. Não chora — pede com carinho, como sempre faz quando vê a minha mãe chorando.

— Obrigada, meu amor. Eu vou ficar bem.

— Vem, Amanda. Precisamos ir — declaro, indo até o menino, que está entretido brincando tentando alcançar um ursinho minúsculo. — Tchau, Noah. Vemo-nos em breve, campeão. — Beijo a mãozinha do garoto antes de direcionar um olhar amigável para a Sofia. — Fique bem.

— Eu vou ficar. Obrigada. — Sorri forçado enquanto saímos da casa.

Amanda espera a porta se fechar para me dar um olhar pidão.

— Não podemos chamar a tia para jantar?

— Não. Sofia precisa de um tempo sozinha.

Na verdade, eu estava preocupado, a mulher não parecia bem com a maternidade. Estava toda confusa em suas palavras.

Eu, com toda certeza, sabia zero sobre mulheres e crianças, mas uma

coisa é certa: aquela não é a reação de quem está bem com tudo isso. Porém não queria preocupar Amanda.

— Vem, vamos tomar um banho e esperar o jantar chegar.

O cansaço de um dia de trabalho havia ido embora, sendo substituído apenas pela preocupação. Amanda segue para o quarto sem reclamar e logo ouço o barulho da água correndo. Sento-me no sofá, tirando as botas com cuidado enquanto pego o celular em meu bolso.

Abro a aba de pesquisa, jogando ali “depressão pós-parto sintomas”. E logo uma série de informações pipocam na tela. Encontro explicações, listas sobre o que acontece e o que pode levar a uma depressão pós-parto.

Encaro o nada, entendendo pouco e muito confuso com tudo aquilo. Será que é isso que acontece em sua mente? O que houve na vida dela para estar cuidando de uma criança sozinha? E por que sua segurança me preocupa tanto?

Eu sequer faço o tipo de cara altruísta.

A campainha toca e me levanto, abrindo a porta ao ver que é do restaurante. Pago por nosso jantar e o coloco em cima da mesa. Havia pedido três porções, afinal, sempre quero comer um pouco mais. E é bom ter reserva.

Mas dessa vez é diferente. Separo a terceira porção dentro do micro-ondas, servindo Amanda e a mim enquanto penso no que irei fazer. Meus ouvidos estão atentos a qualquer movimentação no apartamento ao lado.

Porém nenhum choro é ouvido. Nem passos no apartamento.

E isso é o mais preocupante.



capítulo 6

sofia

Termino de arrumar a sala vendo que Noah finalmente descansou. Ele brincou por algum tempo desde que Theodoro conseguiu acalmá-lo e, em seguida, pediu para mamar. Nisso consegui inserir a mamadeira. Não é correto uma criança de dois meses tomar leite em mamadeira, mas nada sai como o planejado, as coisas acontecem como o destino impõe.

Inspiro fundo e me inclino para sentar no sofá quando escuto alguém bater à porta. O pulo para frente é instantâneo, afinal, pode ser mamãe. *Se Deus for bom comigo, é ela do outro lado.*

Abro a porta animada, já pensando que a salvação chegou e... não. Não é minha mãe.

— O que faz aqui? — Não dou espaço para que o homem entre em

meu apartamento.

Mas Theo apenas coloca seu corpo para dentro, esbarrando levemente em meu ombro.

— Trouxe o jantar.

Eu me viro lentamente enquanto o observo, não veste mais as roupas de quando chegamos ao prédio, tem agora uma calça de moletom folgada e está sem camisa. O que deixa à mostra o peitoral de seis gominhos e um monte de tatuagens espalhadas por seu corpo. Tento focar no seu rosto, afinal, não posso ficar babando no pai da minha aluna.

— Eu... — Busco uma desculpa para não ficar em sua presença. — Não estou com fome.

Theodoro arqueia a sobrancelha de maneira questionadora quando o vento bate contra a sacola de comida, trazendo o cheiro irresistível de algo muito, muito bom. Minha barriga ronca em protesto e isso é quase um reflexo do sorriso vitorioso no rosto do homem.

— Ok, você não está com fome, mas sua barriga parece querer falar algo — debocha.

Eu franzo meus olhos, brava com isso. É muito injusto que ele seja tão bonito, com toda certeza deve arrastar um caminhão de mulheres todos os dias.

Mas... por que diabos acho isso injusto? Talvez seja o fato de que sou

o completo oposto dele. Não ando como se meus ombros estivessem leves, muito menos atraio homens como formiga e nem tenho esse sorriso incrível.

— Ok, eu aceito. Obrigada. — Estendo a mão, pegando a sacola e caminhando para o sofá, esperando que ele saia.

Mas em vez disso, ele apenas caminha em minha direção e se senta na poltrona. Ele cruza os pés levemente sobre a beirada da mesinha de centro enquanto abro a sacola que ele me trouxe na outra ponta.

Sinto que observa todos meus movimentos e sorrio ao ver a etiqueta de um restaurante local que tem uma comida maravilhosa. Dentro da marmita pequena há uma porção de lasanha de frango com arroz, o cheiro está divino.

— Ah, é perfeito. — Meu sorriso vai de orelha a orelha e é o primeiro sorriso sincero que dou em dias. E isso pelo fato de que tenho a melhor comida do mundo à minha frente, trazida por um cara que mal sei o nome.

— Bom saber que gostou. — Eu o encaro, sorrindo, antes de sair da sala para pegar os talheres na cozinha. — Noah dormiu?

— Sim, finalmente — sussurro ao voltar. Sento-me no tapete da sala e começo a comer.

— Por que ele chora tanto? — Ele franze o cenho.

— Ele é um bebê de dois meses, choram o tempo todo.

— Mas não é normal, sabe. Chorar a noite toda e você não conseguir acalmá-lo.

Sinto minhas bochechas ardendo de vergonha ao saber que sou uma péssima mãe.

— Como sabe que ele chora a noite toda? — afronto, não querendo me dar por vencida.

— Eu ouço. Desde que vocês se mudaram para cá — alfineta. Abro a boca em choque. — Pensei que fosse apenas por ser pequeno, mas parece que não.

Abaixo a cabeça, movendo uma porção de arroz de um lado para o outro.

— Ele não pega o seio direito e... — Eu o encaro, a menção dos seios faz Theodoro descer os olhos para a minha blusa com estampa de *Once Upon a Time*, franzindo a testa enquanto observa. Inspiro fundo, sem muita paciência. — Meus olhos estão mais acima.

Theo ri de lado, safado e sem se abalar.

— Desculpe.

Tenho a sensação de que não é muito sincero em suas desculpas.

— E parece que a quantidade que ele consegue mamar, não o mantém totalmente saciado — falo, resmungando. Eu o encaro, vendo a indagação brilhando em seus olhos. — O que foi?

— Sim, você falou sobre o leite e o peito, mas também falou sobre sua relação com ele. O que está acontecendo? — Levo uma porção do jantar

à boca para me impedir de falar. — Sofia. Desabafar faz bem.

Sorrio e pouso meu maxilar contra meu joelho.

— Por que desabafaria com um estranho? Mal te conheço. Nem deveria comer sua comida.

— Eu sou Theodoro Alencastro, tenho uma filha adotiva, perdi meu irmão, minha mãe é meio doida, sou ex-militar e agora trabalho em uma oficina. Odeio Theodoro, me chame sempre de Theo. Tenho trinta e cinco anos e, para os loucos da astrologia, sou do signo de leão. — Ele sorri, tão fácil como se não tivesse acabado de fazer uma lista da sua vida para mim. — Agora me conhece e pode desabafar comigo.

— Cadê Amanda, hein? — Mudo de assunto.

— Sofia. — Seu tom parece falar com uma criança e isso me faz segurar a risada. — Amanda está vendo filme. Eu disse que traria o jantar e ajudaria com Noah se fosse necessário. Não fuja do assunto.

Inspiro fundo e deixo os talheres de lado.

— Ok, eu não estou bem! Não sei o que está acontecendo.

— Eu não entendo nada de mulheres, mas sou um cara legal e sei ouvir.

Reviro os olhos com sua resposta.

— Eu faço terapia, não preciso desabafar com você.

— Parece que não está funcionando — alfineta. — Falar não mata,

Sofia. Eu sou a prova viva do que algo emocional pode desgastar a gente. Deixa nossos corpos e mentes imprestáveis para tudo. — Eu o encaro, com medo. — Estou aqui. Sei que não sou alguém da família, um profissional e que não confia em mim, mas às vezes só falar ajuda, nem que seja para o espelho.

Ele se levanta quando não vê nenhuma reação e caminha para a porta, puxando-a devagar enquanto sai.

— Dizem que tenho depressão pós-parto. — Eu o vejo parar. — Foi há pouco tempo que comecei a tratar, os remédios não fizeram efeito ainda, então não acredito que seja. Afinal, posso apenas ser uma mãe ruim.

Theodoro se vira para me encarar.

— Como se sente sobre a maternidade?

Abro a boca, pensando sobre o assunto. Como me sinto? Flutuando em um terreno desconhecido e cheio de percalços.

— Me sinto perdida. Foi tudo que desejei durante muito tempo, sabe? Aí, quando vi, aconteceu. — Fungo. — Eu planejei, sonhei com cada momento. Até que ele nasceu e eu estava destruída. Não conseguia nem ao menos olhar para ele.

— Você já tentou entender por que aconteceu essa mudança?

A lágrima cai e me sinto meio perdida.

— Eu acho que foi por Nathan ter ido embora. Mas também acredito

que seja mais por minha vida toda ter mudado e eu não sei como lidar com um bebê. — Limpo meu rosto e encaro Theodoro. — Eu sou uma péssima mãe. Ele chora, eu não consigo controlar. Até um estranho lida melhor com meu filho que eu e...

Seus braços me puxam e ele me aperta contra o seu peito.

— Você não é uma péssima mãe. Só precisa se encontrar. — Beija meus cabelos. — Eu não sei nada sobre depressão pós-parto, Sofia, eu não sei nada sobre mulheres, como eu disse, mas eu posso ajudar no que você quiser. Estou aqui.

— Por que os remédios não funcionam? Deveria funcionar. Eu já devia estar melhor e...

— Talvez você precise de algo além de comprimidos — ele me interrompe. — Olhar para o seu filho, voltar no tempo que você estava feliz com sua existência... tem que tentar.

— Não vou ficar boa de uma hora para outra — resmungo, fechando os olhos. — O que me assusta é que isso pode nunca passar. Não posso viver assim.

Ele se afasta, me encarando.

— Eu acredito que vai passar. E que você vai ser uma ótima mãe para Noah. — A menção do nome dele se mescla a um chorinho fino vindo do quarto. — Vou pegá-lo, termine de jantar. — Beija minha testa com carinho e

se afasta.

Observo Theodoro caminhar por meu apartamento como se fizesse parte do local. Busco o ar para que os pensamentos coerentes voltem à minha mente depois de tudo que despejei sobre o homem. Busco meu talher e volto a comer, me obrigando a não surtar.

— Tia Sofia? — A voz infantil me faz virar, então vejo Amanda na porta do meu apartamento, segurando um ursinho e um cobertor. — Meu pai está aí?

Assinto e ela entra, se sentando no sofá.

— Ele foi pegar Noah.

Ela boceja, sonolenta, e logo volta a dormir no meu sofá. Sorrio enquanto a observo, comendo lentamente. Estou com saudade dos meus alunos, mas sei que vai demorar um pouco para que eu consiga voltar para as aulas.

Nem sei se irei conseguir.



capítulo 7

theodoro

Abro a porta do quarto e vejo Noah se debatendo no berço. Aproximo-me e seguro seu pezinho com firmeza, então ele abre um sorriso quando tenta se mover e não consegue.

— Ei, seu chorão — brinco, pegando seu corpinho no meu colo. — Para de choro, ok? Vamos deixar a mamãe jantar e depois você pode mamar o quanto quiser. — Eu o balanço em meus braços até que pare de choramingar completamente. — Vamos ter que mostrar muito o seu amor para Sofia, hein? Ela tá bem triste com essas coisas. — Encosto a cabeça do garoto em meu braço e o encaro. Ele tem enormes olhos azuis que me encaram com atenção. — Acho que coisinhas pequenas como você me assustariam até pouco antes da Amanda decidir que eu era pai dela...

Ele pisca, observando.

— Só que agora eu sei apenas que tenho que fazer tudo o que você manda, pequeno príncipe, para que pare de chorar e colocar fogo na casa. Afinal das contas, você é um pequeno ditador, e seu principal objetivo é saciar seus desejos fofinhos. — Pincelo seu nariz arredondado. — Vamos ver sua mamãe.

Saio do quarto e caminho em direção à sala. Encontro Sofia na cozinha, descartando a marmita e lavando o rosto. Ela está vestida com uma calça de moletom que de alguma maneira acentua a bunda arredondada. Os quadris largos são evidentes. E a camisa escura com um desenho estranho na frente deixa a visão dos seios empinados.

— Chegamos — aviso, me remexendo desconfortavelmente com a visão da sua bunda para cima. Ela se vira, encarando Noah com um certo temor. — Ele só se assustou mesmo. Não parece estar com fome.

— Que bom. — Ela se aproxima lentamente, com os olhos vagando pela criança em meus braços.

— Ele se parece com você ou com o pai? — sussurro, observando os traços do rosto redondo de Sofia, as maçãs coradas. Ela me encara.

— Ele é idêntico a mim quando nasci — sussurra, sorrindo de lado. — Percebi há poucos dias, quando vi que seus traços estavam mais definidos. Aí comparei com uma foto.

— Os olhos dele são...

— São claros. Como os de Nathan. Os cabelos também — fala rapidamente. Eu me pergunto se ele foi embora no sentido literal ou se algo aconteceu. — Ele só tem isso do pai, graças a Deus.

— O que houve co...

— Amanda apareceu. Está dormindo no meu sofá — responde, cortando minha fala. Arqueio a sobrancelha e ela estende o braço para pegar Noah. — Vamos fazer um experimento.

Sorrio e inclino o menino em sua direção, colocando-o nos braços da mãe.

Ele a encara fixamente.

Ela devolve o olhar, pensativa.

Então ele sorri.

E Sofia não expressa muita emoção.

— Ele sempre sorri para você?

— Sim. Só que sempre estou muito triste para retribuir.

— Você está triste agora? — arrisco.

— Não sei. Estou com a barriga cheia, acabei de comer muita lasanha.

Noah não está chorando. Eu conversei com alguém desconhecido sobre tudo que sinto, então eu realmente não sei como estou me sentindo.

Sorrio com isso.

— Ele não merece nem ao menos um sorriso? Pela lasanha. Fiquei

sabendo que essa é a melhor da cidade.

Isso a faz rir.

— Sim. É a melhor. — Encosta o menino contra seu peito e fecha os olhos. — Obrigada. Eu acho que vamos ficar bem.

— Vocês vão ficar bem. Eu não tenho dúvida nenhuma disso.

Ela me encara.

— Mas se não conseguir acalmá-lo, com toda certeza vou bater à sua porta.

Agora é a minha vez de sorrir. Diferente do que pensei, isso não será um problema.

— Estou sempre disponível para ajudar. — Aperto sua mão contra a minha. — Noah e eu conversamos, ele é um bom rapaz. — Eu me inclino, beijando suavemente as costas cobertas por uma roupinha de dormir do pequeno menino e torno a apertar a mão de Sofia, tentando passar confiança.

— Você é um bom rapaz, Noah? — eu a ouço sussurrar para o filho e paro na entrada da cozinha, vendo-a observando o menino.

Eles trocam olhares intensos. E sei que todas as preocupações de Noah não são nada comparadas as de Sofia, mas ele claramente reconhece a mãe.

Ela agora só precisa se reconhecer como mãe.

Saio de vez da cozinha e vejo Amanda adormecida no sofá de Sofia.

Balançando a cabeça em descrença, eu me inclino para pegá-la nos braços, com cuidado para não acordar. Enrolo o cobertor em meu pescoço e me dirijo para a porta.

— Theodoro.

A voz me faz virar.

— Theo — retruco, vendo Sofia parada na sala, ainda com o filho nos braços.

— Obrigada por me ouvir, Theodoro.

Ela sorri, sabendo que me irrita meu nome completo, mas faz apenas para se divertir. Não me irrita, afinal, é bom saber que estou sendo o motivo daquele sorriso.

— Boa noite, Sofia. — Fecho a sua porta e sigo para a minha, caminhando para o quarto de Amanda e a depositando sobre a cama. Cubro seu corpo com o lençol e torno a sair para a sala, fechando as portas e janelas com cuidado antes de ir me deitar.

Assim que o travesseiro fofo é sentido em minha cabeça, fecho os olhos. Inspiro fundo e torno a abrir meus olhos. Sofia tem depressão pós-parto. Já ouvi sobre isso, mas não sei nada muito concreto.

Busco o celular abandonado em meio aos lençóis e procuro por aquilo no *Google*, curioso para saber como posso ajudá-la. Sei que a internet não é o método mais eficaz, mas não posso ir dormir sem saber ao menos um por

cento do tamanho da sua dor.

Desde que entrei no exército, aprendi uma porção de coisas. Lá a coisa é diferente, é caso de vida ou morte. Aqui fora não é muito diferente, só alterado para dar a falsa sensação de civilização.

Aprendi que muitas vezes, mesmo em meio ao caos, vamos ter que ser altruístas e ajudar ao próximo. Nem consigo contar quantas vezes me arrisquei com essa visão.

E aqui fora, tenho a mesma sensação de anos atrás. Preciso ajudar Sofia. Preciso ajudar Noah. Preciso que eles se sintam amados. Afinal, são uma família.



capítulo 8

sofia

Noah acaba dormindo novamente durante algum momento, afinal, eu estou tão cansada que me deito e o coloco contra meu peito, com uma série de travesseiros ao nosso redor. Pela manhã, acordo sorrindo, não sei se pela conversa com Theodoro ou é apenas meu humor sendo aleatório. Abro as janelas do quarto com cuidado e sinto o sol leve da manhã entrando.

Eu me viro e vejo que a criança que dormiu por uma noite inteira sem me acordar pela primeira vez na vida está adormecida. É estranho pensar que Theo consegue o acalmar tão facilmente, enquanto eu preciso de uma verdadeira acrobacia.

Eu o cubro, então o friozinho que entra pela janela não o afeta, e saio do quarto, juntando algumas roupas sujas e colocando numa bolsa preta e

grande, para levar à lavanderia mais tarde.

Com o nascimento de Noah, comecei a gastar um pouco mais com coisas extras, como lavanderia, afinal, não estava dando conta nem de cuidar dele, imagine de me tornar multitarefas.

Paro enquanto coloco o pó de café descafeinado em cima da mesa e encaro tudo aquilo com uma careta. Odeio o descafeinado, e se Noah tiver um sono calmo, eu até posso tomar o normal com moderação. Mas Deus me livre desregular ainda mais seu sono.

Ligo a cafeteira e vejo meu celular vibrando em cima da mesa da cozinha. O nome de Samuel aparece na tela, apenas abaixo o som para não acordar meu filho, voltando a mexer na pia.

Preciso deixar tudo organizado antes da rotina de Noah começar, afinal, ainda tenho que preparar meu almoço. Com a falta de trabalho, eu fico meio perdida. Antes da gravidez, meu dia começava cedo também, porém, eu preparava meu café, fazia meu almoço e levava comigo antes de ir para o colégio.

Como os intervalos entre as aulas eram sempre muito corridos, eu costumava esquentar minha marmita no micro-ondas da escola e comer em uma praça próxima.

O celular torna a tocar e inspiro fundo, pegando o aparelho entre os dedos, sabendo que Samuel nunca irá parar se não for atendido.

— Oi, mana. — Sua voz animada vem até mim. — Duvido você conseguir adivinhar onde estamos.

Respiro fundo algumas vezes.

— Não faço a mínima ideia, Sam — respondo, colocando uma quantidade generosa de café em meu copo. Desligo a cafeteira e bebo um gole, me recostando na beirada da pia.

— Estamos na fazenda! Mamãe ama andar a cavalo.

Franzo o cenho. O que diabos eles fazem na fazenda da família?

— Mas você não tinha um problema urgente?

— Ah, não era tão urgente assim. Só que Hadassa precisava de uma ajuda com as meninas.

— O que houve com as meninas? — Samuel e Hadassa estão casados há quase dois anos, eles moravam juntos por mais de sete, e têm duas meninas gêmeas de cinco anos.

— Elas não estavam se alimentando muito bem, Hadassa estava ficando louca e pediu ajuda para a mamãe.

Franzo cenho de novo com isso. Duas crianças de cinco anos com mãe e pai presentes são mais importantes do que me ajudar nesse momento?

Tento não deixar transparecer a minha mágoa para não ficar parecendo uma criança de cinco anos.

— Ah claro, muito importante. — Mas como tudo na vida, eu tenho a

capacidade de enganar alguém igual a de uma batata, ou seja, zero.

— Não comece, sabe que mamãe exagera e que ela ama as meninas.

Sorrio, sim, sei disso.

— Não disse nada. É claro que é importante que as minhas sobrinhas se alimentem bem. — Fecho os olhos. — Eu preciso ir, Noah está me chamando. Fala para mamãe que estamos nos dando bem juntos e que ela não precisa se preocupar.

— Que ótimo, Sof! Ela estava mesmo querendo ficar um tempo na fazenda. — Engulo o gosto amargo de derrota. — Sabe o quanto este local traz lembranças do papai.

— Sim, eu sei. Beijo, mano, se cuida.

— Você também.

Finalizamos a chamada e eu apenas encaro o nada, pensando sobre isso. Éramos uma família bem unida, mas desde a morte do papai e minha gravidez, tudo parece estar num buraco.

Samuel e mamãe sempre se deram bem melhor do que comigo. Eu e papai nos completávamos, ele não acreditava que a vida tinha que ser perfeita para ser vivida e não implicava com minhas decisões.

Enquanto mamãe não perde a oportunidade de me alfinetar por isso. Mas tudo mudou ainda mais quando eu fiquei grávida e sozinha, ela tenta me apoiar e isso é um deslize para me criticar.

Eu agradeço a ajuda que tive dela, mas sei que na minha vida atual, minha mãe é uma pessoa dolorosa que não me leva para a frente.

Alguém bate à porta de casa, então caminho em direção à saída segurando a xícara com firmeza. Abro sem olhar, pois se está ali é alguém conhecido para ter passado pela entrada do prédio.

Vejo Amanda parada com um sorriso enorme nos lábios.

— Tia Sofia! Bom dia. — Ela está vestida para a escola, com duas marias-chiquinhas e a farda. — Vim desejar um bom-dia para a senhora e perguntar se quer tomar café com a gente.

— Ah, querida, obrigada, mas melhor não. Vai logo, senão vai se atrasar.

Ela murcha rapidamente.

— Noah já acordou?

— Não, dormindo feito anjo — brinco e vejo quando Theo aparece atrás da garota, segurando uma bandeja com vários pãezinhos de queijo. Ele arqueia a sobancelha.

— Bom dia, vizinha — diz de maneira que não deveria soar sexy, mas soou. — Aceita um? Acabou de sair do forno.

— Ela disse que não ia merendar conosco — Amanda lamenta.

— Ah, querida, não se preocupe, ela tem mais o que fazer. Temos que ir rápido para trabalhar, lembra?

Percebo que ele está vestido com uma calça jeans e uma camisa preta, deixando as tatuagens à mostra. Aceito um dos seus pães de queijo, percebendo que é a segunda vez que o homem me oferece comida em vinte e quatro horas.

— Bom, aposto que estão correndo agora. Então que tal jantarmos juntos hoje, hein? — Eu me abaixo em frente à Amanda, não tendo gostado de decepcioná-la. — Prometo fazer uma comida boa.

— Vai fazer aqueles biscoitos que você levava para a escola?

— É claro. — Sorrio com isso. — Vou guardá-los para você. — Pincele seu nariz e me levanto. — Obrigada pela ajuda ontem, novamente. Traga Amanda e jante aqui hoje. Noah é uma companhia chorona, mas conseguimos dobrar bem.

Ele ri.

— Pode ficar com os pães de queijo. — Pega minha mão, colocando a bandeja em cima da minha palma. — Tenho mais. — Pisca um olho apenas, daquele jeito charmoso que me faz ficar levemente boba. O choro de Noah corta o momento e me faz despertar. — Diga a Noah para ser um bom rapaz — fala, sorrindo, enquanto fecho a porta e me despeço deles.

Preciso focar em meu filho, não ficar babando em meu vizinho. O avanço com Noah tem que ser constante, tenho que reter forças para vencer meus pensamentos.



capítulo 9

theodoro

Abro a porta da oficina com pressa e estaco ao ver Alex parado ali. Arqueio a sobrancelha enquanto tiro minha jaqueta e a penduro no cabide que tem no canto. Meu primo está escorado em um dos carros que estou consertando e mantém um sorriso de lado.

— O que faz aqui tão cedo? — Aproximo-me, jogando as chaves de lado que deixei sobre a bancada.

— Precisava que você desse uma olhada no carro. — Faço uma careta e ele ri. — E bom dia para você também.

— Bom dia — sussurro, saindo pelas portas do fundo da oficina por onde ele entrou. Como o homem sempre foi o mais próximo dos meus quatro primos, ele sabe bastante sobre minha vida e tem até uma chave reserva da minha oficina. — Sabe que esse negócio de você entrando na oficina sem

autorização vai acabar chamando atenção da agência de segurança, né?

— Sou bonito. — Ele ri. — Ninguém nunca pensaria que posso fazer algo criminoso — debocha enquanto abro o capô do carro que Alex trouxe.

Ele trabalha com frete na cidade, pai solteiro de uma garotinha de seis anos, e tem suas marcas da vida.

— E cadê Alícia?

— Na escola. Está terrível, essa fase é assim mesmo? Elas falam tanto.

Seguro a risada, lembrando-me de Amanda. Na maior parte das vezes é assim mesmo, segundo minha mãe.

— Crianças a partir dos cinco anos falam mais que gravador.

— E você se tornou pai de um jeito ou de outro. — Ele ri enquanto eu arrumo o motor.

— Pois é. Não é justo o fato de Thales ter perdido a chance de ver a filha crescer — falo com pesar sem conseguir encará-lo.

— Mas ele deve estar orgulhoso de ver o trabalho que faz com Amanda.

Finalmente olho nos olhos do meu primo.

— Eu nunca vou ser o pai de Amanda. Eu nem sou digno disso. — A dor me sufoca. — Thales era. Ele era o homem criado e moldado para ser o pai perfeito.

— Você parece sério hoje. Nunca fala tanto de Thales. — Arqueia a sobrancelha.

Eu e meus primos – Kenny, Alex e Guilherme – sempre fomos um grupo, e Thales era parte dele. Quando meu irmão se foi, era como se tivesse levado um pedaço de nós.

— Está chegando o aniversário de seu falecimento. — É uma época difícil, nunca muda. — E Amanda acordou falando do pai. Não sei lidar com isso.

— Sinto muito cara, mas e sua mãe?

— Ela viajou. Disse que não podia ficar na cidade de novo nesta época. Sabe que ela sempre fica devastada nos aniversários da morte dele. — Esse havia sido o real motivo da fuga dela.

— Bom, tenho certeza que vocês vão superar. — Assinto e volto para o carro. — Alícia está perguntando quando Amanda irá visitá-la. Só que isso me dá pesadelos, pois juntas já conseguiram quebrar um encanamento.

Seguro a risada com a mudança de assunto. Sim, as duas garotas juntas são um furacão. Uma vez levei Amanda à casa de Alex e elas ficaram na área, de alguma maneira conseguiram quebrar um cano da pia. Segundo Alícia, havia se quebrado sozinho!

— Eu acho que para o bem da sociedade, elas devem ficar bem distantes — declaro e ele ri.

— Com toda certeza.

Finalizo o serviço do meu primo e ele logo se vai, me deixando sozinho com meus pensamentos. Em poucos dias, terei mais um dos dias infernais desde que Thales se foi.

Pergunto-me se ele estivesse vivo, como seria. Com toda certeza ele já teria mais um filho, Amanda seria a menina dos seus olhos e ele estaria ainda mais apaixonado pela esposa.

Paro, encarando o nada. Não gosto de pensar muito em Thales, isso sempre me deixa triste.



Amanda corre na frente, animada. Passamos no mercado a caminho de casa, compramos algumas coisas e aproveitei para comprar um vinho, já que preciso disso para aguentar os próximos dias. Ela bate no painel do elevador, pulando de um pé para o outro. O convite de Sofia para jantar com eles foi totalmente bem-vindo e em ótimo momento.

Melhor do que ficar em casa remoendo a dor.

Entro no elevador com ela falando sobre a aula de hoje enquanto digito uma resposta rápida para mamãe. Sinto meu celular vibrando e vejo o nome de Sandra brilhando na tela.

— Oi — atendo, sabendo bem que o temperamento da mulher deixa

tudo em meu corpo em alerta.

— Theo amor. Queria conversar com você hoje! É urgente — fala, me fazendo franzir o cenho.

Sandra é irmã de Aline e tia de Amanda, sempre tivemos um relacionamento instável, mas ela criou uma certa expectativa em torno do que realmente aconteceu entre nós.

— O que houve? Combinei um jantar com uma pessoa, não posso passar aí agora. — Coço minha nuca.

— Jantar a essa hora? Mas está cedo. Tenho certeza que pode dar um pulinho aqui. — Ela mora do outro lado da cidade, levarei ao menos uma hora para chegar em seu apartamento.

— Mas o que aconteceu? Tem a ver com Amanda?

Ela ama a sobrinha, e essa é a ponte que ainda nos liga. Amanda me encara, curiosa ao ouvir seu nome ser mencionado.

— É sobre Aline e Thales. Eu finalmente decidi retirar os móveis antigos da minha casa e encontrei algumas coisas que acho que devem ser entregues a você. — Isso me deixa com uma dúvida correndo, afinal, o que deveria pertencer à minha família foi entregue há anos, quando tudo se encerrou.

— Vou passar aí, Sandra. — Mas decido pelo mais fácil, afinal, não sei o que ela quer de fato. Desligo a chamada e Amanda me encara, pedindo

uma explicação. — Vou deixar você com Sofia e vou ver a sua tia, ela disse que precisa falar comigo urgente.

Ela confirma, pensativa.

— Minha tia Sandra gosta de você — ela sussurra de repente, me fazendo arregalar os olhos.

— Ela te disse isso?

— Não. — Amanda balança a cabeça em negação. — Mas eu a ouvi falando pra vovó Maria que vocês iriam acabar juntos. E que seria uma festa incrível!

Sorrio com isso, sentindo o nervosismo correr em meu corpo. Pelo amor de Deus, eu não vou me casar. Nunca.



& capítulo 10

& sofia &

Abro a porta do apartamento assim que alguém bate nela. Vejo Amanda ainda com a farda da escola e Theodoro em suas costas. Ele veste as mesmas roupas que o vi pela manhã e sorri nervoso em minha direção.

— Desculpe pelo horário, será que eu poderia deixar Amanda com você por umas duas horas enquanto vou resolver um assunto?

Assinto, um tanto confusa.

— Está tudo bem? — Tiro a mochila de Amanda das costas dele e a deixo entrar no apartamento.

— Sim, é só uma pessoa precisando de ajuda. Volto em breve, obrigado mesmo! — Ele se inclina, colocando duas sacolas de um mercado local dentro do apartamento. — Te vejo em breve. — Me lança um último

sorriso enquanto se vai.

Fecho a porta do apartamento e me viro. Amanda está sentada no meu sofá, virando as páginas do meu exemplar de Poliana, entretida.

— Não sei se gosto do papai indo lá — fala do nada, enquanto caminho para a cozinha, escutando-a em minhas costas.

— Por quê?

— A tia Sandra é legal, mas a vovó sempre diz que ela não é a mulher certa para o papai.

Franzo o cenho com isso, mas apenas me inclino para colocar a lasanha preparada no forno. O jantar na noite anterior me deixou agitada para preparar o prato.

O dia foi tenso da maneira que eu imaginava. A alegria só durou durante a manhã, Noah e eu voltamos à fase de nos estranhar no início da tarde. Ele finalmente dormiu a uma hora, depois de passar o dia todo acordado comigo tentando acalmá-lo.

Os picos de surto aumentaram gradativamente durante apenas um dia.

— Onde está Noah? — Eu me viro e a vejo sentada em uma das cadeiras da mesa. Começo a preparar o arroz para acompanhar a lasanha. — Acha que meu pai vai demorar muito?

— Não. Ele disse que levaria umas duas horas. E quem é Sandra? Noah está dormindo. — Jogo o alho no óleo com a intenção de fritar por

alguns minutos, mas acabo fazendo esse processo mais rápido com medo de que uma explosão venha do quarto a qualquer momento.

— É irmã da minha mamãe. Ela gosta do meu pai. — Isso me deixa levemente pensativa. — Ela sempre fala que seremos uma família. Eu já tenho uma família.

Sorrio com sua indignação.

— Claro que tem! Mas não seria ótimo ter uma mulher para ajudar nas coisas? Meninas precisam de uma presença feminina. Tanto quanto é importante uma versão masculina na vida de meninos. Uma via de mão dupla.

— Sim, mas eu tenho minha vovó. Ela é minha mamãe atual. A outra foi morar no céu.

O sorriso escapa dos meus lábios.

— E a vovó, onde mora?

— Ela mora aqui, mas viajou — fala, abrindo o livro novamente.

Theodoro e a mãe criam Amanda sozinhos. O que havia acontecido com o pai e mãe da garota? Ela havia dito que eles tinham ido morar no céu, mas como aconteceu?



Sirvo a lasanha na mesa e começo a colocar os pratos, são quase oito

da noite e Theodoro ainda não voltou. Amanda e Noah estão vendo desenho na sala de estar e me pergunto se já podemos jantar. Saio dali e vejo a menina deitada sobre o pequeno colchão, explicando o desenho ao meu filho, que não entende nem mesmo meia palavra.

— Ei, o jantar está pronto.

Ela me encara, fazendo bico.

— Meu pai ainda não voltou.

— Tem o número dele? Posso mandar uma mensagem. — Pego meu celular no bolso da calça e abro a tela de discagem.

— Tem no meu caderno, tia. — Ela se senta, pegando o caderno dentro da bolsa abandonada ao lado do sofá.

Amanda me passa o número de Theodoro, salvo e abro a aba de *WhatsApp*, checando a imagem do homem. E, Jesus, ele faz jus a toda aquela beleza em foto. Sento-me no braço do sofá, perdendo tempo observando a tatuagem no braço que desce para o peitoral definido.

— Meu pai é bonito, né, tia? — A voz infantil me faz fechar a aba.

— É... cla-ro — gaguejo como boba. Eu me levanto e decido ligar da maneira convencional, já que faz muito tempo que estive on-line, talvez esteja sem internet. A ligação chama algumas vezes antes de finalmente ser atendida. — Theo, desculpe ligar, mas...

— Um instante, vou passar para ele. — A voz feminina me faz

congelar. Fico ali, encarando um seriado americano adolescente que está passando na televisão. É uma mulher, eu não estava louca. — Querido, tem alguém no telefone!

Engulo em seco e me pergunto se é o momento de desligar e fingir que nada aconteceu. Ouço algo se movendo através da ligação e finalmente escuto a voz de Theo.

— Quem é? — ele indaga, não diretamente ao telefone.

— Não sei, não tem nome.

— Fala com seu pai. — Passo o telefone para Amanda, me levantando para pegar Noah do chão. Ele me encara com o cenho franzido um pouco antes de encostar o menino em meu ombro, caminhando para a cozinha.

— Papai, quando você vem?!

Reviro os olhos. Safado de uma figa! É claro que ele foi se encontrar com alguém e me deixou cuidando da filha dele. Nem sei por que estou irritada, mas apenas sinto meu rosto esquentando à medida que a vontade de socá-lo aumenta.

— Tá bom, não demora muito. Tia Sofia fez lasanha e Noah precisa de ajuda — ela sussurra a última parte, me fazendo sorrir.

Noah claramente se dá bem tanto com o pai quanto com a filha, enquanto comigo, são raros os momentos que ele tem calma.

— Noah precisa de ajuda? — pergunto assim que ela aparece na cozinha. Coloco uma porção generosa de lasanha no prato de Amanda enquanto balanço Noah, que começa a choramingar.

— Você não consegue fazer tudo sozinha. Precisa de ajuda. — Uma criança de sete anos consegue ter uma percepção melhor do que a minha mãe? Uma verdadeira surpresa.

— Obrigada, mas eu tenho que lidar com as coisas. — Apoio a perna na cadeira e coloco Noah nela, mas ele começa a chorar rapidamente, então tenho que colocar o suco de Amanda mais rápido. — Vem, jante comigo, companheira. E desculpe, mas nosso cavalheiro vai chorar o jantar inteiro.

Amanda dá uma risadinha.

— Eu amei ficar com você, tia Sofia. — Ela me lança um sorriso doce, compensando qualquer decepção por ter preparado um jantar inteiro tendo que lidar com uma criança chorando boa parte do dia e, no fim, Theodoro sumir para ver a tia da filha. Ou seja lá qual o espaço que ela ocupa em sua vida.



capítulo 11

theodoro

— Ei, para onde vai? — Visto minha camisa rapidamente, balançando a cabeça em negação. Não acredito que cai na teia de aranha que Sandra armou para mim. — Pensei que iríamos...

— Não vamos. — Fecho os olhos. — Não vamos fazer nada. Nossa, estupidez nível máster vir até aqui. — Ela me encara, magoada. — Sinto muito por isso, mas acho que estamos levando a nossa relação para um caminho nada seguro.

— Não entendo o que pode dar errado.— Sandra prende o lençol ao redor do corpo desnudo.

Havíamos ficado algumas vezes durante o período em que nos conhecemos, mas quando Thales e Aline faleceram, fiquei muito preocupado em manter as coisas alinhadas e não atrapalhar nada entre nós, colocando um

fim em tudo que houve no passado.

— Não vou arriscar uma guerra com você, Sandra. Compartilhamos o amor de Amanda e não vou colocar isso em risco. — Ela arqueia a sobrancelha. — O que tivemos não pode voltar a acontecer. Eu não quero um relacionamento e você sabia disso quando nos envolvemos anos atrás, mas hoje eu não sei o que acontece... o tempo está passando e não somos mais jovens e inconsequentes.

— Eu sei o que você quer, Theodoro. — Passa o braço ao redor do meu pescoço. — E não me importo. Quero você.

Eu me esquivo.

— Prometi a uma pessoa que iria jantar com elas, não posso decepcionar. Sinto muito. Sinto muito por vir, por dormir com você mesmo sabendo que não podia. — Eu me sinto um merda por dizer tudo isso, afinal, não é fácil dar um fora em alguém. Geralmente, quando é sexo casual, as mulheres com quem eu saio já me conhecem o suficiente, nunca dura mais do que isso. E quando elas criam expectativas, eu fujo dando meias desculpas.

Com Sandra não posso fazer isso, tenho que falar a verdade.

Pego a chave do meu carro em cima da sua mesinha e saio pela porta antes que ela tenha chance de dizer algo mais.

Cheguei ao apartamento dela por volta das sete da noite, são quase nove e eu ainda estou aqui. Quando cheguei, Sandra me entregou uma caixa

com pertences pessoais de Thales e, em seguida, me beijou. A desculpa perfeita para me ter ali.

Eu sabia que não era o deus do mundo, mas já tive o suficiente de conquistas para saber o que causava em uma mulher. E uma coisa foi levando a outra, por fim, acabei me atrasando para jantar com Sofia e Amanda.

Com toda certeza, eu vou queimar no fogo do inferno.



Bato à porta do apartamento ao lado do meu e espero que Sofia abra, mas quem faz isso é Amanda, que tem um bico do tamanho do mundo em minha direção. Dou um sorriso amarelo, tentando despistar minha culpa.

— Desculpe a demora, pequena. Cadê Noah e Sofia? — Entro no local e vejo Sofia cochilando enquanto o menino está colado em seu peito. — Ela dormiu. — Aponto na direção deles enquanto Amanda se senta em um colchonete na sala de estar.

Aproximo-me de Sofia e vejo que Noah está dormindo enquanto suga o seio da mulher. *Ah, Deus*, se eu não tivesse passado pelo estágio de ver Aline amamentando Amanda, estaria igual *Joey* e *Chandler* quando viram *Carol* amamentando *Ben*, no seriado *Friends*. Sorrio com isso.

— Vem cá, garotão. — Eu o pego em meus braços e encaixo na curva do meu braço. Por uma sorte do universo, ele nem mesmo acorda. Pego a

fralda de Sofia e coloco sobre seu seio.

Sento-me no sofá e balanço o menino, ninando-o para que continue dormindo.

— Amanda, coloque a coberta sobre ela — peço à minha filha, que pega o lençol abandonado sobre o colchão e coloca na mulher. Sofia apenas se remexe e continua dormindo.

— Ela fez tudo sozinha. Está cansada — minha filha lamenta, alisando o rosto de Sofia com carinho.

— Vou colocar Noah na cama — falo, me sentindo um filho da puta culpado por não ter ficado e a ajudado a fazer o jantar. Coloco o garoto no berço e cubro seu corpo com cuidado. Vejo um cesto com roupas sujas assim que saio do quarto, então eu o pego e caminho para fora.

— Para onde vai, papai?

— Vou ao apartamento, ok? Fique aí, e se Sofia acordar, fale que Noah está dormindo no berço.

— Tá bom.

Saio do apartamento e entro no meu, seguindo para a lavanderia nos fundos. Começo a separar as roupas infantis das de adulto, peças íntimas para um lado – mantenho minha atenção em apenas separar roupas para lavagem, não em observar as rendas delicadas.

Por Deus, acabei de fazer sexo. É demais até para você, Theodoro.

Ligo minha máquina e faço todo o procedimento com calma, deixando batendo. Retorno para o apartamento de Sofia, que continua adormecida, então vou para sua cozinha.

Tem pouca louça na pia, então começo por aquilo, lavando e colocando para escorrer. Sei que essa minha disposição por culpa é ridícula, mas necessária. Afinal, fiquei brincando com os prazeres da carne enquanto ela fazia algo legal para mim e minha filha.

— Você está se sentindo culpado. — A voz infantil me faz virar levemente. Amanda me acusa como se tivesse uma bola de cristal.

— Por que me sentiria culpado, e como você sabe disso?

— Porque não deveria ter ido. Ela queria te agradecer e você nem ficou para isso. — O gosto amargo pincela meus lábios. — E sei, porque vovó sempre diz que você é sem-vergonha, mas sempre tem a decência de ser um homem honrado quando quer. Não sei bem o que é honrado, mas deve ser bom.

Sorrio com isso.

— Me surpreende que tenha algo de bom nisso. — Volto para as vasilhas e termino a louça. — Onde encontro a comida que ela fez? Sobrou, né?

Amanda ri.

— Na geladeira. Ela separou o seu. — Aponta para o freezer.

Eu abro a porta, pegando a vasilha azul de plástico. Dentro dela tem uma porção de lasanha com arroz. Sento-me à mesa de Sofia e começo a comer rapidamente. Até que sinto alguém me observando e levanto o olhar, vendo-a parada na entrada da cozinha.

— Apareceu — começa displicentemente e passa por minhas costas, pegando algo na geladeira. Bebe um gole de água generoso. — Obrigada por lavar a louça.

— Trago suas roupas quando secar.

Isso a faz virar a cabeça tão rápido e com os olhos tão arregalados, que penso ter dito outra coisa.

— Você lavou minhas roupas?! — exclama, assustada.

— Sim, eu fui colocar Noah no berço e vi o cesto. Como sei que dá muito trabalho cuidar de uma criança, coloquei para lavar e lavei sua louça. Não precisa parecer tão surpresa.

— Obrigada. — Ela engole em seco. — Não precisava mesmo, mas obrigada. — Sorri de lado e se aproxima, ficando ao meu lado e encostando o quadril na cadeira que estou sentado. Sofia inspira fundo e para, franzindo o cenho. — Você está fedendo a perfume barato de mulher, Theodoro. — Ela faz cara de nojo e sai da cozinha antes que eu fale alguma coisa.

Cheiro minha camisa e afasto no mesmo instante. *Merda*. Ela tem razão.



capítulo 12

sofia

Dois dias depois de Theodoro entrar no meu apartamento, colocar Noah para dormir, lavar minhas roupas, ter a decência de se sentir culpado e lavar minha louça, eu não o vi mais. E nem mesmo trouxe minhas roupas como prometera!

Hoje é dia de terapia e não sei o que irei fazer. Não tem ninguém para ficar com Noah e eu não sei se é uma boa ideia levá-lo.

Pego o celular, depois de colocar o menino dentro de um carrinho de bebê. Estou conversando com uma moça formada em técnica de enfermagem e que está em busca de um lugar para ficar na cidade, para tentar conseguir um emprego.

Ela me disse que tinha entregado inúmeros currículos e ainda não

havia obtido resposta. Pela falta de dinheiro, estava precisando de um lugar para ficar. Ela foi indicada por uma amiga de trabalho, que disse que ela poderia me ajudar com Noah enquanto não encontrava um emprego. Achei uma ótima ideia, e a mulher chega hoje.

— Bom, talvez seja o momento de você e eu termos um passeio no parque — falo a Noah, que me observa atento. Os dias passavam e parecia que eu estava imersa em um universo paralelo onde eu tinha que aprender a acalmá-lo. — Viu como sobrevivemos dois dias sem a vovó? Talvez eu consiga fazer isso para o resto da vida.

Empurro o carrinho para fora do apartamento e tranco o local. A porta ao lado da minha está fechada, não ouvi movimentação nenhuma vez nas últimas quarenta e oito horas. Sigo em direção ao elevador e aperto o botão do térreo. Tenho algumas mensagens de Samuel em meu *WhatsApp* com inúmeras imagens das gêmeas com a mamãe, parecendo felizes da vida na fazenda.

Ignoro, focando no agora.



Noah acabou dormindo no passeio na praça e enquanto eu espero a moça na cafeteria a alguns metros do meu apartamento, vejo Theodoro estacionar a moto no meio-fio. Ela para, tirando o celular do bolso e falando

de maneira energética em seguida.

Em algum momento terei que bater à sua porta para pedir minhas roupas, mas, na verdade, eu não quero encará-lo. Saber que o homem ignorou meu agradecimento por sexo confirma que tenho que manter distância.

Nenhum homem presta é uma generalização correta na maior parte do tempo. Theodoro não é diferente.

— Sofia? — A voz feminina me faz virar. Sorrio ao ver uma moça franzina, de cabelos loiros e sorriso de lado. — Oi, sou Karina, conversamos pelo telefone.

— Oi, Karina. Sente-se. — Aponto em direção à mesa. — Espero que tenha feito uma boa viagem.

— Cansativa, mas boa, graças a Deus. — Sorri. — Este é o Noah? — Ela se inclina, observando meu filho dormindo.

Hoje ele está todo enrolado em um macacãozinho cor creme que fica uma lindeza nele.

— Sim. Como conversamos, no momento estou sem trabalhar para ficar com Noah. — Engulo em seco, omitindo a parte de que não consigo ser plena na função de mãe. — Mas isso está sendo bem trabalhoso, afinal, eu não sei nada de bebês recém-nascidos.

Ela ri.

— Seria ótimo te ajudar. Eu continuo distribuindo currículos na

cidade, não sei bem se irei conseguir algo rápido ou se vai demorar muito.

Desvio meu foco ao ver Theo entrando na cafeteria, então abaixo a cabeça na esperança de que ele não me veja.

— Seria ótimo! Eu sei que é estranho receber uma completa estranha em sua casa, mas eu tenho muitas referências e, se quiser, pode ligar e saber mais do meu trabalho e da minha conduta. — Ela estende o papel com um currículo pronto, cheio de indicações para ligar.

— Claro. Será ótimo. Mas eu confio muito em Francisca, ela nunca indicaria alguém que não fosse de confiança. — Sorrio. — Se quiser um lugar para ficar essa noite até oficializarmos tudo, pode ficar comigo, no apartamento.

— Ah, obrigada! — exclama, alegre.

Noah choraminga alto no estabelecimento, atraindo alguns olhares. Inclino-me para pegar o menino de dentro do carrinho de bebê e o encosto em meu ombro, embalando-o de um lado para o outro, mas quanto mais eu o balanço, mais alto ele chora.

Os olhares de desaprovação começam a me povoar, com pessoas conversando entre si sobre o barulho de choro de criança que inunda a cafeteria.

Eu o deito em meus braços e começo a sair do estabelecimento, balançando Noah na tentativa de fazê-lo parar. Retiro o seio para fora e

ofereço a ele, mas o menino não aceita e volta a chorar.

— Ei, me deixa ver o que meu príncipe tem. — A voz masculina me faz congelar. Theodoro aparece ao meu lado, estendendo os braços para falar com o menino. — Vem com o tio, querido, vem. — Ele pega Noah em seus braços sem que eu deixe e o balança, cantando uma canção de ninar desconhecida. — Saudade de você, pequeno. Andou chorando muito?

As pessoas observam o homem enorme com o bebê em seus braços enquanto o acalma. E é como se Theo fosse o calmante para Noah. Ele cala a boca em questão de segundos.

— Eu nunca vou entender como faço isso — resmunga mais para si do que para qualquer pessoa.

Sorrio.

— Você é quase um calmante de nervos para ele. — Theo sorri. — Preciso ir para casa, ele atrai muita atenção. — Aponto em direção ao café, cheio de gente nos observando.

— Gente bonita atrai olhares. Pegue o carrinho, vou acompanhar vocês.

— Mas você está de moto, não precisa...

— Pegue o carrinho. Eu pego a moto depois.

Assinto e caminho na direção de Karina.

— Vem comigo? Vou precisar ir embora, Noah é um pouco

temperamental — brinco, não querendo contar que não conseguia acalmá-lo.

— Eu vou comprar algumas coisas e depois eu vou. Pode me passar o endereço? — Assinto, escrevendo na minha caderneta dentro da bolsa e estendendo em sua direção. — Obrigada, Sofia, me ajudou muito.

— Eu que agradeço. Te espero — sorrio, saindo dali. Afinal, iríamos nos ajudar. E só Deus sabe o quanto estou precisando de ajuda...

Sigo para perto de Theo, empurrando o carrinho, e vejo que ele continua cantando para Noah, caminhando lado a lado comigo na rua. A imagem atrai olhares curiosos de mulheres, afinal, um homem segurando um bebê é sempre uma coisa boa de se ver.

A salvação que sempre cai sobre mim em situação de crise me irrita. Eu sou a mãe, preciso aprender a controlar meu filho. Mas não consigo nem ao menos fazê-lo parar de chorar.



capítulo 13

theodoro

Noah segura o colar com placa de identificação do exército entre os dedos, curioso. Ele brinca com os metais os jogando de um lado para o outro. Observo Sofia de canto de olho e vejo que ela nem mesmo me encara, está calada o caminho inteiro, e pensativa demais.

Passei os últimos dois dias sentindo pena de mim mesmo. É ridículo que sempre nessa época eu me torne essa pessoa completamente antissocial. Não pensava em ver Sofia e Noah enquanto meu mau humor não evaporasse, mas ela estava toda agoniada tentando conter o filho, que não consegui deixar de ajudar.

— Pode me dar o meu filho, volte para pegar sua moto. — Ela para, me encarando. Estamos em frente ao nosso prédio e a mulher veste um vestido rodado, que acaba no meio das coxas grossas. Os lábios estão em um

vermelho chamativo.

— Vou te levar até lá em cima.

Ela revira os olhos quando desvio do seu corpo e começo a caminhar em direção à entrada do prédio, entrando rapidamente no elevador. Aperto o botão do andar que dividimos e ela caminha em minha direção, pegando o celular que toca insistente dentro da bolsa.

— Oi. Sim. Sim. Não! Não vou poder. — Entra no elevador. — Mamãe viajou, Iana, não tenho com quem deixar Noah. — Franzo o cenho com isso. — Eu acho que sessão via internet não é a melhor coisa. Se nem presencial me ajuda, imagine virtual.

O elevador se abre em nosso andar e ela empurra o carrinho para fora, enfiando o telefone no bolso.

— Quem era?

— Minha terapeuta.

— Você vai perder a terapia?

Sofia me encara, arqueando a sobrancelha mediante ao meu tom inquiridor.

— Não tenho com quem deixar Noah, Theo. As coisas não são simples, um bebê de colo requer mamar toda hora e uma atenção dobrada devido ao fato de que ama chorar. — Ri nervosa. — Obrigada pela ajuda, mas eu tenho que aprender a lidar com meu filho quando estiver sozinha. Isso

não pode se repetir.

Entramos em seu apartamento e coloco Noah dentro do berço portátil no meio da sala.

— Eu fico com o garoto, vá à sua sessão.

Ela abre a boca.

— Não, não vou deixar meu filho com um estranho!

Eu deveria ficar feliz por ela usar o tom protetor com o filho, já que claramente eles precisam melhorar essa ligação.

— Agora eu sou um estranho?

— Você nunca deixou de ser um estranho! E eu quero minhas roupas de volta.

— Ah, claro, talvez eu queira fazer macumba com suas roupas íntimas.

Ela abre a boca, em choque.

— Lá não tinha roupas íntimas! — exclama, batendo o pé. — Ou tinha? — A pose de Sofia se vai rapidamente e ela parece confusa.

— Claro, uma rendinha vermelha que deve ficar um pecado em você — eu queria afrontá-la, mas tudo que fiz foi dar uma resposta perversa e descer meus olhos por todo o corpo da mulher.

Ela cora violentamente, de maneira que a faz parecer uma garota indefesa.

— Pare com isso! Não estávamos falando disso.

— Sim, estávamos falando do fato de que irei ficar com Noah e que você vai à sessão. Nem que seja amarrada.

— Você não manda em mim! — exclama, arregalando os olhos ao fazer isso.

Seguro seu pulso quando ela tenta passar por mim e a puxo rapidamente. O corpo de Sofia bate contra o meu e o embate faz os seios redondos ficarem ainda mais evidentes, fazendo meus olhos se atentarem a esse detalhe.

— O que você pensa que é? Eu te conheço há menos de uma semana e acha que pode chegar na minha casa e...

— Ah, pelo amor de Deus, cale a boca — retruco.

— Não me mande calar a boca! — exclama, brava.

E antes que pense em algo mais, minha boca já bate na dela e a pega de surpresa. Sua boca se abre com isso, então aproveito a chance para deslizar a minha língua para dentro.

Merda. Merda. Merda. Sofia, com toda certeza, me atraí, só não pensei que seu gosto fosse tão bom.

Ela tenta se soltar, mas sua língua continua a brincar com a minha, contradizendo seus gestos. Levanto seu braço com delicadeza e o prendo acima da cabeça, deslizando a mão livre para segurar sua cintura e puxá-la

mais firmemente contra mim.

Minhas mãos sobem para seu rosto e seguram, aprofundando o beijo. Meu corpo esquenta na medida em que meu sangue responde ao estímulo de ter aquela mulher colada em mim. Sua resposta apertando minha camiseta e me puxando mais para perto é o suficiente para saber que corresponde.

Mordisco seu lábio levemente, me afastando para respirar. Encosto a testa na dela, observando-a, enquanto Sofia mantém os olhos fechados.

— Que diabos você fez?! — Ela tem um tom raivoso que não combina muito com ela.

— Calei sua boca. Achei um jeito eficaz. — Ela se debate para se afastar, depois encara Noah, que nos observa com os dois olhos azuis bem atentos. — Você vai à sessão. Eu não me importo com seu ataque. Precisa ir. Não pode jogar fora todo um progresso.

— Eu não gosto de você! — Sai, batendo o pé como uma criança birrenta.

— Ela me ama, Noah. — Sorrio e me aproximo do garoto, ligando a televisão, já que vou ter que abdicar de um dia de trabalho por uma coisinha pequena e gorducha. — Agora somos apenas eu e você.

— Vou deixar uma mamadeira pronta. Você tenta dar caso ele chore, se não pegar de forma nenhuma, você me liga.

Arqueio a sobrancelha e pego o garoto do berço, caminhando em

direção ao quarto de Sofia, onde a encontro se trocando.

— Sai daqui, Theodoro! — praticamente grita. Saio da porta, me encostando ao lado e esperando que ela termine. — Eu nem vou começar a falar o quanto estou com raiva de você.

— Raiva? Mas eu sou um anjo.

— Não me faça rir. — Solta uma risada irônica. — Não me beije, nunca mais. Quer me calar, me dê comida. Eu sou quase um Noah em versão grande. — Ela ri disso.

Ela realmente achava que eu iria ficar sem beijá-la novamente quando já tinha experimentado e havia sido muito, muito bom?

Ela só pode ser louca.



capítulo 14

sofia

Beijar Theodoro foi o que mudou tudo. Eu não deveria — para começo de conversa — ter gostado do beijo do homem. Mas aconteceu e foi como uma droga viciante.

— Você está inquieta hoje — Iana fala, me encarando. Inspiro fundo, meu olhar fixo no vaso pequeno em cima da mesinha, desviando a atenção do rosto da mulher. — Me diga o que houve.

— Eu beijei um cara. — Eu a encaro e ela segura a risada quando me vê corando.

— É por isso que você está parecendo uma adolescente?

Suspiro com sua risada, mas me levanto e começo a caminhar em direção à janela do consultório. Encaro a cidade de São José lá embaixo.

— Isso não deveria ter acontecido. Primeiro, eu sou uma mãe solteira

que tem que focar no filho, em saber como cuidar do filho. — Encolho os ombros. — Só que, do nada, Theodoro é melhor com Noah do que já fui nos últimos meses. Não sei lidar.

— Como aconteceu? Vocês dois — explica.

— Eu e ele estávamos brigando. — Sorrio. — Não faz sentido que eu confie tanto num homem a ponto de deixá-lo com meu filho, nem nos conhecemos há muito tempo e...

— Talvez não precisemos de anos de convivência para confiar em alguém. Acredita em destino? Às vezes, algumas pessoas entram no nosso caminho para ser nossa âncora.

— Se apaixonar quando está tudo desmoronando não é certo, Iana.

— Está dizendo que está se apaixonando?

Fico congelada no instante que ela fala isso. Penso em tudo que sei sobre Theodoro, em sua conduta, em sua vida e chego à conclusão que...

— Não, não estou apaixonada. Mas não posso confiar em alguém apenas porque estou carente e desesperada por ajuda.

— Acho você uma mulher inteligente, Sofia, não vai confundir o que tem com Theodoro com comodismo, com segurança. O que sentiu quando ele te beijou?

Eu me viro, encarando-a.

— Foi bom. Faz tanto tempo que não tenho alguém, alguém que não

machuque, sabe? Foi arrebatador, só que ele nunca poderá saber disso. — Reviro os olhos, fazendo-a sorrir enquanto anota algo em seu caderno.

— E como vai seu progresso com Noah?

— Bom, no dia que conversei com Theo sobre minha situação, consegui me sentir melhor com isso. Só que hoje foi tudo tão chato. Estava numa cafeteria, meu filho chorava sem parar e eu não soube lidar com ele — vagueio, despejando minhas dores naquela mulher. A terapia podia não estar surtindo o efeito que eu esperava, mas era bom falar com alguém que não me julgava.

— Você falou com a pediatra novamente? Acho bom marcar uma consulta para checar a alimentação dele. — Assinto, aceitando sua dica. Preciso segui-las, afinal, estou aqui para isso. — Entramos em uma fase ótima. O medicamento, como eu disse, demora a fazer efeito, mas a essa altura você já deve estar se sentindo bem melhor.

Sorrio com isso.

— Consigo encarar meu filho, Iana. Consigo amamentá-lo sem chorar a cada instante. — Sufoco o gemido. — Só que ainda não consigo sentir toda aquela felicidade plena em estar ali. Não sei qual é o problema.

— Calma. Você fez dois grandes avanços. Os outros virão com o tempo, Sofia. Só precisa ficar calma.



Sento-me na calçada em frente ao meu prédio. Theodoro mandou uma mensagem há pouco menos de quinze minutos dizendo que estava tudo sob controle, acreditei e aproveitei para enrolar alguns minutos antes de seguir para dentro.

Ah, Deus, eu nem tenho coragem de encará-lo. Fingi estar brava mais cedo, mas depois de despejar toda a minha frustração por ter gostado do beijo, nem sabia como agir.

— Boa tarde, senhora Sofia. — A voz do porteiro me tira do devaneio. — Deveria entrar, parece que está vindo uma chuva daquelas.

Um carro branco para na entrada do prédio enquanto acato o pedido do homem e subo a escadaria. Entro no prédio e, em seguida, no elevador. Aperto o botão do meu andar, mas a caixa metálica para quando alguém a segura.

Uma mulher morena sorri em minha direção e, em seguida, Amanda aparece, carregando a bolsa da escola e segurando a mão da mulher.

— Tia Sofia! — exclama.

É quase meio-dia e ela não deveria estar em casa.

— Oi, princesa. — Aliso seus fios loiros com carinho.

— Minha tia Sandra me pegou na escola. A aula de reforço foi

cancelada hoje — tagarela.

Lanço um sorriso forçado para a tal Sandra. Ela é a mulher com quem Theo ficou há duas noites?

Nunca me senti tão desconfortável. Ela tem cabelos escuros, olhos claros puxados para uma cor de mel, o corpo alto, curvilíneo.

— Ela é minha professora, tia. É minha vizinha também. E mãe do Noah. — Amanda passa minha ficha completa e não resisto em dar uma risada.

— Isso, meu currículo — brinco, desconfortável.

Amanda segue o caminho todo do elevador falando da escola e dos amigos, enquanto eu respondo de maneira silábica, muito desconfortável.

A porta do elevador se abre e vejo a do meu apartamento aberta. Theodoro está deitado no chão da sala, assistindo a algo na televisão, sem camisa e com meu filho sobre seu peito.

— Meu pai tá cuidando do Noah!

Ela salta na frente e caminha em direção ao meu apartamento. O som da televisão está alto, então Theodoro não observa toda a movimentação ao seu redor. Sandra me lança um olhar de quem não gosta nada da cena e caminha na frente.

— Ai, meu Santo Deus — resmungo baixinho, fazendo o mesmo. Entro em minha casa e Theo me encara, sorrindo com todos os dentes

brancos à mostra, mas não se levanta, pois Noah brinca com seu colar, cheio de interesse no objeto.

— Ei, você voltou. — Amanda se mostra para o pai. — E quem te trouxe a essa hora, pequena?

— Eu trouxe. — Sandra para à minha frente. — Passei no nosso restaurante preferido e trouxe comida para almoçarmos juntos. Está livre?

Engulo em seco e peço que ele me entregue Noah. O homem entrega e se levanta de maneira desconcertada.

— Claro, claro. — Pega a camisa em cima do sofá. — Sofi, precisando é só chamar, ok?

Inspiro fundo e encaro aquele triângulo inexistente e horrendo.

— Ok, obrigada pela ajuda. De verdade — agradeço antes de Theo, Sandra e Amanda saírem do meu apartamento. — Oi, meu amor — falo a Noah, sem pensar bem no que estou fazendo. — Como foi a manhã com o tio Theo, hein?



capítulo 15

theodoro

— Então essa é a mulher com quem você quer se amarrar? — Sandra fala com um sorriso enquanto se aproxima da bancada da cozinha, bebendo um gole do vinho que pegou da minha geladeira.

Eu a encaro por cima do ombro, colocando a comida em algumas vasilhas e, em seguida, sobre o balcão.

— Não. Eu ajudo Sofia. É diferente.

— Por Deus. — Ela bufa. — Você não faz o tipo bonzinho altruísta.

Eu a encaro por alguns segundos.

— Por que acha isso? Eu posso ser o que eu quiser, inclusive altruísta.

— Eu sei que pode, mas eu nunca o vi sendo assim. — Dá de ombros.

— Sempre teve esse ar de *bad boy*. E sem falar que Sofia é uma mulher muito bonita. Claramente rola algo entre vocês.

— Não rola nada, Sandra. Não comece — minto, me lembrando de quando a beijei.

Sandra não é boba e eu estou me fazendo de sonso.

Passei a manhã em casa com Noah, diferente de qualquer coisa que fiz nos últimos cinco anos. Com Amanda sempre foi fácil, afinal, tinha mamãe todo momento comigo. Eu fui o pai que cuidou da parte divertida. O jogo de cintura quem fez foi a minha mãe.

— Bom, se está dizendo. — Ela dá a volta no balcão, pegando uma das uvas que tem sobre a fruteira. Sei que o dia vai ser longo com Sandra aqui, mas não posso ignorá-la.

O telefone toca sobre o balcão, então atendo sem pensar duas vezes ao ver o nome de mamãe.

— Oi, mãe. Aconteceu algo?

— Não, querido, apenas quero saber como vocês estão? Amanda tem se comportado? Como vai a escola?

— Vai tudo muito bem. Estamos ótimos, preparando o almoço — minto.

Mamãe acha melhor sempre comermos comida preparada em casa em vez de comprar tudo pronto.

— Espero que estejam se alimentando bem. Volto em dois dias, estou ansiosa para apertar vocês.

Sorrio com isso.

— Querido, toma um vinho. — A voz de Sandra chega até mim, entregando uma taça de vinho pela metade.

— Não posso beber, não com Amanda por perto. — Estendo em sua direção e caminho para a varanda, sabendo que mamãe surtará rapidamente.

— O que a Sandra faz aí a essa hora?

Mamãe e Sandra nunca se deram muito bem, e ela sempre tenta me deixar o máximo possível distante da mulher. O que é divertido, mas não hoje, quando eu sei bem as intenções da outra.

— Amanda teve a aula da tarde cancelada e Sandra a trouxe. Vamos almoçar juntos, apenas isso.

— Você acha que ela é apenas uma amiga, querido, e eu sei que confia nas pessoas, mas intuição de mãe não falha. Fique longe dela.

— Ok, mamãe. — Sorrio. — Vou chamar Amanda para comer — falo, me despedindo em seguida. Coloco o telefone no bolso e sigo para a sala, chamando Amanda para comer.

Preciso fazer esse almoço durar o mínimo possível.



Finalmente consigo terminar de dobrar todas as roupas de Sofia. Acabei não entregando no dia que ficou pronto, pois queria fazer o serviço

completo, mas com o meu estado de espírito, isso se tornou complicado.

Coloco tudo dentro de uma sacola que mamãe sempre deixou ali e caminho para fora do apartamento. São apenas oito da manhã, Sandra ficou até tarde aqui no apartamento e foi embora em um táxi, já que acabou ingerindo muito vinho. Ela não tentou avançar e eu agradei por isso.

Bato à porta de Sofia, aguardando enquanto penso em tudo que aconteceu. Ela abre alguns minutos depois e me encara, surpresa enquanto segura Noah em seus braços.

— Oi — ela me cumprimenta.

Eu me inclino, colocando suas roupas no canto do lado de dentro, e sinto seu cheiro quando faço o movimento. Sofia cheira a perfume de bebê e isso rapidamente me faz sorrir de lado.

— Está ocupada?

Sofia arqueia a sobrancelha.

— Só na ocupação oficial do leite — brinca, dando espaço para que eu entre. Eu a acompanho e não fecho a porta, não posso ficar muito tempo, afinal, hoje, de um jeito ou de outro, preciso ir para o trabalho. — Realmente muito obrigada pela roupa. Não precisava, mas ajudou muito.

— Cadê sua mãe? Pensei que ela voltaria rápido. — Eu me sento na beirada do sofá e a escuto rir.

— Ela está na fazenda, meu irmão teve uma emergência com as

gêmeas e ela decidiu passar uns dias lá — conta, enquanto beija a cabeça do filho. Sofia nem parece perceber isso, mas continua com o nariz rente aos poucos fios loiros de Noah, cheirando.

— O que era a emergência?

— Meu irmão tem gêmeas. Elas não estavam se alimentando muito bem — responde distante.

— Essa era a emergência? — Franço o cenho. — Você está fazendo terapia, Sofia, cuidando de um recém-nascido e sozinha em casa. — Ela me encara, sorrindo com isso. — Por que está rindo?

— Você tem irmãos, Theodoro?

Paro um instante.

— Tinha, ele faleceu — respondo com sinceridade.

— Sinto muito por isso. — Balanço a cabeça em agradecimento. — Mas já passou por alguma situação onde você sempre esteve em segundo plano?

Eu a encaro pensativo. Um filme passa em minha mente, Thales e eu sempre fomos próximos. Meus pais sempre cuidaram de nós de maneira igualitária.

— Não. Éramos muito próximos e meus pais sempre foram justos.

— Fico feliz por vocês terem este tipo de experiência. — Sofia sorri. — Minha vida não é lá muito justa com isso. — Encara o nada, ainda

embalando seu filho. — Eu e Samuel crescemos com um muro, mamãe o idolatrava, papai sempre me ajudava. Porém ele sempre se destacou, afinal, não importava quanto errava, era homem e homem sempre tem a chance de consertar.

Engulo em seco com suas palavras cheias de mágoa.

— Amo meu irmão, amo minha cunhada, ela é a melhor, sou louca pelas minhas sobrinhas, sabe? Mas isso não muda o fato de que desde que papai se foi, nunca voltamos a ser aquela família de antigamente. Mamãe sempre vai escolher ele, não importa o que Samuel faça.

— Sinto muito — falo, me aproximando. Isso atrai a atenção de Noah e me faz sorrir.

— Eu me acostumei — responde, cobrindo o seio enquanto seu filho coloca sua atenção sobre mim.

— Não deveria se acostumar com isso — rebato, pegando Noah em meus braços e o encaixando na curva do meu pescoço. — Não devemos aceitar um amor pela metade, Sofia. De ninguém. Mesmo que seja da família, mesmo que seja dos seus pais.

Ela sorri e coloca a mão em meu rosto, segurando meu maxilar.

— Obrigada por sempre me ajudar. Nem me conhece e ajuda. — Limpa a lágrima que cai. — Você é quase um anjo. Só não é um, pois é muito descarado.

Isso me faz rir, pois ela tem total razão.

— Eu sou um anjo.

— Lúcifer também era um anjo.

Reviro os olhos e me levanto.

— Vem, pequeno, deixa eu me despedir de você. — Coloco Noah na frente do meu rosto e o vejo sorrir. — Sim, o tio Theo tem que trabalhar hoje, mas ele volta à tardezinha para beijar sua barriga gordinha, ok?

Sei que provavelmente tenho que deixar de ficar vindo ao apartamento de Sofia constantemente, afinal, nada de bom sairá disso. Mas eu gosto tanto de acalmar a alma raivosa de Noah.

— Aqui, mamãe. — Devolvo o garoto para a mãe, me inclinando para beijar a bochecha de Sofia. Mas ela se vira rápido e antes que possamos prever, beijo seus lábios. O selinho não dura mais do que segundos. A mulher pula para trás, assustada.

— Você não pode ficar fazendo isso! — exclama. — Você tem namorada, não pesa sua consciência? A minha pesa, e muito. — Pula do sofá, caminhando para longe.

Encaro o nada, com a mente devagar.

— Sofia, eu não...

O celular toca e vejo o número do meu primo na tela. “Vem até a lanchonete? É meio urgente.” A mensagem de Guilherme me faz suspirar.

— Preciso ir agora. Mas falamos sobre isso quando eu voltar do trabalho. — Pulo de pé e passo por ela, pois se Guilherme me chamou na lanchonete, deve precisar. Meu primo tem uma lanchonete no centro da cidade, vamos sempre lá quando Kenny também está na cidade, afinal, é o ponto de encontro mais fácil. — Se cuidem. Não façam nada que eu não faria.

Ela ri com isso.

— Faremos de tudo, então. — A maneira como Sofia debocha de mim só me faz gostar ainda mais dela.

Parece que estamos em um mundo paralelo onde nos aproximamos cada vez mais, mesmo sabendo que não podemos.



capítulo 16

sofia

Theodoro não voltou como falou no dia que saiu do meu apartamento. Uma semana passou desde então, nesse período fui mais uma vez à terapeuta e hoje Noah terá uma consulta com o pediatra. Ele parece estar se alimentando melhor, e por mais que Karina esteja há uma semana morando comigo, eu e meu filho estamos passando mais tempo juntos.

Abro a porta do apartamento para sair.

— Você volta que horas? — A loira aparece com um sorriso. Ela segura uma pasta e um notebook.

— Antes do almoço. Você vai sair?

— Não. Vou fazer um curso on-line — explica. — Preparo almoço para nós. Tchau, Noah. — Ela se aproxima do carrinho. — Boa sorte no médico. — Beija a bochecha do meu filho, que sorri para a mulher. —

Cuidado, hein.

— Você também — falo, sorrindo.

Ela é bem legal. Estamos interagindo bem desde que começamos a dividir o apartamento. Ela, formada em enfermagem, sabe muito sobre bebês, e me ajuda aos poucos com Noah.

Fecho a porta do apartamento.

— Vamos ao médico, Noah. Nem vai ter picadinha nem nada — aviso, sorrindo enquanto empurro o carrinho em direção ao elevador.

A porta se abre antes que eu aperte e uma mulher aparece. É a mesma que estava com Amanda aquele dia. Ela claramente nutre certa expectativa em relação ao Theodoro. E eu tenho minhas dúvidas do nível de relacionamento dos dois.

— Ah, você é a... Professora. — Olha para o carrinho de bebê.

— E você é a... — Tento me recordar do seu nome.

— Sou Sandra. Namorada de Theodoro — declara, com um enorme sorriso.

Inspiro fundo rapidamente, abrindo um sorriso e tentando não parecer afetada, pois é claramente o objetivo.

— Ah, que legal! Bom, eu preciso ir. Tenho hora marcada no médico.

— Aponto para meu filho.

Ela dá espaço no elevador e eu entro na caixa metálica. Faço menção

de apertar o painel, mas sua voz me faz parar.

— Sabe que você é distração, né? Theodoro sempre foi assim. Ele é debochado, livre, mas tem uma grande vontade de ajudar a todos. O máximo que deve sentir de você é pena. — Suas palavras maldosas não causam nada em mim.

— Fico feliz que Theo tenha qualidades boas. — Dou um sorriso. — Ele é realmente um cara altruísta e eu sou grata pela forma que vem me ajudando. Mas se ele realmente for tudo isso, não deve sentir pena de mim. E sim saber que todos às vezes precisam de ajuda. — Aperto o painel. — Tenha um bom dia, Sandra.

Sua expressão desagradável quase me faz rir quando as portas se fecham. Ela não sabe que esse tipo de coisa não me afeta.

Namorei com o pai de Noah desde a adolescência. Ele sempre foi lindo, capitão do time de futebol da escola, atraía atenção por onde passava, tinha toda uma aura de garoto problemático e isso era como um ímã para as garotas. Eu tive que crescer em cima do meu sistema autodestrutivo para não ser pisoteada.

Aprendi muito lidando com garotas malvadas que tinham a necessidade absurda de se autoafirmarem acima de qualquer situação. Enquanto eu continuava inatingível em meu relacionamento. Só que não deu em nada, no final, Nathan se transformou em um filho da puta e não estava

comigo quando mais precisei.

— Ela é uma boba, Noah — resmungo, limpando a baba que cai do meu filho. — Até parece que vou me sentir mal por causa de Theodoro. Nem gosto dele. Tudo que sabe fazer comigo é debochar. Tudo bem que ele lavou nossas roupas — reflito sobre isso. — E me trouxe comida, mas isso não muda nada.

As portas do elevador se abrem, então caminho para fora. Quando vejo a moto de Theodoro estacionar na calçada, decido caminhar mais rápido, passando por ele antes que tire o capacete e me veja ali. Olho de soslaio para o homem enquanto me distancio.

É mesmo um absurdo que ele seja tão bonito.

As pernas torneadas cobertas por uma calça de couro chamativa. A jaqueta de couro cai tão bem nele... paro na esquina que divide o nosso prédio da loja ao lado para observar o loiro tirar o capacete e bagunçar os fios claros de maneira que o deixa terrivelmente irresistível.

Inspiro fundo.

Não.

Não.

Não.

Homem muito disputado. Mulher ciumenta. Esse tipo nunca dá certo, aprendi bem com Nathan ao meu lado para saber que nunca vale a pena

disputar algo que todos querem. Ainda mais quando alguém tem mil chances de ganhar.

Sandra é mais próxima de Theodoro. Tem Amanda que os liga.

E eu ainda sinto meu coração reclamando por todos os danos que o pai do meu filho criou dentro de mim. Não tenho nem por que ficar preocupada com isso! Não mesmo.

Volto a caminhar, sabendo que levarei algum tempo até chegar ao consultório do pediatra.



— Viu? — falo, balançando Noah de um lado para o outro. Estou sentada na cadeira de espera do consultório segundos depois de sair da sala. — Ele disse que você está mais gordinho. Fiquei tão feliz. — E realmente sinto meu coração meio que explodindo com uma felicidade boba.

— Ele tem quantos meses? — uma moça ao meu lado pergunta, pegando um garotinho pelo braço e o sentando novamente em seu colo. O menino se debate, agitado.

— Dois e algumas semanas.

— Estava abaixo do peso? — indaga, curiosa.

— Sim. Ele não estava mamando muito bem — falo. — Bom, acho

que era mais culpa minha. Parecia que não sustentava, sabe?

— Ah, passei por isso com Fabrício. Ele nunca ficava satisfeito.

— Chorava o tempo todo?

— Sim. — Ela ri. — Só parou quando começou a realmente se sustentar com o leite. Tentei dar alguns suplementos, mas não fazem muito bem. — Assenti ao me lembrar de que não tinha uma reação muito boa no Noah. — Passei por um período difícil também durante os primeiros meses de vida dele.

— O que houve? — não resisti em indagar.

— Depressão pós-parto. Sentia-me tão estúpida. — Encara o nada, pensativa.

Sinto suas palavras apertando meu peito.

— Você ficou bem? O que sentia?

— Me sentia cansada. Pensava que não ia dar conta da carga que era ser mãe de alguém. — Encara o filho. — Fiquei bem sim. Tive bastante ajuda psicológica, quando estamos neste tipo de estado, nossa mente pesa. Não conseguimos seguir em frente.

Fico calada. Ainda balançando Noah em meus braços.

— Agora ele é minha vida, sabe? E eu entendo que o tempo que passei sofrendo não foi uma coisa que decidi sentir. — Encolhe os ombros. — Aconteceu. Afinal, somos mulheres, sabemos bem que nosso sistema é

quase uma bomba prestes a explodir. Menstruação. Gravidez. A pressão para seguir em frente.

Sorrio.

— É um conjunto complicado — completo.

— Sempre é — reafirma.

Isso faz meu coração ficar mais leve. Eu vou ficar bem, igual a esta mulher, certo?



capítulo 17

theodoro

Abro a porta de casa e encontro mamãe com a Sandra sentadas na sala. Arqueio a sobancelha, colocando as chaves de lado enquanto tiro a minha jaqueta de couro e penduro atrás da porta.

— Oi, querido. Amanda já chegou, eu a peguei mais cedo, espero que tenha visto a mensagem e não tenha passado na escola.

Assinto e tiro o sapato, me aproximando para beijar o topo da cabeça de minha mãe.

— Eu vi sim. Boa tarde, Sandra. — A mulher sorri. — O que faz aqui? Não é dia de ficar com Amanda.

Ela está rondando muito minha vida desde aquele dia que fui ao seu apartamento, e isso não me agrada.

— Vim ver sua mãe, claro. Faz tanto tempo que não a vejo.

Mamãe toma um gole do café e me encara por cima da xícara, o que me faz rir de leve.

— Bom, eu vou dar um oi para Amanda e volto em breve. — Caminho em direção ao quarto e vejo minha menina sentada no chão. — Ei, vovó voltou. Quando você vai para a casa dela?

— Não me quer aqui? — Ela me encara, magoada.

— É claro que não, pequena. — Eu me sento à sua frente. — Sabe que pode ficar o quanto quiser, mas sabe que eu sei zero sobre criar uma criança.

— Mas você cuida bem de mim. E eu gosto de morar ao lado da tia Sofia e do Noah. — Ela foi constantemente para o apartamento de Sofia na última semana. Estive tão ocupado nos trabalhos, que acabei não tendo qualquer interação com a minha vizinha. — Vovó podia morar aqui com a gente.

— Sim, mas sabe que ela adora a casa, pois ela lembra o vovô. — Aliso seus cabelos. — Mas se quiser ficar, tudo bem. Sabe que sempre pode ficar comigo.

Ela sorri de orelha a orelha.

— Te amo.

— Também te amo, pequena. No próximo fim de semana, faz quatro anos que seu pai se foi — começo, enrolando uma mecha do seu cabelo entre

os dedos. — Podemos ir vê-los no cemitério.

— Não gosto daquele lugar, papai. — Ela me encara, chorosa. — Me faz querer chorar. E o papai Thales sempre aparece nos sonhos e diz que me ama, mamãe Alice também. Eu não quero ir naquele lugar.

Sorrio e beijo seus fios loiros.

— Ok, meu amor. Não vamos a lugar nenhum. E fale para seu pai em seus sonhos que eu o amo também.

Ela me encara com os olhos claros brilhando pelas lágrimas contidas.

— Eu sempre falo.

E eu nem sei como começar a dizer o quão sortudo sou por ter Amanda em minha vida.

Levanto-me e caminho para fora. Vejo que está apenas mamãe na sala, a porta entreaberta e ela segura uma criança em seus braços enquanto fala com outra pessoa. Curioso, eu me aproximo.

— Ele é uma fofura. Lembra-me do meu menino quando tinha essa idade. Saudade deles cabendo na palma da minha mão — tagarela. — Hoje Theodoro é tão atentado que nem entrando na casa dos trinta anos toma juízo.

Vejo Noah encarando mamãe enquanto ela fala com Sofia, que abre sua porta e coloca as sacolas de compras para dentro. Ela veste uma calça jeans apertada que evidencia suas pernas e bunda redonda, uma camisa solta no corpo com algum símbolo estampado, e sorri enquanto mamãe fala.

— Ei, o que está fazendo denigrindo minha imagem para Noah? — indago, parando ao lado da mamãe. — Sabia que ele me adora? Não quero que vocês fiquem me difamando.

Sofia me encara com um sorriso e empurra o carrinho para dentro do seu apartamento.

— Não se preocupe, Noah te adora demais para mudar isso — brinca.

— Que bom, eu sou mesmo irresistível. — Estendo os braços, pegando o menino. — Foi passear, Noah? Está todo bonitão. Encantou muitas garotas?

— Fomos ao médico, tio Theo, ele disse que engordei uns quilinhos e mamãe quase surtou de felicidade. — Encaro a mãe do menino com um sorriso, e vejo que suas palavras são verdadeiras. Sofia parece radiante. — Estou quase cantando de felicidade.

— Fico feliz por vocês.

— Vou preparar o jantar. Por que não janta conosco, Sofia? Adoraríamos ter a sua companhia — mamãe fala como se conhecesse a mulher há anos.

— Ah, obrigada, dona Neiva. Mas eu vou jantar com a minha companheira de apartamento, ela o preparou e não posso dizer não.

Franzo o cenho com essa informação.

— Ok, mas me deve um jantar — mamãe cobra e eu a encaro de

maneira desconfiada enquanto ela entra. — Tchau, queridos.

— Tchau! Bom, acho que...

— Companheira de apartamento? — indago, me aproximando e ficando frente a frente com Sofia, enquanto ainda seguro seu filho em meus braços. Ela inspira fundo e fecha os olhos por alguns minutos, coçando a testa de maneira desconfortável.

— Sim, uma enfermeira que conheci. Ela estava precisando de um lugar para ficar e decidi juntar o útil ao agradável.

— Agora você confia em estranhos em sua casa?

Sofia abre a boca, em choque com meu ataque debochado à sua fala de que eu era um estranho.

— Não acredito que você ficou bravo por isso.

— Não fiquei. Na hora, fiquei puto, mas você tinha razão. Mas estou falando isso mais no sentido amplo, ela continua sendo uma estranha.

— Foi uma indicação de uma amiga de confiança. E Karina e eu temos nos dado bem. — Encolhe os ombros. — Ela me dá muitas dicas de como lidar com Noah e tem sido ótimo ter uma companhia.

— Não precisa ficar sozinha quando estiver sem companhia. Sabe que estou sempre na porta ao lado. — As palavras saem mais rápido do que consigo prever.

Sofia abre a boca, pensativa por alguns instantes.

— Eu não quero problemas, Theodoro. Como disse para Sandra, adoro que você seja gentil comigo, agradeço por tudo que fez por mim, mas eu não quero problemas com você e nem com sua namorada.

— Eu não tenho namorada, pelo amor de Deus! — resmungo, lembrando-me da nossa última conversa. — Quem foi que enfiou essa merda na sua cabeça?

— Sandra. Ela falou com todas as letras. Não estou dizendo que você me deve explicação, eu já lidei com muitas garotas malvadas no colégio. — Ela ri. — Ela pensou que poderia me assustar dizendo que você é dela e tudo mais. Só que eu sei me defender. Hoje pouca coisa consegue me abalar.

Encaro sua determinação.

— Sandra está louca. Já ficamos, mas não tem chance nenhuma de sermos alguma coisa. — Ela tenta falar, mas eu a impeço. — E sei que não te devo explicação, mas eu quero dar. — Noah segura firme meu colar de identificação. — Afinal, você é minha amiga e eu acho que devemos sempre ser sinceros.

Sofia força um sorriso.

— Sim. Obrigada por isso. Vou levar Noah para um banho. — Ela pega o menino. — Foi bom te ver. Noah estava com saudade.

— Só Noah ou você também? — brinco, abrindo um sorrisinho.

— Só Noah, Theodoro — responde usando meu nome completo para

me irritar.



capítulo 18

sofia

Que merda de gosto amargo é esse em minha boca? Tem cara de decepção. Acordo cedo na manhã seguinte ainda com essa sensação, o que não é nem um pouco boa, dado ao fato de que eu tentei enfiar na minha mente de que Theodoro e Sandra são perfeitos um para o outro. Só que primeiro ele falou sobre isso nunca acontecer e depois disse que éramos amigos. Ok, amigos. Somos amigos, certo?

— Nossa, você é ridícula, Sofia! — Encaro o nada enquanto dobro algumas roupinhas de Noah para arrumar o guarda-roupa.

Termino de fazer isso e sigo para a sala, encontrando Karina no meio dela, terminando de arrumar os cabelos e vestida adequadamente.

— Recebi uma ligação! Vou ter uma entrevista — praticamente grita de tão animada.

Caminho para a cozinha sorrindo e me sirvo de uma dose generosa de café, afinal, estou precisando.

— Isso é ótimo, Kah. Espero que faça uma boa entrevista. — Escuto a campainha tocando e franzo o cenho com isso. — Quem será a uma hora dessa? — Caminhamos juntas em direção à porta, não são nem oito da manhã.

Assim que a abro, sinto o ar indo embora dos meus pulmões rapidamente. Theodoro está ali e abre um sorriso de canto de boca que o faz ficar irresistível.

— Oi, bom dia. — Desvia o olhar para Karina, que o observa de maneira curiosa. Ele levanta a mão no ar. — Trouxe pão de queijo, mamãe deixou assando e pensei que poderia dividir com você.

A maneira que ele sempre me traz comida com toda certeza é o que está atrapalhando meu foco.

— Claro, entra. Quer tomar café conosco, Karina? — falo, percebendo que não havia apresentado os dois. — Theo, está é Karina, está morando comigo e Noah. Kah, este é Theodoro.

Ela sorri.

— Um prazer conhecê-lo. Preciso ir. Já tomei café, obrigada. — Ela pega a bolsa em cima do sofá e sai, se despedindo de nós.

Encaro Theodoro com um sorriso de lado enquanto fecho a porta. Não

o esperava tão cedo em meu apartamento, ainda mais depois de ter passado uma semana desaparecido.

— Não esperava te ver tão cedo. — Caminho para a cozinha com a xícara de café entre os dedos e coloco a garrafa sobre a mesa. — Senta. Tem leite aqui. — Pego a jarrinha de vidro com leite que fiz mais cedo e coloco à sua frente. Ele estende o prato com pãozinhos em minha direção e não perco tempo, levando isso para os lábios. — Ai, isso é maravilhoso...

Theodoro serve café em uma das xícaras limpas na mesa e coloca uma quantidade generosa de leite. Fazendo todo o processo em silêncio, o que não é muito característico do homem.

— Você está quieto, geralmente parece um papagaio debochado. O que houve?

Ele me encara, segurando a risada.

— Nada.

— Fala logo, Theodoro — rosno em sua direção.

Ele suspira, revirando os olhos.

— É minha mãe.

— O que tem sua mãe? Ela parece ótima.

— E ela é. Só que ela fica colocando ideias na minha cabeça e sei que é estúpido, mas não paro de pensar nisso. — Quanto mais ele fala, mais confusa eu fico. — Não está entendendo nada, né?

— Tirando o fato de que você está estranho, não.

— Bom, mamãe sugeriu que eu te levasse a um encontro. — Revira os olhos. — E talvez eu esteja cogitando essa ideia.

Paro, levando um bolinho redondo e apetitoso aos lábios, observando Theodoro com sua indignação.

Eu queria que ele me levasse a um encontro?

Pelo amor de Deus, não.

— E quem disse que eu quero ir a um encontro com você? — rebato, afrontando seu ego. — Primeiro, você é um libertino lascivo. Segundo minha experiência, nada de bom pode sair do fato de ficar perto de você.

— Ok. — Ele ri. — Essa foi a gota d'água. — E fazendo jus ao Theodoro que eu conheço, começa a gargalhar.

Fico ofendida ao perceber que está rindo de mim.

— Do que está rindo, idiota? — Bato em seu ombro.

— Libertino? Que diabos de palavra é essa?

— Significa safado, um homem em...

— Eu sei o que significa, Sofia — rebate. — Mas que porra é essa? De onde você tirou libertino? Direto do século dezoito?

Abro a boca com sua ofensa.

— É uma palavra maravilhosa. Muito melhor do que todos os sinônimos atuais para ela.

Ele pousa o cotovelo na mesa e o maxilar na mão para me observar.

— Ah, claro, afinal, sempre tem alguém me chamando de libertino por aí — debocha. — Mas como um bom libertino, eu prometo que vou me comportar se você for a um encontro comigo.

— Pelo amor de Deus...

— Eu até vou estar vestido adequadamente.

— E como você vai a encontros, Theodoro? Desnudo? — Reviro os olhos.

— Na maior parte do tempo, não chego na parte de encontros, eles já começam quase desnudos mesmo. — Arregalo os olhos e isso o faz rir. — Vai, não seja má comigo.

— Você acabou de dizer que o único encontro que teve na vida se resumiu a ficar nu com outra mulher, e eu que estou sendo má com você? — Franzo os olhos de maneira ameaçadora.

Ele se aproxima, tocando a mecha que cai em frente ao meu rosto.

— Sim, afinal, não tem mulher mais perfeita para ter um primeiro encontro que você... — a maneira que Theodoro fala é sedutora. Na verdade, tudo neste homem exala sedução, e eu sei que corro perigo ficando ao seu lado.

— Não sei não. Somos muito diferentes. Eu não combino com você, e encontro no seu conceito parece algo preocupante.

Ele pensa por alguns segundos até que abre um sorriso de canto de boca. Se aproxima um pouco mais, ficando com o nariz encostado ao meu.

— Não vou morder você, Sofia. A não ser que peça... — fala, sorrindo de lado de maneira quase diabólica. — Tenho cara de lobo, mas posso brincar de príncipe por uma noite. — Sua mão sobe ao redor do meu ombro, segurando meus cabelos e levando-os para trás. Sua mão tem toque delicado e faz minha pele incendiar. — Um encontro. Uma noite. Pode até chutar minha bunda no final.

— Tenho um bebê, não tenho como ir para encontros.

— Podemos deixar o Noah com mamãe e Amanda. Ela se voluntariou.

Inspiro fundo com a solução perfeita para ter uma noite com aquele homem. Mas o medo me domina. E se tudo que vivi com Nathan voltar como um filme da minha vida destruída em versão 2.0?



capítulo 19

theodoro

— *Sim* — Sofia finalmente fala, fechando os olhos de maneira dramática e falando que isso não irá dar certo.

O sorriso se estende em meu rosto enquanto me aproximo para beijá-la. Ela continua de olhos fechados e só abre os lábios quando os meus cobrem os dela e puxo sua cadeira mais para a frente, segurando seu rosto com firmeza enquanto sua boca se abre. Minha língua brinca com a sua de maneira torturante, sinto meu corpo todo respondendo. Minha pele parece se aquecer enquanto ela se derrete contra minha boca. Sofia tem gosto de café e isso é bom para caralho.

Afasto-me, encostando minha testa na dela quando ouço o choro de Noah ao fundo. Eu a encaro, piscando um olho ao me levantar da mesa.

— Vou pegá-lo. Continue comendo. — Saio da cozinha e sigo para o

quarto. Vejo o menino se movendo sobre a cama. Pego um dos pezinhos redondinhos que cabem na palma da minha mão e mordo de leve, ouvindo-o soltar um grunhido com isso. — Bom dia, garotão. Vamos ver a mamãe? — Eu o pego em meus braços, alisando os fios loiros e desgovernados. — Sim, tio Theo veio acordar você hoje. Gostou? Amanhã você vai ficar a vovó Neiva, e eu vou levar sua mamãe para dar uma voltinha de moto.

— De moto, é? — Ela aparece na porta do quarto, com um sorriso de lado.

— Pensei que fosse impressionar você.

Sofia ri. Nem sei que diabos estou fazendo da minha vida querendo abalar esta mulher, muito menos a convidando para sair.

Só sei que quero.

— Me deixa trocar esse pequeno terrorista — fala, pegando o filho dos meus braços e levando-o para o banheiro. Sigo Sofia de perto, observando-a deitar o garoto em cima de um colchãozinho sobre a bancada ao lado da pia e retirar a fralda. — Você não tem que trabalhar?

Estendo o lenço umedecido, que ela tenta alcançar.

— Claro. Mas posso me atrasar alguns minutos. — Pego a fralda suja que ela fechou e a observo balançar o filho de um lado para o outro enquanto enche a banheira. Sofia faz tudo tão naturalmente, que aposto que nem percebe sua evolução em relação ao filho.

Estendo a toalhinha verde que estava pendurada no gancho quando ela finaliza o banho de Noah, que parece peixe por água. E ela estende o menino em minha direção, pedindo que segure.

— Um instante. Vou descartar a água e pegar fraldas novas.

Assinto e encaixo o pacotinho verde e molhado contra meu ombro, balançando de um lado para o outro, enquanto voltamos para o quarto. Coloco Noah sobre o plástico que Sofia adicionou sobre o colchão.

— Para que serve isso? — indico, enxugando os cabelos do garoto com as pontas da toalha.

— Para ele não fazer coisinhas na minha cama. — Sorri com isso ao se aproximar. — Obrigada. Pode ir, senão vai acabar se atrasando — fala, parando ao meu lado.

— De nada. Dona Neiva disse que vai preparar o jantar para nós. — Noah agarra a minha placa de identificação e puxa o meu pescoço para baixo, então aproveito para beijar a barriga com curvinhas do bebê. — Tchau, garotão. Eu te vejo mais tarde. No jantar. Amanhã você sai comigo, princesa.

— Não me chame de princesa. — Ela me encara.

— Chapeuzinho Vermelho, então? — brinco, sorrindo de lado.

Ela joga o pacote de fraldas que está em sua mão em minha direção. Distancio-me a tempo, correndo para fora.

— Tchau, Theodoro! — Eu a escuto gritar com raiva. — Ele é tão

irritante, Noah, não sei como você o ama tanto — fala para o menino enquanto continuo parado ali, observando a parede branca do seu apartamento.

Merda. Que diabos está acontecendo comigo? Por que Noah se tornou tão importante para mim? Por que Sofia é uma preocupação constante em meus pensamentos? Isso não deveria estar acontecendo.

Pego a chave da moto em meu bolso e saio do apartamento com a cabeça pegando fogo. Sabia que seguir o conselho de mamãe não seria uma boa ideia, afinal, ela acha que Sofia pode ser um possível casamento em minha vida. E só Deus sabe o quanto minha mãe quer que eu case.

— *Para onde Sandra foi? — falo, entrando em casa e vendo mamãe mexendo nas panelas sobre o fogão. — E por que você estava falando com Sofia como se a conhecesse há anos?*

— *Para casa. Viu que você não deu bola e se foi. Conheço Sofia há uns dois anos, desde que começou a trabalhar na escola. — Franzo o cenho com isso. — E Amanda me contou que você tem ajudado bastante a Sofia.*

— *Sim, Sofia não estava lidando bem com a maternidade.*

— *Ah, que tristeza. Mas ela parece tão bem.*

— *Sim, ela está evoluindo — falo com um meio sorriso. Estou muito feliz com a maneira que ela parece crescer diante dos seus obstáculos.*

— *Por que não a convida para sair? — indaga, como quem não quer*

nada.

— Por que faria isso?

— Porque é uma garota legal. Tem um bom emprego, vem de uma família boa e é muito simpática. Bem inteligente também — enumera as várias qualidades de Sofia. — Seria a esposa perfeita.

— Mamãe!

— O quê?! Só por que você não quer se casar eu não posso sonhar com isso? — Ela se faz de ofendida. — Sempre desejei que você e Thales tivessem uma boa mulher ao lado. Sei que quando encontramos alguém com quem dividir a vida e as dores, tudo se torna mais fácil.

— Mas eu não quer...

— Sim, mas não estou falando para você pedir Sofia em casamento. Você tem trinta e cinco anos, meu filho, me diga se já teve um encontro que não fosse resumido a sexo? — Paro por alguns instantes. Infelizmente, ela tem razão. — Não entendo sua mágoa com o amor. Eu não vou viver para sempre, e Amanda precisa de uma figura feminina em sua vida.

— Ninguém nunca vai ser mais mãe para Amanda do que você ou Aline.

— Eu sei, mas toda pessoa precisa de um espelho na sua vida. Thales tinha seu pai, tinha você como inspiração. E vocês fizeram dele um homem maravilhoso... — Suspira, lembrando-se do filho. — E quero que Amanda

tenha boas referências para crescer uma mulher independente e inteligente.

“Ela ainda é uma criança. E você está ficando velho, precisa de uma boa mulher ao seu lado. — Mexe na panela por alguns minutos e depois me encara com intensidade. — Sabe, Theo, a vida não precisa de alguém para ser completa. Tem diversas formas de sermos felizes... mas quando encontramos alguém que amamos, com quem podemos dividir o fardo que é viver, tudo se torna mais fácil. Mais feliz. Pense nisso.”

E foi nisso que pensei enquanto chamava Sofia para sair.



& capítulo 20

& sofia &

Dona Neiva apareceu na minha porta às sete horas da noite, me chamando para jantar. Karina ainda não havia retornado com notícias sobre seu novo emprego, então deixei um aviso de que estou no apartamento ao lado, levando Noah comigo.

— Ele é uma fofura — a senhora diz, deitando o menino novamente no carrinho. — Theo falou que você não estava lidando bem com a maternidade, o que houve, querida? Sempre foi muito querida com todas as crianças. — Coro com isso. — Não precisa se envergonhar.

— Eu fiquei muito sozinha nos últimos meses de gravidez — engasgo ao falar, bebendo um gole da água que está em minha frente. Theodoro ainda não havia retornado, segundo dona Neiva, ele tinha ido resolver um assunto com o primo. — O pai de Noah simplesmente decidiu que não queria mais

fazer parte de tudo e me deixou sozinha. Tive que lidar com a minha família em cima de mim. Quando ele nasceu, eu não me sentia preparada para tantas mudanças que começaram a acontecer naturalmente.

— Ah, querida. Sinto tanto que tenha passado por isso. Sua mãe não está com você? — Sorri.

— Ela foi para a fazenda da família cuidar de uns assuntos do meu irmão. — Neiva franze o cenho, mas não fala nada. A porta se abre e Theodoro passa por ela. — Cadê Amanda? — pergunto, notando que a menina não chegou com o homem.

— Ela ficou na casa de Alex, queria brincar com Alícia.

— É a prima, Sofi. Ela adora a menina. As duas juntas deixam qualquer um louco. — Isso me faz rir. — Vá tomar banho, filho, vamos para a mesa. Não demore.

— Ok. Já volto — Theo fala, pendurando a jaqueta no gancho atrás da porta. Ele passa por mim e eu sinto o cheiro de graxa em seu corpo. — Deixa só eu dar oi para o meu garotão... — ele fala isso de maneira tão natural, que deixa todo meu corpo tenso. Theodoro inclina a cabeça dentro do carrinho e brinca com Noah. — Oi, pequeno. Quase dormindo. — Beija os pezinhos do meu filho com carinho.

Sinto minha garganta apertar. Noah poderia ter isso sempre se o pai dele não fosse um canalha.

— Vá tomar banho, Theo. Você está todo sujo, querido.

— Aposto que não estou tão sujo assim. — Ele nos encara, sorrindo.

— Estou cheiroso, sabia? Sofia, quer um abraço?

Arregalo os olhos, desviando meu olhar da sua camisa com algumas manchas para o meu vestido branco impecável.

— Melhor não. Deixa para depois.

— Ah, não, vem aqui. — Ele se aproxima, rindo e abrindo os braços, então pulo do sofá para longe dele.

— Sai, Theo! Vai manchar meu vestido e...

Ele segura meus pulsos e me puxa para perto, mas não cola nossos corpos. Sinto seu corpo alto me sondando, me mantendo em torno daquela áurea sensual que o homem emana.

— Não... não!

— Vou cobrar seu abraço, princesa. — Ele beija a pontinha do meu nariz antes de me soltar e se afastar com um sorriso largo.

Pensativa, encaro as costas de Theodoro, sabendo que Neiva observa a interação do filho comigo. Sinto minhas bochechas corando rapidamente e encaro a mulher, que apenas sorri de maneira cúmplice antes de encolher os ombros.

— Vamos para a mesa? — é tudo que fala, se levantando e seguindo para a cozinha.

Respiro aliviada, Neiva não parece se importar muito com a maneira que o filho interage comigo. Observo que Noah está cochilando, então decido levar o carrinho comigo para embalá-lo enquanto janto.



Theodoro e Neiva conversam comigo durante todo o jantar. Ela fala dos primos que moram nos arredores de São José e conta que eles sempre estão pela cidade, interagindo com Theodoro.

— A família de vocês é muito grande? — indago, levando um gole do suco para a boca.

— Sim, somos uma penca de gente. Os Alencastro parecem sempre se distribuir com muita facilidade. — Ela sorri. — E você?

— Bom, não tenho tios por parte de mãe. Por parte de pai tinha um, mas ele já faleceu, nem teve filhos. Então de família são apenas minha mãe, meu irmão, minha cunhada e as gêmeas.

— Ah, ele tem gêmeas? Que lindo.

— Bom, a maior parte do tempo elas deixam minha cunhada surtada, e isso não é lindo.

— Imagino que sim... tive apenas dois, mas Theodoro sempre deu trabalho por cinco crianças. — Ele abre a boca de maneira ofendida. — Nem faça essa cara, uma vez quase chamei a polícia pensando que esse menino

tinha sido sequestrado!

Ele ri.

— Lembra de quando você precisou chamar o bombeiro porque botei fogo na cozinha? — ele fala como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Claro que eu me lembro. Queimou uma porção de coisas.

— Quantos anos você tinha quando incendiou a cozinha? — indago, curiosa.

— Cinco.

— O que diabos você fazia na cozinha, Theodoro?

Ele sorri de maneira que não se envergonha.

— Eu era uma criança curiosa.

— Uma criança arteira, ele quer dizer, Sofia — a mãe intervém.

— Tirou as palavras da minha boca, dona Neiva.

— A fé que vocês têm em mim me surpreende.

Sorrio, comendo um pouco mais.

— Bom — falo, depois de conseguir engolir. — Eu espero que Deus interceda por mim e Noah não coloque fogo na casa.

— Você acha mesmo que o anjinho que não me deixava dormir desde que vocês se mudaram será comportado? — Engulo em seco. — Deve ter puxado ao pai, arteiro.

— Nathan era muito atentado mesmo — falo, pensativa. — Eu estou

começando a ficar preocupada agora.

— Calma, querida. Até lá, ele ainda tem muitas fases para você se preocupar. Além do mais, sempre mantenha o número de telefones de emergência por perto. Compre um extintor, fiz isso quando Theo queimou a cozinha. — Seguro a risada. — É sempre muito difícil saber quando uma criança quer fazer de você churrasquinho, mas não impossível.

— Obrigada, dona Neiva. Vou anotar suas dicas — falo, encarando meu anjinho adormecido. Theo faz o mesmo, sentado ao meu lado com o carrinho entre nós.

— Com toda certeza eu irei fazer aula com o tio Theo de como deixar a mamãe louca — fala com voz de bebê, tocando os fios loiros do meu filho. — E como conquistar a mulherada, afinal, não sou lindão assim à toa...

E sei que de alguma maneira Theodoro virou o tio Theo do meu filho e não há nada que eu faça para mudar isso.



capítulo 21

theodoro

Remexo-me dentro da jaqueta jeans, estou tão agoniado que parece que irei tirar a virgindade de alguém ou perder a minha própria. Pior comparação impossível. Decidi planejar uma noite perfeita ao lado de Sofia, mas nem mesmo escolher uma roupa legal eu consigo, já que decido tirar a jaqueta.

— Ei, está pronto? — Amanda aparece na porta do quarto. — Você tá gato, papai. Tia Sofia vai se apaixonar!

Sorrio.

— Deus ajude que não — sussurro.

Ainda não sei qual é o objetivo de me esforçar tanto para levar uma mulher para sair, afinal, se eu quisesse sexo, poderia ter isso de maneira mais fácil. Mas não, planejei todo um encontro para uma mulher que sei que nunca

se deitará comigo de primeira, nem de segunda... talvez nunca.

Sofia é bonita, com toda certeza atraente, mas é boa demais para mim.

— Você e Sofia vão ser um casal? — Amanda indaga, se sentando na beirada da minha cama.

— Não. Ela está passando por um momento complicado, é legal sair, ir a lugares bons e descansar a mente — minto, pensando sobre isso.

A dor na boca do meu estômago se intensifica conforme começo a ficar ainda mais nervoso.

Sofia é boa demais para mim.

Sim, é formada em pedagogia, inteligente, lê livros e fala palavras difíceis que me faz ficar rindo da sua cara. Enquanto eu sou um ex-militar, mulhereço, mecânico e com um futuro sem definição. Nem tenho nem como começar a comparar.

Somos pessoas completamente diferentes.

— Ah, eu queria que vocês se tornassem um casal — minha filha lamenta.

— Somos apenas amigos — abro um sorriso e falo, mais para ela do que para mim. Saio do quarto com Amanda em minha cola e vejo que Sofia entrega à mamãe a bolsa de Noah e o carrinho de bebê. — Ei, pronta? — falo, fazendo-a me encarar.

Sinto um dorzinha no peito e uma falta de ar repentina que domina

meu ser. Ela está linda demais, radiante. Os cabelos cortados na altura dos ombros se mantêm ali em um liso alinhado, o rosto não muito maquiado estampa com honra um batom vermelho chamativo, que me faz desejar borrar todo em um beijo de tirar o fôlego.

Ela veste um vestido rodado na cor vermelha, com um decote generoso, o que deixa seus seios evidentes.

— Ela está linda, não é, papai? — Amanda indaga, arteira.

Abro um sorriso com suas palavras.

— A mulher mais linda de todas — falo com toda a sinceridade, e vejo as bochechas de Sofia corarem de maneira envergonhada. Ah, merda, ela tem que ser terrivelmente fofa também. — Cadê meu garotão? — Eu me aproximo do carrinho e vejo Noah me encarando. — Ei, meu menino. Vou roubar sua mamãe um pouquinho, ok? Te vejo em algumas horas. — Seguro o pezinho que dá para rechear um pãozinho e beijo com carinho.

Ele me lança um sorriso banguela.

— Esse menino me adora. — Eu me gabo para Sofia, que revira os olhos. — Vamos. Tchau, família.

— Tchau! — Ouvimos um tchau em sincronia enquanto saímos.

Estou vestindo calça jeans escura, camisa branca e minha jaqueta de couro habitual.

— Pensei em irmos de carro, você pode não gostar da moto. — Sem

falar que ela usa um vestido, e isso será uma carta entregue para qualquer um que passe por nós.

— Eu quero saber como é ser uma das garotas na sua garupa, bonito — zomba, sorridente.

— Nem deseje isso, princesa — falo, entrando no elevador e apertando o botão do térreo.

Sofia conversa comigo sobre assuntos banais enquanto minha mente volta a todo instante para aquele pensamento sobre nunca ser bom o suficiente.

É sobre isso que mamãe fala? Que a vida que eu levo nunca me fará digno de ter uma mulher como ela?

— Você está bem? — Sua voz suave me pega desprevenido.

— Sim, sim.

— Está pensativo, Theo. Se não quiser ir, tudo bem, podemos voltar e...

Eu a calo, segurando sua cintura e afundando minhas mãos em seus cabelos enquanto minha boca se choca sobre a sua. Eu a sinto suspirar contra mim e me receber sem nenhuma reserva. Minha língua brinca com a sua, deslizando sensualmente dentro da sua boca ao sentir as batidas do meu coração todo errado.

Sofia afunda dos dedos em meus cabelos e suga meu lábio inferior, se

afastando levemente para buscar fôlego.

— O q...

— Você não pode desejar ser uma das garotas na minha moto — sussurro para ela. — Não pode desejar ser como nenhuma mulher que passou em minha vida, Sofia.

— Por quê? — Sua pergunta vem entrecortada e ofegante.

— Porque você é boa demais para ser qualquer uma delas.

Ela abre os olhos, me encarando.

— Faz parte do plano de ser um príncipe?

Sorrio de lado com sua indagação.

— Não sei ser um príncipe. Na verdade, nunca serei. Sou todo errado e você é toda certinha — brinco. — Gosto disso. Gosto que seja toda certinha, que use palavras antigas e que me chame de Theodoro quando quer me irritar.

Ela suspira.

— Você está tentando fazer eu me apaixonar por você?

A risada escapa dos meus lábios.

— Nem que me tornasse um santo iria conseguir esta proeza. Você merece o mundo. — O elevador se abre e eu me afasto. — E eu não consigo dar nada disso. A ninguém. — Eu não sei se ela ouve as últimas palavras, pois não estou encarando-a.

Me aproximo da moto e pego um dos capacetes no guarda-volumes do nosso prédio, colocando sobre a cabeça da mulher com delicadeza, puxando os fios escuros para trás. Seguro seu rosto e sorrio.

— Com saudade de Noah?

— Estou tremendo inteira pensando que ele pode começar a chorar. Que dona Neiva fique chateada. Que meu filho se sinta abandonado.

Beijo seus lábios.

— Calma, eu tenho certeza que eles vão ficar bem. Esta é sua noite. Vamos levar você para se divertir, *baby*. — Beijo seus lábios novamente antes de subir na moto e colocar meu próprio capacete. — Suba. — Ela obedece, passando as pernas por cima do banco e se acomodando contra mim. Suas mãos prendem minha camisa entre os dedos e seu corpo se aconchega mais contra o meu.

Sinto todas as curvas de Sofia contra mim, e sei que será minha perdição tê-la tão perto e não poder tocá-la da maneira que desejo.



O primeiro ponto é um restaurante no centro da cidade. Um dos melhores que encontrei na cidade de São José. Estaciono com cuidado e desligo a moto, tirando o capacete.

— Vamos jantar? — Ela me encara, com curiosidade.

— Sim. Conhecendo-a como eu conheço, nada melhor do que começar a noite com comida. — O sorriso se abre em seu rosto. Saio da moto e ela continua sentada sobre o banco. — Ah, merda, sabia que você e este vestido sentada na minha moto seria uma péssima ideia.

Meus olhos descem para as suas coxas desnudas e eu as imagino em torno da minha cintura enquanto entro nela lentamente, várias e várias vezes, até que nossos corpos fiquem...

— Deveria ter usado algo mais discreto. — Ela sorri e se levanta com cuidado para não mostrar nada além da conta. As suas palavras afastam qualquer pensamento sexual da minha mente. — Você parece mais relaxado. — Ela me analisa. — Não sei o que foi aquilo que me falou no elevador, mas se tem uma pessoa que acredito que seja digno de ter uma mulher maravilhosa é você, Theodoro.

— O quê?!

— Sim, você é safado, debochado e eu amo te irritar chamando de Theodoro, mas sei que é bondoso, amigo e ama muito sua família. Acho que seria um pai incrível e um ótimo marido para qualquer mulher. — Ela sorri de maneira angelical. — Só que diferente de você, eu não sou mais uma pessoa que pode se envolver com um homem. Agora tenho um filho, tudo se resume a ele. Se algum dia encontrar o homem que se encaixe em meus sonhos e ele não amar meu filho, eu vou ter que renunciar ao amor.

Permaneço em silêncio enquanto ela fica na ponta dos pés e deposita um selinho em meus lábios.

— E o que estamos fazendo, Sofia? — Ela para, me encarando. — O que estamos fazendo nos beijando e saindo juntos?

— Não sei, você me convidou e eu aceitei.

— Sim, eu sei, na hora não pensei bem nos motivos que me levava a isso, mas quanto mais faço, mas percebo que talvez só estejamos nos machucando.

Ela engole em seco.

— Não quero machucar você. Você é meu amigo, não quero te fazer mal.

— Também não quero machucar você, Sofia, e você não é minha amiga. Não pensamos em amigos da maneira que penso em você.

— Que maneira você pensa sobre mim? — Arqueia a sobrancelha e sua curiosidade quase me faz rir.

— Não vai querer saber.

— Eu quero saber, Theodoro.

— Bom — inspiro fundo —, desde o dia que te vi, sua boca vermelha e chamativa não sai da minha mente. Seu corpo cheio de curvas, e ao mesmo tempo tão pequeno que parece uma boneca, embaixo do meu enquanto geme meu nome e... — Fecho os olhos. — Quero muito fazer com que sinta prazer

e gema meu nome de maneira ensurdecadora. Isso não é certo. Porque você é delicada, doce e eu sou apenas um cara que pensa em mil e uma formas de...

Ela me beija, segurando meus cabelos e puxando-os levemente para me fazer abrir a boca. Sua língua mergulha na minha e sensualmente faz nascer novamente todas as imagens que descrevi a ela.

— É bom saber que desperto em você o mínimo que desperta em mim. — Ela se afasta, inspirando fundo. — Não sei o que estamos fazendo. Meus sentidos gritam para parar, mas não consigo ficar longe de você.

E ela resume tudo em uma única frase. Queremos um ao outro, mesmo que isso signifique que talvez nos percamos no caminho.



capítulo 22

sofia

Sento-me contra Theodoro, sentindo seus braços encaixando ao redor da minha cintura. O vento frio bate em minha pele e vejo quando o rio quebra contra a areia. O cais de São José está movimentado e os casais vão e vêm a todo instante, me fazendo observar o movimento da noite. Nem me lembro de quando foi o último encontro que tive com um homem.

No fim do namoro com Nathan, as coisas já não eram mais como quando iniciaram. Não saíamos mais com tanta frequência, não tínhamos conversas proveitosas e era muito frustrante ficar ao seu lado.

Sinto algo me cutucar pelas costas. Eu me viro e vejo que é o colar de Theodoro me machucando. Pego o pingente bem expressivo entre os dedos e franzo o cenho.

— Noah sempre agarra isso — falo, sorrindo. — Para que serve

mesmo?

— É do exército, lembra que eu disse que era militar? — Assinto, virando as plaquinhas entre os dedos. Vejo dois nomes gravados ali — o dele e de Thales. — É placa de identificação.

— Thales é seu irmão?

— Sim, quando entrei no exército, ele foi muito a favor de continuar prestando serviço. Enquanto mamãe e papai tinham medo do tipo de coisa que eu fazia, Thales dizia que eu era um herói. Sempre fui o herói dele.

Vejo seus olhos brilhando pelas lágrimas.

— Ele faleceu como? — sussurro, curiosa e temerosa. — Não precisa falar, se não quiser.

— Acidente de carro. Amanda tinha três anos. Ele estava com a esposa. — Funga. — Saí do exército depois disso. Mamãe já havia perdido um filho e estava arrasada. Não poderia deixá-la perder outro, apesar de ter desejado morrer no dia que meu irmão se foi.

— Vocês eram muito próximos.

— Tínhamos uma certa diferença de idade. — Theodoro sorri. — Eu era o mais velho. Eu o levei à primeira boate, dei conselhos sobre sexo e primeiro beijo, Sofia. Eu e Thales tínhamos uma conexão inexplicável. Sempre vi as pessoas falarem sobre esse tipo de conexão quando se tem irmão gêmeo, e com Thales era isso. Eu sentia quando ele estava mal.

Aperto sua mão, sentindo a dor em suas palavras.

— Sinto muito por sua perda. Nem faço ideia de como se sente.

— E toda vez que Amanda me chama de pai — ele me encara —, meu mundo vira do avesso, sabe? Thales que deveria estar aqui. Ele era um pai foda e não pôde ver a filha crescer.

— Acredito que Thales esteja orgulhoso de você. — Seguro seu rosto. — Sempre disse que seu irmão o idolatrava, que você o ensinou praticamente tudo — sorrio —, tenho certeza de que ele aprova a maneira que você cuida da filha dele, uma vez que ele não pode fazer isso.

As lágrimas que Theodoro seguravam caem e eu limpo com cuidado, sorrindo.

— Você é incrível.

— Eu sei — brinco, com um sorriso, e isso o faz revirar os olhos.

— Você não era assim, princesa — fala, zombeteiro.

— Apreendi com o mais debochado — devolvo e me levanto, encarando Theodoro por alguns minutos. — Talvez devamos ir. Sua mãe ainda não ligou, mas estou preocupada.

— Ok. — Ele coloca uma mecha do meu cabelo para trás e se aproxima, beijando o cantinho da minha boca. Seus lábios descem sensualmente sobre os meus enquanto seus dedos se embrenham em meus cabelos, puxando-me em sua direção de maneira que me faz ofegar baixinho

ao deixar a língua do homem brincar com minha boca.

Meu corpo esquenta lentamente e sinto tudo em mim ardendo. Suas mãos me puxam mais próximo ao seu corpo, enquanto a outra desce ao redor da minha cintura, apertando minha bunda sobre o tecido fino do vestido.

— Gostosa para caralho! — pragueja contra meus lábios. Meu sorriso é quase involuntário. — Não posso te tocar demais, senão não consigo me controlar.

— Não precisamos de controle, Theodoro. — Beijo seu pescoço, escutando-o suspirar.

— Sim, preciso te levar para casa. Vamos. — Ele se afasta, estendendo as mãos. Ao perceber o volume crescendo em sua calça jeans, arqueio a sobancelha instantaneamente. — Brigue com meu corpo, ele reage muito bem a você. — Isso me faz rir, pois ele não tem nem a decência de parecer envergonhado. — Vem, desça daí.

Aceito sua mão estendida e pulo no chão, mas acabo tropeçando no caminho e meu corpo bate contra o de Theo quando ele tenta me pegar. Gargalho quando vejo seus olhos arregalados.

— Pensei que iria cair! — exclama.

Isso só me faz rir mais.

— Você me pegou — respondo, alisando os poucos fios rebeldes que caem no seu rosto.

— Sim, eu peguei você — fala, subindo a mão ao redor do meu braço e pegando a minha, beijando a palma com carinho. O suspiro sai dos meus lábios, pois não é nada como eu imaginava como seria um encontro com Theodoro Alencastro.

Ele foi simplesmente perfeito. Um príncipe com todos os seus defeitos.

— Você foi um príncipe. — Ele bufa com minha afirmação. — Não faça isso. Você me levou para um jantar legal, pois sabe que a minha vida tem sido fraldas e choro há meses. Sabe que eu preciso relaxar, conversar e fez tudo isso.

— Ainda beijei você. Meus beijos valem um lugar bom nesta lista sua?

Coro.

— Seus beijos estariam no topo se você já não fosse tão convencido.

Ele ri.

— Eu não sou convencido, só sei que aprendi muito bem como tratar uma mulher. — Pisca, se afastando e enlaçando os dedos aos meus. — Vamos ver nosso garoto, ele deve estar com saudade.

Nem comento o fato de ele estar constantemente chamando Noah de nosso garoto, afinal, não me incomoda. Apenas me preocupa o fato de que Theodoro pode sair a qualquer momento da nossa vida, deixando um vazio

enorme se isso for alimentado por muito tempo.

— Ei — eu o chamo. — Tem uma coisa que quero falar. — O homem arqueia a sobrancelha, sentado sobre a moto com os cabelos voando conforme o vento bate em seu rosto. — Você fica gostoso para caralho nesta moto!

— Ah, sério? Corrompi você? Quero você falando isso de maneira bonita, princesa. — O sorriso se expande em meu rosto.

— Nesta motocicleta, Theodoro — falo, me aproximando —, você fica gracioso de uma maneira que nunca poderei explicar.



capítulo 23

theodoro

— E você vai pedi-la em namoro? — Alex é o primeiro a indagar, demonstrando a sua surpresa em apenas uma frase.

Bebo um gole do meu café, esfregando o rosto com a mão livre. Nem quero pensar nas consequências de ter decidido contar sobre Sofia a eles. Kenny me olhar de soslaio, com toda certeza já prepara mil e um motivo para dizer que isso é uma má ideia. Guilherme segura a risada enquanto traz mais uma bandeja para a mesa.

Estamos sentados em uma das várias mesas vazias da sua lanchonete, sem nenhum cliente por perto. Dificilmente dá para reunir todos nós em um só espaço.

— Preciso adiantar alguns trabalhos na oficina esta semana, estou soterrado.

— Ele vai pedi-la em namoro — Alex é o primeiro a declarar.

— Até mudou de assunto — Guilherme completa.

— Você tem certeza disso? É um passo importante — é a vez de Kenny completar.

Abro a boca em indignação.

— Que diabos? Quem disse que vou pedir a Sofia em namoro? Só falei que encontrei uma garota legal, não sei se quero sair do mercado. — Encolho os ombros. — Ela é diferente, ok?

— Hum... se você está dizendo — Alex fala de maneira engraçada. — Se você checar, ela vai ter os dedos dos pés, das mãos, cabelos e aquele negócio entre as pernas e...

— Ok, já entendi. — Corto sua fala. — Não estou dizendo nada de mais. A gente se dá bem, não estou dizendo que vou me casar na manhã seguinte nem nada do tipo. Só que estou feliz em ver que talvez esteja maduro o suficiente para saber quando uma mulher me faz bem.

— E quem é essa mulher mesmo?

— O nome dela é Sofia, professora da Amanda. Ela tem um filho.

— Você não podia ter aceitado o pacote pela metade, né — Guilherme debocha. — Veio completo. — Ele sorri com isso.

— Noah gosta mais de mim do que a própria mãe. O garoto me ama. — Abro um sorriso de lado. — Afinal, difícil não me amar. — O tapa na

minha nuca vem de Alex. — E olha quem fala, né, Guilherme? O pai postiço daquele pestinha da cidade, o mesmo garoto que te acertou a cabeça com o estilingue. Você, meu caro primo, não está em condição de me julgar.

Guilherme revira os olhos, calando-se.

— Não basta estar caidinho por ela, ainda por cima tem um filho — Kenny acrescenta em negação.

Seguro a risada. Todos eles têm suas histórias de vida. Guilherme é o único que não tem grandes marcas do passado e é dono da lanchonete de sanduíches artesanais. Kenny fica recluso em sua fazenda desde que a esposa faleceu. Enquanto Alex tem seu tempo dedicado à filha, uma vez que foi abandonado pela esposa.

— Quando vemos naqueles filmes “de mulherzinha” que encontram o companheiro certo pensamos que é balela, mas não é. Nós sentimos quando isso acontece.

Eles se entreolham e fazem algo em sincronia: balançam a cabeça em negação de maneira desacreditada. E sei que vou precisar de mais do meu discurso bem-intencionado para convencer meus primos.



Abro a porta de casa e vejo um homem parado no corredor, segurando um celular. Ele levanta a cabeça, sorrindo de lado. Ele veste uma calça jeans

e camisa preta, tem os cabelos loiros bagunçados. Seus olhos azuis me lembram alguém.

— Boa noite — sussurro, me aproximando da porta de Sofia. Bato nela e aguardo.

— Acho que não tem ninguém. Bati e ninguém atendeu — o homem fala. Viro meu rosto tão rápido para encará-lo, que penso que a minha cabeça desgrudou do pescoço. — Estou esperando a Sofia. Ela mora aqui, certo?

— E quem é você? — Eu o olho de cima a baixo.

— Sou Nathan. Namorado dela. — O homem estende a mão em minha direção. Não tenho nenhuma reação a princípio, meu corpo está tão duro que penso que irei desmoronar neste chão. — Estive viajando, queria vê-la.

E eu quero socá-lo. Enquanto a mulher tinha o filho daquele homem ele estava viajando?!

O elevador se abre e ela passa por ele, carregando Noah em seus braços enquanto toma um sorvete com a mão livre, toda desengonçada. Vou ao seu encontro e pego o menino para ajudá-la.

— Eu ajudo você.

Ela sorri em minha direção.

— Obrigada. Me atrasei na terapia — avisa, mas quando levanta o rosto, seu olhar encontra o do homem com quem eu falava anteriormente. —

Nathan... — Busca ar, respirando fundo algumas vezes.

— Minha mãe falou que você havia perdido o bebê. — Ele desliza os olhos para o menino em meus braços.

— Por isso voltou? — O tom dela é decepcionado.

— Sim, voltei para cuidar de você, pensei que poderíamos continuar juntos. Afinal...

— Não, você voltou porque sem Noah na equação você seria o cara livre de sempre. Voltou achando que agora poderia ter o relacionamento sem grandes responsabilidades — rebate, cansada. — Leve o Noah para dentro, Theo, por favor.

— Tem cer...

— Tenho sim, entro em um instante. Obrigada. — Ela sorri novamente.

Faço o que ela pede e fecho a porta do meu apartamento, continuando ali encostado, tentando respirar calmamente enquanto sinto o menino mexer em meu colar.

Sofia vai voltar para o ex-namorado?

Eu vou perder tudo que mal conquistei?

— Ei, meu garotão. — Beijo os fios loiros do menino enquanto caminho para o sofá, dando espaço a ela. Eu me sento com meu corpo todo tremendo com a expectativa de perder tudo. — Merda, Noah. — Ele me

encara com os enormes olhos azuis curiosos. — Eu não queria ser assim, querido, mas não quero que ela volte para ele. Sei que é seu pai. Mas se Sofia voltar para ele, eu vou perder vocês. — Aliso seu rostinho. — Não quero perder vocês. São muito importantes para mim, bem mais do que um dia imaginei que seria.

E o menino abre um sorriso sem dentes.

O danadinho sabe que tem todo meu coração.

— Sim, Noah. Admito, você me ganhou, seu chorão. — Beijo sua mãozinha. — Uma coisinha de dois meses venceu todos os muros que construí a vida toda.



capítulo 24

sofia

Nathan está aqui. Depois de cinco meses desde que me disse que não poderia ser o pai que eu queria para Noah, o homem está na minha frente e tudo que sinto é asco. A raiva me consome, o nojo se junta e sinto um sentimento de aversão subindo ao redor do meu corpo.

— Não acredito mesmo que esteja ouvindo isso. Você foi embora! — grito. — Você me deixou com uma criança no ventre e tem a cara de pau de aparecer pensando que eu te aceitaria apenas por tê-lo perdido? Não. Nem que estivesse quebrada pela perda do meu filho iria querer você de volta.

Ele se encolhe diante do meu ataque, afinal, nunca me dirigi a ele dessa maneira, nem mesmo quando ele terminou comigo.

— Noah nasceu. Ele tem o nome que você e eu escolhemos, não consegui dar outro nome a ele — eu o enfrento. — Mas ele nunca vai

precisar de você para nada.

— Porque já tem outro homem esquentando sua cama? — ele me afronta.

Isso faz meu sorriso crescer.

— Em qualquer outro momento, eu mentiria e diria que não, mas sim, já tenho outra pessoa em minha vida. Muito melhor do que um dia você foi para mim — minto da mesma maneira. — Ele ama meu filho. Ele cuida da gente. Coisa que você não foi capaz de fazer.

— Eu nunca poderia ser isso.

— Que bom que sabe, pois eu quero tudo isso, sabe? Passei por um período difícil para lidar com Noah e a maternidade, foi Theo que me ajudou, me fez ver que posso sim fazer tudo sozinha — eu o enfrento. — E hoje vejo que quero tudo isso. Mesmo que Noah não existisse, você também não estaria mais na minha vida, pois eu quero uma família. Eu quero tudo que tenho direito.

— Está sendo maldosa, Sofia.

Sorriso.

— Você não poupou meus sentimentos quando rompeu tudo, Nathan. Nunca pensei que seria do tipo vingativa, mas como dizem por aí, a vingança é um prato que se come frio. — Abro os braços. — Ele é todo seu, querido, se engasgue.

O homem se aproxima.

— Você está louca.

— Você se lembra de como me deixou? Eu fiquei louca, querido. E a culpa é sua. Exclusivamente sua, seu filho da puta desprezível! — grito. —
Vá embora, eu não quero te ver. Não quero saber os motivos que levou sua mãe a dizer que perdi meu filho, mas quero você e toda sua família bem longe da gente.

— Nenhum de nós se importa com você, Sofia. Nem com aquela criança.

Sorrio novamente.

— Que bom. Pois tenho uma família que nos aceita.

— Quem? — Ele ri. — A sua? Sua mãe sempre odiou o fato de você ter engravidado antes do casamento.

Suas palavras trazem à tona o outro fato doloroso em minha vida.

— Não. Mamãe nunca vai aceitar — rebato. — Mas família não precisa ter seu sangue para te amar, laços de coração às vezes são bem mais intensos que os de sangue — declaro antes de dar as costas a ele e entrar no apartamento de Theo, que está deitado no sofá e com o meu filho sobrevoando seu corpo como um aviãozinho. — Pelo amor de Deus, Theodoro, ele pode cair!

O homem ri.

— Não, ele é durão, né, meu garoto? — Ele se senta, beijando a bochecha de Noah, que sorri com isso. — O que ele queria?

Eu me sento ao seu lado e Theo deita a cabeça do meu filho sobre minha perna, deixando parte do seu corpo sobre as suas.

Aliso os traços de Noah com carinho.

— Ele pensou que eu tivesse perdido o bebê e por isso queria voltar. Ficou em choque quando viu que era mentira. E eu gritei tudo que estava preso em minha garganta há muito tempo. — Sinto seus dedos alisando minha orelha e jogando os fios para trás. — Eu o mandei embora, pois não quero uma pessoa que não ame meu filho na minha vida.

— Fico feliz por você. E por Noah. Foi a melhor decisão.

Eu o encaro com um sorriso.

— Eu sei. Obrigada por ajudar.

— De nada. Você está bem? — indaga, solícito.

— Sim, melhor do que já estive em muito tempo. — Pego Noah em meus braços, encarando meu filho. Suas bochechas rosadas. Os olhos curiosos. Os traços delicados. — Te amo, meu amor. Desculpa por não ter dito isso antes. — E o levanto no ar, beijando sua bochecha com carinho. Sinto o beijo de Theo em minha própria bochecha e me afasto, sorrindo para encará-lo.

— Quer me namorar? — A pergunta me pega desprevenida, abro a

boca diversas vezes com sua indagação. Os olhos dele estão vidrados em mim. — Merda, eu fiz exatamente o que os meus primos falaram que eu faria. — Revira os olhos. — Mas não estou nem aí. Quero namorar você. Quero ser o cara que esquentar sua cama e que cuida de Noah, quero poder ter uma explicação decente para a Amanda sobre o que somos. Quero que minha mãe pare de me perturbar sobre o fato de você ser a mulher certa...

Colo nossos lábios e o calo, completamente incapaz de fazer isso de maneira diferente. Ele se afasta, abrindo os olhos.

— Não me beije, mulher, me dê uma resposta lúcida.

Seguro minha risada com isso.

— Achei que já tinha deixado claro. — Theodoro faz uma expressão confusa. — É claro que quero namorar você. Mesmo te conhecendo há pouco tempo. Mesmo com medo do que sinto entre nós. Mesmo sabendo que somos completamente opostos e...

— Acho que no fim deve se levar em conta o que sentimos, não o tempo em que aconteceu. Eu nunca namorei ninguém, mas você teve minha atenção no instante que coloquei os olhos em você. — Ele brinca com meu cabelo enquanto sento Noah em meu colo. — E eu quero muito fazer parte da sua vida e de Noah. Mas tem que saber que deste lado daqui também é o pacote completo.

— Eu sei. — Sorrio. — Acho que vai ser uma viagem alucinante.

— Não há palavra melhor para definir isso. — Ele suspira e beija minha bochecha. — E tem que aceitar que Noah é meu garoto, ele se apaixonou por mim e me escolheu. — Ele sorri.

— Bom, eu já o perdi para você desde o primeiro dia mesmo — aceito, sabendo que não tenho como negar. Theodoro virou tudo de cabeça para baixo. Faz cinco meses que sai de um relacionamento fracassado e estou entrando em outro.

A esperança de tudo ser diferente é que me faz continuar.



capítulo 25

theodoro

O dia começa nostálgico, e no instante que saio da cama, a vontade de retornar para ela volta com força. Faz quatro anos desde que Thales morreu e pensei que em algum momento pararia essa dor dilacerante em meu peito.

Não há ninguém no apartamento, já que mamãe e Amanda estão na casa delas. A primeira coisa que faço é abrir as janelas do quarto, deixando o vento frio adentrar o cômodo. Encaro o nada, com os pensamentos longe.

O silêncio me incomoda e lembro das palavras de Amanda sobre a visita ao cemitério. Eu realmente não gosto de levá-la até lá, por isso fico agradecido que não goste de ir, mas eu quero ir.

Não tenho outro lugar para ir hoje e, sinceramente, não sinto vontade de fazer outra coisa.

Me levanto, trocando meu pijama por uma calça de moletom e uma

camisa fina, pego minhas chaves e escrevo um bilhete rápido, colocando sobre a mesa da cozinha.

Saio de casa sem pensar muito, correndo em direção à moto assim que as portas do elevador se abrem no térreo. Subo no veículo e arranco rumo à direção que desejo.

Os dias têm sido totalmente insanos. Depois da chegada de Nathan, me senti tão perto de perder Sofia que a pedi em namoro, contrariando meus pensamentos e agindo de maneira impulsiva, fazendo exatamente tudo aquilo que meus primos disseram que eu faria.

Sou previsível, claramente previsível.

Não vejo quando estaciono em frente ao enorme cemitério de São José, encarando a fachada envelhecida do lugar. Desço da moto e enfio a chave no bolso do moletom, adentrando lentamente enquanto sinto todos os meus músculos tensos.

A distância entre meu prédio e o lugar é de basicamente quinze minutos e o clima está instável quando um trovão corta o céu. Não tem ninguém por perto à medida que adentro corredores e passo por catacumbas, parando no fim do terceiro corredor e encarando a lápide bem-feita.

A imagem de Thales e Aline está atrás da pequena portinha de vidro para ser preservada. Sorrio e me abaixo, ficando de joelhos sobre a cerâmica branca.

— Oi, cunhada. — Sorrio. — Saudade de você, ainda mais sabendo que você amaria Sofia e faria de tudo para ela ficar comigo. — Eu me lembro que Aline sempre repetia que eu precisava de uma mulher que prestasse ao meu lado, e não um rabo de saia.

O ar me falta.

— Oi, irmão. Saudade imensa de você. Nem consigo colocar em palavras o quanto você faz falta. — Toco o pingente com nossos nomes. — Vai gostar de saber que pedi uma mulher em namoro. — Sorrio com isso. — É, loucura, eu sei. Aline e você devem estar em choque. Mas Sofia é incrível, ela com toda certeza amaria conhecer vocês.

Encaro a terra molhada ao redor da lápide.

— Sei que falo sozinho. Na verdade, eu não sei, mas sinto que falo sozinho. — O vento bate em meu corpo mais rapidamente, a temperatura começa a descer mais rápido do que previa. — Mas sabe quando aqui é o único lugar que parece permitir que eu fique triste com sua partida? Eu poderia ir à fazenda. A queda das águas. Ou a quadra de futebol. Todos os lugares me lembram vocês, afinal, fazíamos muitas coisas juntos. Só que lá estão as lembranças felizes e eu não quero estragar nenhuma delas. Aqui são lembranças tristes de quando enterrei duas partes de mim.

Aline sempre foi muito minha amiga, crescemos juntos e não é à toa a saudade insana que sinto dela em meu peito.

— Queria que vocês estivessem aqui para dar todos os netos que mamãe vive me cobrando. Vocês são mais aptos para isso do que eu, com toda certeza — exclamo. — Amanda não vem hoje. Ela disse que não gosta deste lugar, e eu a entendo. Está linda, me chama de pai, sabe? E isso me faz rir, lembra quando eu falei que minha sobrinha iria me amar tanto a ponto de que iria preferir a mim? A vida é engraçada. De uma maneira mórbida.

As primeiras gotas de chuva caem sobre mim.

— Eu não sei quanto tempo vai durar a dor de não ter vocês aqui. Sinto muito, Tha. Muita coisa ficou para ser vivida. — Engulo em seco e me levanto, todo molhado, pois a essa altura a chuva já cai de maneira torrencial ao meu redor. Eu me viro e começo a caminhar para longe.

Não sinto minha alma mais leve. Nem confortado ao dizer tudo isso.

Só sinto o aperto no peito se intensificar.

Mas travo ao ver a figura baixa caminhando na mesma direção, com um guarda-chuva escuro sobre sua cabeça.

— Mamãe? — falo, próximo o suficiente para reconhecer as vestes. Ela levanta o guarda-chuva para trás e dá a visão periférica do seu rosto. — O que faz aqui?

Ela sorri de maneira triste e se aproxima, ficando a um passo de mim, colocando o guarda-chuva sobre minha cabeça.

— Eu não queria vir, mas eu precisei — fala entre soluços enquanto

as lágrimas descem. — Meu filho morreu, Theodoro. Eu nunca mais vou ver meu filho. — Eu a puxo para meus braços enquanto seu corpo todo sacode. Beijo os cabelos de minha mãe sem saber o que fazer. — Quando seu pai se foi, eu fiquei tão triste, mas tão triste, pois ele era o homem da minha vida. Mas com Thales é tão diferente. É meu filho, era tão jovem, tinha tanta coisa para viver e, em um instante, ele não estava mais ali.

— Eu sei. Eu sei.

— Eu tento não passar isso a você, pois sei o quanto sofre com a partida do seu irmão, mas... está tão difícil não desmoronar hoje.

Seguro seu rosto entre minhas mãos e sorrio.

— Não precisa ser forte o tempo todo, mamãe. Às vezes, cair por um dia faz bem. — Limpo suas lágrimas. — Thales foi cedo demais. Ele perdeu uma vida toda ao lado da filha e da esposa, e nunca vamos ficar bem com isso. Só vai deixar de doer com essa intensidade com o passar dos anos.

— Quando?

— Não sei, mamãe. Quero descobrir com você. — Eu volto a abraçá-la. — Sempre pode desmoronar comigo.

E sei que essa dor vai ser sempre compartilhada com ela. Não é o tipo de coisa que eu gostaria de compartilhar, mas como eu disse no túmulo do meu irmão, a vida tem um humor obscuro e mórbido.



capítulo 26

sofia

— E como tem sido as coisas? — minha terapeuta indaga enquanto eu mordo minha barrinha de cereal, meus pensamentos longe. — Sofia, estou perguntando. — Sorri.

— Desculpe, estava pensando em outra coisa. O que perguntou?

— Como tem sido sua vida? Como vai Noah? Tem avançado?

— Tenho me sentindo muito bem nos últimos dias. Não tem sido nada tipo bibidi bobidi bu! Não. Ainda tenho aqueles picos de pensamentos que me fazem questionar todas as minhas decisões de vida.

— Isso é normal.

— Acredito que sim. Mas Noah não tem mais tanta dificuldade em mamar, na última consulta descobri que ele engordou! Fiquei imensamente feliz. Estava me sentindo uma mãe meio imprestável por não conseguir

cuidar do meu filho. — Desvio o olhar.

— E Theodoro?

— O que tem ele? — Meus olhos se arregalam rapidamente.

— Você parou de mencioná-lo na sessão, pensei que poderia ter acontecido alguma coisa.

Engulo em seco de maneira nervosa, pensando no que falar a ela. A chuva forte caí do lado do fora do consultório e sinto meu corpo todo tenso. Há dois dias Theo me pediu em namoro, e desde então tudo está meio fora de órbita.

Ainda nem acredito que estamos mesmo fazendo isso!

Sinto minhas bochechas ardendo.

— O que aconteceu, Sofia? Você está corando, só fica assim quando algo muito diferente aconteceu.

— Saímos. Ele me convidou para sair e eu aceitei. — Reviro os olhos.
— Eu sei que não deveria, ok? Posso confundir carência com amor, e realmente não quero me tornar dependente de alguém.

— Mas... você está consciente dos seus limites, Sofia. Saber até onde deve ir é importante. — Ela me lança um sorriso. — E como foi o encontro?

— Foi ótimo. Fazia mais de um ano que eu não tinha uma coisa realmente boa. Com Nathan era um relacionamento, mas já estava tudo desgastado, não tínhamos mais vida. Talvez tivesse acabado desde aquela

época e eu não tinha percebido.

— Sinto muito, querida. Com Theo pode ser mais fácil.

— Ele me pediu em namoro, pelo amor de Deus! Eu aceitei. — Jogo tudo de uma vez e ela arregala os olhos. — Novamente, sinto da minha cabeça aos pés tremendo em ansiedade. Não sei o que estou fazendo da minha vida, preciso de conselhos. Preciso da realidade.

Encaro minha terapeuta em busca de resposta, mas nada vem.

— Tenho certeza que as respostas vão vir de dentro de você, Sofia — é tudo que diz. E sei que ela não vai me dizer o que devo fazer, o que me deixa furiosa, mas aceito mesmo assim.

Termino a sessão falando novamente sobre maternidade e como me sinto em relação a isso. Estou quase saindo quando Iana me segue para fora. Ela retira o jaleco branco e deixa os óculos sobre a mesa, me encarando quase de maneira amigável.

— Agora posso dar um conselho. — Arqueio a sobrancelha. — Esqueça que sou psicóloga, terapeuta ou qualquer coisa do tipo. Oi, sou Iana, tenho trinta e cinco anos, dois filhos e um marido que me irrita todo santo dia. Sou sua amiga. — Estende a mão de maneira confusa e aceito isso.

— Oi...

Ela ri.

— Não tenha medo do que sente, Sofia. Eu sei que sua vida está

confusa, que você teve uma experiência frustrante no passado. Que na maternidade as coisas não têm saído às mil maravilhas. — Eu a encaro, temerosa. — Aprendi que a vida é o que acontece quando você perde tempo planejando, calculando e com medo. O medo não leva a nada. Ele apenas deixa você em um espaço limitado e cômodo.

— Obrigada. Você ajudou muito. Voltou a ser minha terapeuta?

Eu a vejo sorrir.

— Agora sim. — Pisca, entrando na sala novamente.

Deixo o ar sair calmamente dos meus pulmões e me distancio, vendo que o táxi de aplicativo que havia pedido já chegou. Noah e Amanda estão em casa com Karina.

Dona Neiva passou no apartamento de manhã e pediu para ficar com a neta dela, já que ela e Theodoro iriam resolver um assunto. Não perguntei o que era, mas não deixei de ficar curiosa, afinal, não havia falado com ele desde a noite anterior.



Abro a porta de casa e jogo as chaves no aparador. Vejo que Amanda está sentada no sofá ao lado de Karina, Noah está no colo da minha companheira de quarto. Sorrio com isso e adentro o local.

— Ei, cheguei. Desculpem a demora, o clima está terrível. Caindo um

rio do céu — brinco, tirando meus sapatos molhados e meu casaco ensopado. Passo por eles e sigo para a cozinha, mas paro ao ver Theodoro parado na beirada do fogão, com Dona Neiva ao seu lado.

Os dois sorriem em minha direção e minha atual sogra se aproxima, pegando as roupas úmidas da minha mão.

— Eu cuido disso, querida. Se enxugue — ordena, saindo em direção à lavanderia.

Encaro o homem se aproximando, está com os cabelos molhados e um olhar atormentado.

— Desculpe não ter dado notícias nas últimas horas. — Engole em seco. — Não é um dia bom para nenhum de nós.

— Eu gostaria que me dissesse quando não for dias bons. — Sorrio e me aproximo mais. — É para isso que essa coisa de namorados serve, para compartilhar dias bons e ruins.

Ele sorri e me abraça, beijando meus cabelos.

— Vai ter que me ensinar muito.

— O que tem hoje?

— Faz quatro anos que ele faleceu. Ele e ela. Amanda fica sensível neste dia. — Eu o ouço fungar contra meu ombro. Sinto que Theodoro está aqui, todo frágil falando sobre a morte de duas pessoas importantes em sua vida.

— Sinto muito. Queria poder fazer alguma coisa para ajudar vocês.

Seu nariz brinca com a pele sensível do meu pescoço.

— Você já fez. Entrou na nossa vida e trouxe Noah com você. Não é cobrindo espaço. É dando dois motivos que tinham ido embora. Motivos para ser feliz. — Ele me encara com um sorriso. — Vocês se tornaram tudo, princesa.

— Você se tornou tudo para nós também. — Fungo. — Todos vocês. — Fico na ponta dos pés e beijo seus lábios com suavidade. — Vou trocar de roupa e dar amor para Amanda. Meus alunos sempre disseram que eu era boa nisso.

— Você é sim. Faça isso. Vai ficar resfriada — diz, beijando a pontinha do meu nariz e se afastando para mexer na panela sobre o fogão.

Suspiro e sigo para o quarto, tirando as roupas molhadas e descartando no cesto vazio para colocar na lavadora mais tarde. Agora preciso aproveitar o momento e tentar despistar as dores de um dia ruim. Mesmo sabendo que quando se trata da perda, não tem como ir embora tão fácil.



capítulo 27

theodoro

— Então quer dizer que vocês estão namorando — mamãe aponta a colher entre nós dois e isso provoca um silêncio sepulcral na mesa.

Karina arqueia a sobrancelha em nossa direção, Amanda abre tanto os olhos que quase caem do seu rosto e Noah... bom, ele continua com a mesma expressão sentado em meu colo.

— É. Meio que sim — Sofia diz, corando.

— Estamos sim — rebato. — Não sei para que o meio. Não tem como estar meio namorando, Sofia. — Eu a encaro, arqueando a sobrancelha.

— Isso é estranho. — Ela ri.

— Não. Não é. — Eu me inclino, beijando seus lábios.

Mamãe sorri e Amanda coloca as mãos sobre os lábios.

— Vocês vão se casar?! — pergunta, cheia de animação. — Que

legal! Alícia vai ficar com inveja quando eu disser que meu pai vai casar e o dela ainda não.

Seguro a risada.

— Não estamos em uma competição, Mandy.

— E não vamos nos casar. Estamos namorando. — Olho de soslaio para minha atual namorada e vejo que ela está vermelha de tão envergonhada.

O dia foi insano, depois da manhã e do encontro com mamãe no cemitério, voltamos para casa um pouco mais unidos. Entramos no apartamento de Sofia para pegar Amanda, e mamãe decidiu ficar para o almoço quando soube que a mulher ainda não havia voltado da terapia.

— Mas vão casar, né? Meu pai precisa casar, tia Sofia. Olha como ele já está ficando velhinho! — Aponta em minha direção.

— Eu não estou velho, Amanda. Pelo amor de Deus, estou na flor da idade.

Ela me olha com uma expressão de puro deboche.

— Tá não, papai. Você já tem até pés de galinha — fala, passando o dedo indicador ao redor dos olhos.

— Como você sabe o que é pés de galinha, menina? — Coloco a mão no rosto e reviro os olhos de maneira indignada.

— A vovó que fica falando “estou cheia de pés de galinhaaa” — fala de maneira dramática e coloca as costas da mão sobre a testa, jogando a

cabeça para trás. Isso causa risadas em todos à mesa.

— Amanda, não é para você ficar contando essas coisas. — Mamãe tenta contê-la.

— Mas é verdade. Papai já está todo velhinho, tadinho. Desse jeito, ele vai ficar igual aos homens de filmes, solteirão. — Ela bebe um gole do suco como se soubesse muito sobre o que é ser um solteirão.

— Nesse caso, eu vou ter que concordar com a Amanda. Você está tendo pés de galinha e vai ficar solteirão se não casar com Sofia — mamãe defende a neta, me colocando entre a cruz e a espada.

— E eu que pago o pato, é? — Sofia alfineta, com um sorriso.

— Sim. Você é a única mulher que presta. Papai tem um péssimo gosto — é minha filha de criação que fala, toda inteligente em seus sete anos completos.

— Virei chato e velho, tudo em uma noite. — Escondo a cabeça entre as mãos. — Sinceramente? Não está valendo a pena ter vocês como família.

— Não é para valer a pena — mamãe rebate.

— É para falar a verdade — Amanda completa.

Sei que com essa turma, o assunto de casamento não vai ser esquecido tão cedo. Passo o braço ao redor do corpo de Sofia e a puxo em minha direção, beijando seus cabelos.

— Noah tem que crescer primeiro para podermos casar. Ele precisa

entrar com as alianças. — Beijo a ponta do nariz arredondado de Sofia e a vejo corando de maneira ainda mais intensa. Só percebo o que falei quando a cozinha inunda com um silêncio sepulcral novamente.

— Você vai assustar a sua mãe e a mim.

— Oras, em algum momento isso vai acontecer — falo a mim mesmo, aceitando o fato de que Sofia entrou na minha vida e virou tudo de cabeça para baixo. — Acho que me apaixonei por você no instante que não me deu bola na escola da Amanda.

— Ser rejeitado te deixa interessado? — Ela ri.

— Não. — Beijo sua boca. — Ser rejeitado por você machuca meu ego. Mas daí eu olho e vejo que não consigo viver sem sua inteligência, sem seu nenê chorão e em como consegue fazer todos a amar... — Estamos nos encarando e sussurrando entre nós. — Aí eu começo a me apaixonar por todos os seus detalhes.

— Tem só duas semanas, Theodoro.

— Eu sei. Mas às vezes o que acontece rápido é mais intenso do que algo que demorou a vida inteira para se construir.

— Eu sei bem disso. — Ela suspira e se inclina, beijando o canto da minha bochecha.

— Eles vão mesmo se casar, vovó! — a exclamação vem de Mandy, que coloca as mãos sobre as bochechas e sorri de maneira extasiada. — E

Noah vai ser meu irmãozinho!

— Isso só o tempo dirá, querida — mamãe fala, vindo ao nosso socorro.



— Você não pode ficar falando isso na frente de Amanda. — A voz de Sofia me faz virar. Eu a vejo colocando Noah no berço e caminhando de volta para a cama. Sobe no colchão se arrastando. Os cabelos negros estão presos no alto da cabeça e o rosto desprovido de maquiagem. Veste um baby-doll branco de seda que cai ao redor das suas curvas como uma luva.

— Vem cá — eu a chamo e ela se senta em meu colo, encaixando nossos sexos enquanto minhas mãos enlaçam sua cintura. — Posso sim. — Jogo uma mecha do cabelo para trás. — É a verdade.

— Nos conhecemos há pouco tempo, Theodoro.

— Me fale quanto tempo você ficou com Nathan?

— Quase dez anos. — Ela suspira.

— Ele está aqui agora?

— Não.

— Viu? O tempo não diz nada, Sofia. Os sentimentos que dizem. Quando você quer estar com alguém, fica. Não importa se são dez dias ou dez anos. Quando você se importa, você fica. — Aliso sua bochecha. — Eu

sei que é cedo, mas não estou dizendo que precisamos nos casar amanhã, mas quero dizer que quando eu a pedi em namoro era sério. Nunca fiz isso. E se fiz é por ser sério.

— Eu sei. — Ela sorri. — Só que me deixa toda nervosa entrar nisso e mais a frente ter que me reconstruir novamente.

— Não posso prometer não machucar. Acho impossível quando somos humanos, errar é parte da natureza humana. Mas posso prometer evitar a todo custo e tentar consertar todas vezes que sair do planejado.

Seus lábios tocam os meus e minhas mãos instantaneamente apertam a carne das coxas.

Oh mulher gostosa...

Noah.

Noah dorme bem ali.

Afasto minhas mãos com esse pensamento.

— Ok. Eu acho que apenas tenho que aceitar que você, Theodoro Alencastro, entrou na minha vida e me conquistou com comida.

Jogo a cabeça para trás, rindo.

— Isso é verídico. Será que tem algum fato científico que comprova que mulheres são mais facilmente conquistadas quando ganham comida?

Sofia desliza do meu colo e se deita ao meu lado, jogando as pernas sobre mim.

— Acredito que seja algo mais do senso comum — brinca, sorrindo, mas logo isso se vai. — Tem uma coisa que quero falar.

— Sobre?

— Noah. Eu tenho um filho, Theo. Tem ideia da bagunça que você se mete ao ficar comigo?

— E? Eu tenho uma filha.

— Eu sei, mas Amanda é de coração. Tem toda aquela regra social de que mulheres não devem ter filhos fora do casamento e...

Coloco o indicador sobre seus lábios.

— O corpo é seu. A vida é sua. Esqueça as regras. — Sorrio. — Não sou ninguém para julgar o que você fez antes de me conhecer, Sofia, e mesmo que fosse, não poderia. Afinal, meu passado me condena. — Olho para o berço à nossa frente. — E não tem como não ficar apaixonado por uma coisinha pequena e chorona.

— Ele não é seu filho, e eu sei que em algum momento isso vai ser difícil...

— Eu o amo. Da maneira que amo minha filha. E juro que não existe alguém que entenda mais de laços do coração do que eu... ganhei uma filha quando perdi meu irmão. Ganhei mais um quando consegui domar um chororô sem fim. — Ela sorri de leve. — Sei onde estou entrando. Sei a obrigação que vem com tudo. E se você e Noah deixarem, sempre terão

minha ajuda, proteção e amor.

Beijo sua testa.

— Você não existe.

— Realmente. Sou quase um anjo.

— E não há nada mais inabalável que seu ego. — Sofia bufa.



capítulo 28

sofia

Dona Neiva coloca mais um pacote de arroz no carrinho enquanto eu mantenho Noah adormecido no canguru apertado em meu peito. O mercado está relativamente vazio enquanto caminhamos pelo corredor extenso.

— O Theodoro disse que iria fazer o jantar para vocês hoje. — Ela sorri com isso.

— Sim, ficamos de nos ver na oficina. — Faz uma semana desde que tivemos aquela conversa. As coisas fluem naturalmente entre nós. Eu estou sempre em casa por conta do Noah e ele sempre vai almoçar comigo e Amanda antes de voltar para o trabalho, e só volta no final da tarde.

Minha vida desde então está se dividindo entre meu apartamento e o dele. Noah está cada vez mais apegado ao homem e isso não me preocupa mais.

— Ele não cozinha maravilhosamente bem, mas não vai te matar — dona Neiva me avisa com um sorriso. — Querem que eu fique com Noah hoje?

— Não é necessário, obrigada. Ele disse que Amanda também estará lá e não queremos incomodar. Apenas um jantar — falo de maneira desenfreada, não querendo pensar muito no que pode dar a entender se eu ficar sozinha com seu filho. É claro que ela sabe. Porém isso não deixa de ser menos embaraçoso.

— Oh, querida, não fique tão envergonhada. Já fui jovem. — Engasgo com o ar e Neiva ri, abanando a mão para segui-la. — Theodoro é um homem bonito e você não fica atrás, claro que um relacionamento envolve sexo.

— Neste momento, eu parei de ouvir, dona Neiva.

A mulher apenas ri.

— Não faça isso.

— É sério, não vou falar com você sobre sexo.

— Por que não? Fiz dois filhos. E garanto que não foi a cegonha que os trouxe.

— Theodoro e eu nunca... — engasgo novamente e fecho os olhos. Meu Deus, que merda de situação constrangedora. — Nun-ca...

— Nunca fizeram sexo? — ela indaga, vendo que não irei conseguir concluir minha frase. Apenas balanço a cabeça, pegando um pacote de açúcar

e colocando no carrinho para não encará-la. — Ahh, mas falaram sobre isso.

— Não — decreto em voz baixa.

— Você quer?

— Não sei. Gosto dele, claro que sinto atração por ele. Mas estou sempre tão cansada da maternidade, que quando ele chega no fim do dia, só quero dormir.

— Ei, não fique chateada com isso. — Dona Neiva segura o meu rosto. — E não se envergonhe em me falar isso também. Como disse, todos nós já fomos jovens, somos humanos e temos necessidades. — Pisca. — Mas eu entendo essa fase. Passei por isso quando Theodoro nasceu. A gravidez bagunça a vida de muitas mulheres. Depende muito de cada uma. Você pode se sentir cansada, pode não desejar no momento, mas se sentir culpada está fora de opção.

— Mas é um relacionamento... não sei se relacionamentos duram sem... isso.

— Pela minha experiência, relacionamentos devem sim durar além do sexo. Sexo é bom, querida, é prazeroso, mantém um casal unido sim. Mas não é tudo, ok? As conversas, a ligação, o amor. São coisas tão importantes quanto. Até as brigas importam. — Pisca.

— Não acredito que estamos tendo essa conversa no meio do supermercado.

— Sou uma ótima psicóloga também — brinca e sorri.

Dona Neiva é tão compreensiva comigo, que a qualquer momento penso que isso irá sumir e ela será uma pessoa completamente diferente.

Ela tem paciência para me dar conselhos que mamãe nunca chegou a fazer. Se oferece para me ajudar mesmo eu não precisando tanto assim. Simplesmente, a mãe que desejei a vida toda.



Estaciono meu carro em frente à oficina de Theodoro e saio do veículo, colocando a chave no bolso. Noah está adormecido na cadeirinha, então faço o caminho mais rápido para não o deixar muito tempo sozinho.

Vejo que tem um homem sentado na bancada de trabalho do meu namorado enquanto ele conserta algo no carro. Bato na porta de ferro meio aberta e atraio a atenção de ambos.

— Boa tarde. — Sorrio. Theo me encara, chamando-me enquanto limpa as mãos. — Ei, pensei que já tivesse acabado.

— Trabalho de última hora. Os Alencastro nunca sabem qual o horário que eu trabalho — alfineta o homem e o encaro. Ele é alto, tem cabelos claros penteados de forma alinhada e veste um terno escuro.

— Foi culpa do carro, juro. — O homem pula da bancada e caminha em minha direção. — Sou Alex. Primo de Theodoro.

— Muito prazer. Sou Sofia. — Aperto sua mão.

Ele arqueia a sobrancelha em direção ao meu namorado.

— A mãe do Noah, certo? — brinca.

— Sim, exato. — Coro. — Pelo visto, fiquei famosa como mãe do Noah.

— É, meu primo conseguiu divulgar você muito bem. — Ele abre um sorriso de canto.

— Seu carro está pronto, Alex. — Theodoro salta de lá, estendendo a chave para o primo. — Talvez Alícia precise que você volte agora — fala sério.

— Bom, talvez seja melhor eu ir. Foi um prazer conhecê-la, Sofia. Espero te ver em breve. Ah, e você é realmente tão bonita quanto Theodoro havia mencionado. — Pisca de maneira galanteadora.

— Vai embora, Alex Alencastro! — o outro resmunga de maneira inquieta. O riso alto escapa do seu primo enquanto ele entra no carro. — Vou contar para a Jade dessa sua afronta. — Alex já está dentro do carro quando Theodoro diz, então vejo o sorriso dele sumir.

— Cala a boca, Theodoro! — rebate, antes de ligar o veículo.

Saio do caminho para que ele passe e Theo levanta mais a porta para liberar a entrada. Assim que Alex se vai, eu me aproximo de Theo, enlaçando seu pescoço e beijando seus lábios de leve.

— Quer dizer que aquele é um dos Alencastro?

— Sim, um de três.

— Todos eles são bonitos assim? — brinco, me mantendo séria.

Vejo Theodoro franzir os olhos de maneira ameaçadora em minha direção.

— Eu sou o mais bonito de todos eles.

— Jura? Alex é um colírio.

— Sofia! Porra, assim não dá.

Gargalho diante de sua raiva e ele tenta se afastar. Seguro seu rosto e forço meus lábios contra os seus, enfiando meus dedos entre seus cabelos e puxando-o levemente. Theodoro geme com o ato e aproveito para afundar a língua em sua boca, beijando-o da maneira que estive desejando durante todo o dia. Ofegantes, nós nos separamos.

— Alex não é o homem que eu desejo, seu bobo. O que eu quero tem um ego enorme, leva comia para mim e cuida do meu filho. — Distribuo beijos ao redor da sua boca, mordendo o lábio inferior ao final.

Theodoro me lança um sorriso safado.

— Eu sou mesmo irresistível.

E sei que não há nada que o faça mudar esse ego.

— Vem, Noah está no carro. Vou te esperar lá fora. — Sua moto está quebrada e ele tem muito trabalho acumulado para ter tempo de consertar.

— Vai indo. Vou fechar tudo. — Ele dá um tapa na minha bunda enquanto caminho para fora.

— Safado.

— Isso não é nenhum segredo.

Suspiro, não é mesmo.



capítulo 29

theodoro

Abro a porta do apartamento, tirando a bolsa do ombro. Estou um pouco impaciente desde que conversei com Sofia durante o almoço. Estamos há seis meses juntos e ela insiste em continuar morando em seu apartamento, quando vivemos no meu a maior parte do tempo. As coisas de Noah estão espalhadas pela sala com os brinquedos de Amanda, e sinto que as coisas começam a avançar cada vez mais rápido.

— Ei. — A voz feminina me faz virar rapidamente, dando de cara com Sofia no meio da sala, enrolada em um robe vermelho de seda. Ela sorri de lado. — Boa noite. Estava te esperando.

Percebo algumas velas espalhadas pela sala de maneira estratégica. O local cheira bem.

— Cadê Noah? E Amanda?

Ela se aproxima devagar, um sorriso nervoso em seu rosto.

— Talvez eu tenha mandado os dois para ficarem com a sua mãe. — Ela toca minha bochecha e fica na ponta dos pés. — Queria ficar sozinha com você.

— Pensei que estaria brava pela conversa sobre se mudar para cá.

— Eu estava. Até lembrar de uma conversa com sua mãe sobre um relacionamento ser construído com suas mãos e que até mesmo as brigas fazem parte do enlace. —Franzo o cenho. — Aí me lembrei que tem uma coisinha que nunca incluímos.

Arqueio a sobrancelha enquanto suas mãos pegam as minhas e colocam ao redor do laço do roupão.

— Faz mais seis meses que estamos enrolando com isso.

— Sexo não vai mudar as decisões que precisamos tomar, Sofia.

— Eu sei. Por isso eu parei de sentir medo e meio que me apossei do meu apartamento durante essa tarde. Falta decidir o que fazer com todos os móveis. Karina vai ficar com alguns e com meu apartamento. — Arqueio a sobrancelha. — Eu só quero ficar com você. Passaram seis meses e eu não sei se quero perder meu namorado por causa...

— Você nunca me perderia por causa disso. Eu tenho lido um absurdo de livros e pesquisas sobre depressão, parto, sexo, maternidade, apenas para entender e fazer meu corpo entender que o limite existe.

Ela ri e segura meu rosto com as duas mãos.

— O que eu faço com você, hein? É perfeito.

Beijo a pontinha do seu nariz com carinho.

— Não sou perfeito e sabe disto. Eu só entendi, depois de muito ler, que algumas coisas não funcionam mais da mesma forma que antes de uma gravidez. — Toco seu rosto. — Eu quero você. Inferno, dormir com você ao meu lado é uma tortura. Mas isso não quer dizer que eu vá avançar em algo que você não...

Ela me beija tão rapidamente, que o susto faz minha boca se abrir e sua língua brincar com a minha. As mãos de Sofia se enrolam em meus cabelos, que estão longos por uma falta de corte, enquanto seus braços enlaçam meu pescoço e me puxam mais contra ela. Meus dedos descem ao redor da peça sedosa e passam pelo laço, puxando e deixando que a peça se abra.

— Escolhi para você — fala, ofegante, enquanto minhas mãos tocam seu corpo, deslizando pelas curvas bem delineadas. Ela veste um conjunto vermelho com espartilho que faz os seios parecerem ainda maiores no sutiã meia-taça.

— Ah, caralho.

— A atendente da loja disse que é o melhor modelo. Não sabia bem o que escolher, estava nervosa.

— Poderia ter vindo pelada, eu não sou um cara exigente — brinco, descendo minha boca ao lado da sua cabeça, beijando delicadamente o lóbulo da orelha e seguindo para o pescoço. Sofia cheira a flores e é espetacular a maneira que sua pele macia está quente e ansiosa por mim.

— Eu bem que pensei nisso — fala, deslizando as mãos por minha jaqueta e puxando o tecido para trás. Sua boca beija um ponto abaixo do meu pescoço e isso envia um aviso diretamente para meu pau, que responde de maneira inquieta na cueca.

São seis meses sem sexo. E eu estou subindo pelas paredes.

Eu me remexo inquieto e me abaixo à sua frente, vendo a maneira que as peças vermelhas abraçam suas curvas bem delineadas. Os peitos maiores por conta da amamentação, os quadris largos, a barriga com leves curvinhas me deixam ansioso para me deleitar com ela em minha cama.

— Tem certeza disso? Não vou conseguir parar quando tocar em você.

Ela sorri de maneira maliciosa.

— Estava ansiosa por isso. — Coloca as mãos para trás e abre o fecho do sutiã, segurando-o contra o peito, me deixando ansioso. — Na verdade, estou muito insegura também, tudo mudou desde a gravidez e isso está me deixando em pânico.

— Você está gostosa pra caralho! — Toco entre suas pernas,

deslizando pela pele lisa e a encaro.

Sinto Sofia tensionar enquanto meus dedos sobem mais acima, tocando-a nos quadris ao mesmo tempo em que me aproximo mais dela. Beijo um pouco acima do cós de sua calcinha e vou subindo lentamente, deslizando a língua por sua pele delicada, observando os poucos pelos em sua barriga se eriçando.

Eu a beijo entre os seios e fico cara a cara com ela, encostando os lábios nos dela enquanto puxo minha blusa para fora do meu corpo, deixando a peça cair no chão. Enlaço as costas de Sofia em seguida, encostando os seios fartos contra os meus.

— Puta que pariu — sussurro.

— O que foi? — Ela me encara.

— Eu acho que vou morrer.

— Você é dramático, senhor Alencastro. — Sofia ri.

— Você não abala só meu ego, Sofia. — Passo a mão por sua cintura e seguro sua perna, esfregando meu membro duro dentro da calça entre suas pernas. Beijo novamente seus lábios e caminho em direção ao sofá, deitando-a contra a superfície macia, beijando sua pele, deslizando minha boca até a base dos seus seios rosados, cheios e perfeitos. Esfrego o bico e o sorriso perverso sai dos meus lábios quando vejo o leite minando ali. Baixo minha boca sobre o monte e deslizo minha língua, ouvindo-a suspirar embaixo de

mim. O gosto do leite de Sofia é uma coisa diferente, nunca na vida pensei que estaria sentindo isso.

— Perfeito.

— Não tem mais a mesma intensidade — sussurra enquanto fecho os olhos. — Estou gostando, mas não sinto mais como antes.

— Vamos buscar pontos que deixe isso melhor para você, *baby*. — Fico entre suas pernas, abrindo um pouco mais para ter a visão dela à minha frente. Deslizo minhas mãos por entre suas pernas, tocando-a mais acima, até que meus dedos alcancem sua intimidade. Eu a toco por cima da calcinha e vejo Sofia prender a respiração. Puxo a peça um pouco para o lado, deslizando o indicador por entre os lábios vaginais. O gemido escapa baixinho dos seus lábios, então puxo seus quadris mais para perto de mim, ficando de joelhos para ter como tocá-la da maneira que desejo.

Deslizo um dos dedos em sua entrada, sentindo-a quente contra minha pele. Passo a língua em sua boceta, beijando, chupando e degustando conforme sinto seu gosto em minha boca. Puta que pariu. Eu a toco com mais intensamente, vendo que Sofia geme e se derrete em minha boca, ficando cada vez mais excitada.

— T-he-o...! — o grito entrecortado corta o local, então me afasto ao ver que ela está prestes a gozar. Eu a encaro, buscando seu olhar. — Por... que.... parou?

— Quero que goze no meu pau. — Sorrio e abro a carteira, buscando uma camisinha. Abro o pacote e deslizo meus dedos pelo botão da calça. — Acha que está pronta? — Passo novamente as mãos em seu corpo e a vejo assentir. — O que houve?

— Ah, pelo amor de Deus... — Ela me encara. — Estou nervosa. — Sofia dá um sorriso.

Toco seu rosto, depois estendo a mão em sua direção.

— Vem cá... — Ela se levanta e fica à minha frente. A calça cai ao redor dos meus pés e eu fico apenas de cueca. — Você tem que se acalmar, princesa. — Seguro seu rosto e beijo seus lábios, sentindo-a se encostar contra mim.

Puxo Sofia para cima e deixo que suas pernas se enrolem em torno da minha cintura para só então caminhar em direção ao nosso quarto. Ela continua me beijando e deslizando as mãos ao redor dos meus ombros. Eu a deito sobre a cama, ficando entre suas pernas.

— Sabe que eu amo você, né? Você não vai sair da minha vida tão fácil.

— Também amo você. E você que lute com Noah também apaixonado por você. Afinal, ele se apaixonou primeiro. — Ela sorri.

Eu a beijo, deslizando meu corpo contra o seu, sentindo suas mãos deslizando pelo cóis da minha cueca e a puxando para baixo. Eu me afasto o

suficiente para descartar a peça, aproveitando para nos proteger. Volto para cima dela, colando meus lábios nos seus, minhas mãos deslizando ao redor do seu corpo enquanto meu pau duro feito pedra brinca entre suas pernas.

Sofia arqueia os quadris em minha direção e sua mão coloca meu membro dentro de si. Aproveito para deslizar dentro dela, soltando um gemido com a combinação perfeita entre nós. Caralho. Sua boceta acomoda meu pau com perfeição, sugando lentamente enquanto me movo, mantendo meus pensamentos lúcidos para não enlouquecer, completamente enfeitiçado por essa mulher.

O gemido escapa dos meus lábios e eu sigo me movendo, sentindo nossos corpos se batendo, se conectando, se moldando em busca do nosso prazer. Sofia joga a cabeça para trás, chamando meu nome com os olhos fechados. Sinto seu corpo estremecendo, gozando contra meu pau pouco antes do meu corpo seguir o dela, tremendo enquanto gozo e fecho os olhos.

Deixo meu peso cair sobre o dela e me apoio de lado, beijando o topo da sua cabeça com carinho.

— Ei.

— Sim?

— Seis meses, dê um crédito para mim.

— Não estou reclamando. — Ela ri e beija o meu peito. Eu giro de lado e encaixo seu corpo contra o meu peito. — Temos uma noite sem

crianças. Se recupere, bonito. — Ela se vira, ficando com o corpo todo em cima do meu. Sofia é pequena e parece ainda menor em cima do meu corpo enorme.

— Um instante, princesa. Vou te cansar a noite toda — prometo, beijando seus cabelos. — Primeiro, eu tenho uma pergunta...

Ela me encara.

— Casa comigo?

— Você está louco. — Ela sorri.

— Não estou. Quero você como esposa. Quero meus filhos de coração para sempre. Quero uma vida com você.

— Caso com você. — Ela suspira. — Sem chance de deixá-lo solteiro depois disso. — Ela sorri de maneira adorável, que me deixa ainda mais apaixonado.



capítulo extra

sofia

Eu sinto meus músculos todos tensos. O salão à minha frente está decorado em cores pastéis e sinto meu coração batendo rapidamente em meu peito. Fecho os olhos e sinto quando uma mão pequena pega a minha.

— Você está bem, tia Sofia?

— Sim, querida. — Sorrio com a voz meiga da minha menina. — Onde está Noah? — sussurro, alisando seus fios delicados.

Faz exatamente um ano que Theodoro e Amanda entraram definitivamente em minha vida, e eu ainda não acredito que estou aqui, a caminho do altar.

O vestido branco esvoaçante delicado está solto ao redor do meu corpo. Uma pequena coroa de flores enfeita os meus cabelos, que agora estão um pouco mais curtos do que quando conheci Theo.

— Está com a vovó. — Aponta na direção de dona Neiva, que segura meu filho nos braços.

Mamãe se aproxima na outra extensão, sorrindo em minha direção.

— Ei, pronta? Amanda já vai entrar — diz a cerimonialista.

Toco o rosto da minha enteada, que me chama com a mão. Eu me abaixo à sua frente e ela segura o meu rosto, beijando minha bochecha.

— Obrigada por aguentar meu pai, tia Sofia. — Sorri com isso. — Eu amo você. E obrigada por me dar um irmãozinho.

— De nada, querida. Eu também amo você.

Ela sorri de maneira angelical pouco antes de ser levada pela cerimonialista. Tínhamos escolhido um salão bastante conhecido dentro de São José, de uma amiga em comum, que havia sido decorado de maneira delicada para aquele momento.

— Você está linda — mamãe diz, atraindo minha atenção. Dou um sorriso agradecido. Muita coisa mudou, mas ela continua a mesma. — Fico muito feliz em ver que você superou seus medos, seus obstáculos. — Mas ela se esforça para ser melhor.

— Obrigada. Fico feliz em saber que veio. — Beijo sua bochecha.

Nunca falamos sobre nossas diferenças, mas eu sei que ela sempre estará ali do seu jeito meio torto e errado. Só que agora eu tenho a minha família. Uma família que aceita meus erros e me ama da maneira que eu sou.

Vejo meu noivo no altar, nervoso. E sorrio quando dona Neiva caminha ao lado do neto postiço. Ela o ama e isso me faz amá-la ainda mais. Dona Neiva é uma segunda mãe.

Meu filho sorri quando o padrasto bate palmas de maneira silenciosa e sorri de orelha a orelha. Noah dá um saltinho no ar. Meu filho chama o padrasto de pai, e todo instante está atrás de Theo.

Nem sei explicar o quão apaixonado ele é por aquele homem.

As lágrimas brotam em meu rosto e não consigo controlar. Nem em um milhão de anos pensei encontrar alguém como ele. Theodoro é tudo que eu preciso. Debochado, irritante e com um ego que não cabe em si. Mas ele sempre é a parte que acalma, que me dá a mão e que me diz que tudo vai dar certo.

Theo pega Noah nos braços e, em instantes, a macha nupcial inicia. Chegou o meu momento. Dou alguns passos para a frente e a porta se abre totalmente, me dando a visão completa do salão. Encaro o meu futuro marido e sorrio de orelha a orelha enquanto caminho em direção ao altar, completamente sozinha.

Eu estou fazendo isso sozinha como fiz muita coisa em minha vida. A única pessoa que eu quero ao meu lado é meu pai, mas ele não está mais aqui. Alcanço Theodoro e abro um sorriso ainda maior. Estendo a mão em sua direção.

— Preparado para nunca mais ter paz na vida?

— Estou sempre preparado quando se trata de vocês, princesa. — Ele ri.

Noah continua em seus braços, fazendo jus a toda sua paixão pelo pai que o coração deu a ele.

Meu filho é o maior sortudo. Se livrou de um pai que não o merecia e ganhou um que é tudo para ele.

Sorrio em direção aos convidados sentados nas fileiras da igreja e vejo ali toda a família Alencastro. Os primos sorriem ao ver mais um deles se enlaçando em um relacionamento.

Afinal, o amor está no ar...



Epílogo

Sofia

Três anos depois

Theodoro corre em direção a Noah a tempo de impedir que ele pegue o isqueiro sobre a pia da cozinha. Davi observa o primo com atenção, enquanto morde um pedaço de melancia.

Toda a família Alencastro está ao redor da enorme mesa na área da fazenda de Kenny. Ian corre até os primos e fala algo a Theodoro, com um tom adorável de uma criança de dois anos. Desço minha mão sobre o ventre e observo a grande família que ganhei.

Alex está casado com Jade e hoje tem mais uma criança, Ian Alencastro.

Kenny, todo durão, acabou rendido por Diane, tanto que hoje Davi e Helena são tudo para eles.

Guilherme e Heloísa perpetuaram o gênio forte de Danilo em duas crianças. As coisas mudaram muito e, de um jeito estranho, estamos todos cercados por pequenos pestinhas.

— Tenho uma coisa a dizer — nervosa, falo ao me levantar.

Vejo todos me encarando rapidamente. Estive pensando na melhor maneira de falar isso, e aqui estou eu, sem preparar nada.

— Está grávida! — Guilherme fala alto, do nada.

Meus olhos quase saltam do rosto. Theodoro me olha tão rápido, que pensei que seu pescoço fosse deslocar da cabeça. Ele nega, balançando a cabeça.

— Não, ela não tá grávida. Eu saberia. — Ele vem tentando me convencer a ter um bebê há muito tempo. Já temos três anos de casados e mesmo assim o medo de passar pela maternidade novamente ainda me assombra. — Ou está? Não sei. Mulheres grávidas emitem algum sinal?

— Elas geralmente comem mais — Kenny é o primeiro a dizer.

— Elas ficam emotivas.

— Ok, chega. Vocês são péssimos falando sobre gravidez — intervenho, sorrindo. — Como pode ter certeza que estou grávida?

Guilherme sorri de lado, cheio de si.

— Vi você passando a mão na barriga várias e várias vezes enquanto observava Theo e Noah.

— Quem está grávida? — Jade aparece na porta, sorrindo.

Coro e vejo Theo deixar Noah de lado e se aproximar com uma expressão cheia de medo.

— A Sofia!

— A tia Sofia está grávida? — Amanda e Alícia vêm correndo de dentro da casa, acompanhadas de Danilo.

— Sofi, você vai fazer um homem enfartar. Fala logo, mulher — Alex diz, apontando para Theodoro.

Eu sorrio e seguro as mãos do meu marido.

— Calma, ok? Eu descobri há alguns dias. Você tem que ficar calmo...

Ele não me deixa falar, apenas me pega nos braços e me joga para cima, rindo igual a um louco. Theodoro me gira e nisso meu mundo sai de foco. Assim que me coloca no chão, suas mãos vão para o meu ventre liso.

— Eu vou ser pai. Eu vou ser pai de novo. — Ele me olha, dando um sorriso bobo. — Quanto tempo?

— Cinco semanas só. — Sorrio e não tenho tempo para falar nada, pois meu estômago está instável e sinto o café da manhã voltando. Coloco a mão na boca para impedir a bile e dou passos rápidos para longe.

— O que houve? — Ouço a voz do meu marido.

— Ela provavelmente ficou enjoada com o giro.

— Ah, caralho. Eu vou ser um péssimo pai para acompanhar uma gravidez.

Entro no banheiro do lado de fora da fazenda e coloco para fora todo o café da manhã. Cansada, eu suspiro e me escoro na parede mais próxima. Sorrio de lado, sabendo que Theodoro será um ótimo pai para a criança em meu ventre, da mesma maneira que é para Amanda e Noah.

— Caraio! — A voz fofinha do meu filho corta meus pensamentos.

Ouçõ a porta do banheiro se fechado e sinto a mão de Theodoro em minhas costas, me ajudando a levantar.

— Você realmente tem que parar de xingar. — É tudo que eu digo enquanto ele me levanta e me ajuda a lavar o rosto. Assim que termino, suas mãos enlaçam a minha cintura e ele beija o topo da minha cabeça.

— Eu amo você. Obrigado por mais um presente.

— Também amo você. Obrigada por ter me encontrado.



Oito meses depois

O cansaço avança sobre meu corpo de maneira esmagadora. Sinto meus olhos pesados e o sono ameaça me dominar. Tudo dói. É aquela batalha mais árdua da vida de uma mulher. E estou passando pela segunda vez.

— Cheguei, mamãe.

A voz do meu marido me faz abrir os olhos e encontrar o pequeno pacote embrulhado em um lençol branco se aproximando. Theodoro inclina o nosso bebê em minha direção e sorri.

— É um menino.

Passamos oito meses inteiros sem saber qual o sexo do nosso bebê. A família toda enlouqueceu e agora está aqui. Nem o nome escolhemos. O pequeno está de olhos fechados, só um tufo de cabelos castanhos na cabeça. Aproximo minha mão e toco seu rostinho. É lindo. Nosso terceiro filho é a coisa mais perfeita do mundo.

Sim, terceiro. Amanda é minha filha de coração, sempre será. Noah é meu amor, que me fez renascer.

E agora tenho ele. Minha segunda chance.

— Thales Alencastro — sussurro, focando em sua bochecha. Não é nada programado, mas desde que fiquei grávida, imaginei homenagear o irmão do meu marido. Eu sei que ele nunca pediria isso. — Ele tem cara de Thales — digo e sorrio em sua direção.

— Achei perfeito. Thales. Papai e mamãe te amam — meu marido diz, beijando a mãozinha do garoto enquanto lágrimas descem em seu rosto. — E seus irmãos estão ansiosos para conhecer você.

E essa é a minha família. Extensa e especial. Da maneira que sempre desejei.



PRÓXIMO LIVRO DA AUTORA

CAMILLA — SEGUNDO LIVRO DA SÉRIE ENLAÇADOS

Mas se quer saber mais sobre isso é só me seguir nas redes sociais!



QUER RECEBER AS
NOVIDADES EM
PRIMEIRA MÃO?

Assine nossa: [NEWSLETTER](#)



Thais Oliveira é escritora iniciante de romances, estudante de pedagogia e divide seu tempo entre estudar, trabalhar e escrever. Apaixonada por clichês, busca sempre isso em seus livros, tentando não deixá-los no esquecimento. Escreveu seu primeiro livro em 2016, porém, só publicou em 2017, o romance de estreia Nove meses depois, atingindo mais de 250.000 leituras online. Do interior do Pará, acredita que não há males que um bom romance não afaste.